ARCHER DE LIMA

Eça de Queiroz Diplomata

Com vários trabalhos inéditos que Eça enviou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e outros apontamentos ainda não publicados

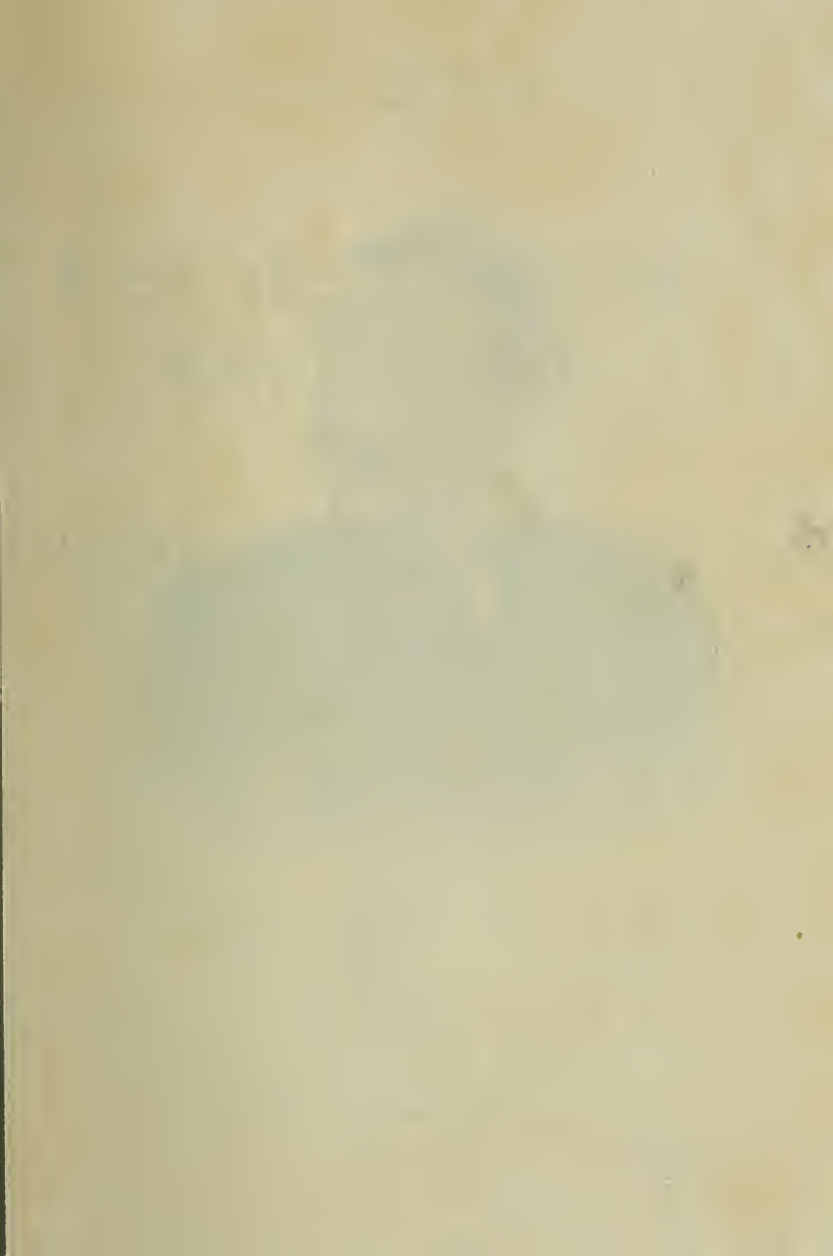
PORTVGALIA
EDITORA
75, R. do Carmo, 75
LISBOA

EÇA DE QUEIROZ DIPLOMATA

DO MESMO AUTOR:

Profissão de Fé
A Paz e a Humanidade
Jornadas Nostálgicas — Vitor Hugo
Acordar na Vida
Livro de Sonetos
Visão do Calvário
Humanidade Futura
O Mistério da Rocha de Conde de Óbidos
Uma Família
Duas Vidas
Acima das Mentiras Convencionais
Anti-Homem
A Estrada Gloriosa
Os Espétros (1.ª série)
Nosso Pae aos Entrevados
Waterloo
O Mar
O Infinito
A Terra
O Evangelho dos Miseráveis
Paternidade
Magalhães de Lima e a sua Obra
Paixão e a Morte de Camilo
Os Deuses Extinguem-se
O Marquês de Soveral e o seu tempo
Maternidade

A PUBLICAR:

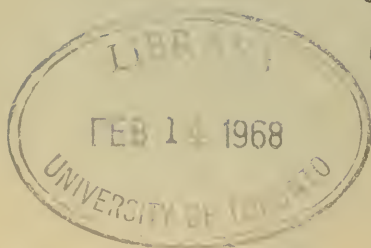
Livro de Horas dos Bibliógrafos — O Livro d'Arte Ed.
Assunção de N. S. Ricardo Wagner—Livro d'Arte Ed.
A Bibliomania—Livro d'Arte Ed.
A Paixão duma Portuguesa
A Vida Literária
Guerra Junqueiro Diplomata

Eça de Queiroz

ARCHER DE LIMA

Eça de Queiroz Diplomata

Com vários trabalhos inéditos que Eça enviou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e outros apontamentos ainda não publicados

PORTVGALIA
EDITORA
75, R. DO CARMO, 75
LISBOA

I

—José Maria d'Eça de Queiroz.

—Presente.

Por entre essa mocidade que concorria ao logar de consul de primeira classe no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, avançou um rapaz elegante, alto, de trajo irrepreensivel, muito magro e palido e dum olhar mortiço, todo pendido, adiantando-se para a meza onde iam começar os seus trabalhos. A chamada continuava lenta e solene. Estava-se procedendo á convocação dos concorrentes para esse concurso que tinha anunciado o «Diario do Governo» de 22 de Junho de 1870. Não eram muitos os que se apresentaram para prestar provas: entre eles surgiu tambem, Jaime Batalha Reis que foi um grande amigo de Eça e o ilustre Saldanha da Gama.

Nessa aristocratica sala do Corpo Diplomatico estava reunido o juri que vinha julgar do valor dos candidatos e das suas aptidões. Esse salão constitui uma pagina de historia: ahi se encontrou face a face, Portugal perante as nações, nas suas crises,

nos seus egoismos, nas suas ambições; ahi se discutiram os maiores problemas; ahi se debateram interessantes questões. Avivar esse passado de brilho, em que nobilissimas figuras de grande criterio e alcance de vistas deram o melhor do seu espirito ao seu paiz, é trazer para o Sol, gente grada, trabalhadores cheios de saber e de confiança no futuro duma patria ingrata.

Descem dos quadros, ainda, nas suas fardas, todos esses diplomatas que a Historia esqueceu em parte; veem até nós, e comparação dificil, já pelo caracter, já pela sensibilidade, já pela altivez, essas sombras ainda passam por ahi, como lamentando a falta de continuadores e logo que anoitece, como uma reunião magna, as salas iluminam-se quando os outros se vão e se fecha o palacio e as figuras saem dos quadros, conversam. Veem dos tempos aureos em que Portugal pugnava com denodo pelo seu nome e pelo respeito; trazem ao peito insignias de grandes de Portugal; tudo isso vem, na sua elegancia de maneiras, numa educação primorosa, esquecida completamente hoje, num respeito e num cumprimento de dever que nos orgulha, ao menos, em certos casos, de sermos portugueses. A obra desses homens que ainda não encontrou em Portugal um historiador, vista e analisada nos seus multiplices aspectos, tem paginas a salientar que não deixa em pequenez, á missão das outras nações. Seres de uma alta cultura, alguns deles deixaram serviços ás letras, como o Visconde da Carreira,

que descobre e publica a Cronica da Conquista da Guiné, como Miguel Dantas estudando os falsos D. Sebastião, como Figanière publicando a Bibliographia Historica Portuguesa que ainda se não fez nada de melhor, e tantos, longa perigrinação a fazer, estudos dignos para o culto duma raça que os lembra com saudade. As situações que estes homens conquistaram nas grandes côrtes europeias, o muito que fizeram e está esquecido, e como souberam morrer pobres, elegantes até na morte, como o Visconde de Paiva, suicidando-se com o ultimo charuto molhado em acido prussico.

*

Este concurso, raro entre outros, levava ahi seres cheios de faculdades admiraveis : Eça de Queiroz é uma das mais nobres figuras que inaltece uma carreira. Nesse tempo, para não falar senão em literatos, nós encontramos esse delicado prozador que foi o Conde de Sabugosa, (1) o admiravel poeta que

(1) Antonio Maria José de Mello Cezar e Menezes, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, comendador da Ordem da Estrela Polar da Suecia e de Carlos III de Espanha, grande oficial da Ordem da Corôa de Italia e do Sol Nascente do Japão, etc. Nomeado precedendo concurso distinto segundo oficial da Direcção Politica do Ministerio dos Negocios Estrangeiros por decreto de 27 de Julho de 1882, onde se apresentou no dia 28 do

foi Antonio Feijó, (1) o interessante critico de arte, duma cultura vasta, que foi o visconde de Sove-

---

mesmo mez e nesta qualidade serviu na referida Direcção até 8 de Janeiro de 1885 em que foi promovido a 1.º secretario da Legação em Roma junto de S. M. o Rei de Italia. Não chegou a partir para o seu novo destino, por lhe ter sido ordenado, por portaria de 10 do mesmo mez de Janeiro que continuasse a servir temporariamente na mencionada Direcção. Por portaria de 19 de Setembro do mesmo ano foi encarregado de organisar a Repartição das Colonias que se creou junto do Ministerio dos Negocios Estrangeiros onde continuou a servir até 6 de Maio de 1886, em que, por decreto desta data foi exonerado do logar de primeiro secretario na Legação em Roma e colocado na disponibilidade. Nesta situação se conservou até que por decreto de 21 de Outubro do mesmo ano de 1886 foi chamado novamente ao serviço e nomeado sub-director da Direcção Politica onde se apresentou no dia 22 de Outubro, entrando logo em exercicio. Nomeado vogal da Comissão creada por decreto de 21 de Agosto de 1889 para habilitar o governo a decretar um novo regulamento consular e respectivos formularios. Promovido a Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto de S. M. o Rei dos Belgas em 22 de Agosto de 1889, mas foi-lhe ordenado que continuasse a fazer serviço no Gabinete do Ministro onde se conservou até á queda da monarchia. Como sucessorde seu pae, o marquez de Sabugosa, tomou posse e assento na Camara dos Pares em 26 de Março de 1898.

(1) Antonio de Castro Feijó bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra fez concurso em 30 de Julho de 1885 para consul de 1.ª classe. Nomeado para o Rio Grande do Sul em 21 de Janeiro de 1886. Transferido para egual cargo em Pernambuco por decreto de 18 de Outubro

ral; (1) e até Camillo Castello Branco, esse de longe, porque apezar de ter sido nomeado, adido honorario junto á Legação de Portugal na Côrte do Rio de Janeiro, o decreto especifica que não terá vencimento, nem acesso na carreira diplomatica: este decreto feito no governo do Duque de Saldanha e assinado pelo Visconde d'Athouguia em 8 de Agosto de 1855, fecha neste documento a sua entrada, preferindo ficar nos seus trabalhos literarios e no seu isolamento. Teria talvez compreendido o mestre da Seide que nunca poderia ser um diplo-

---

de 1888. Transferido como consul geral para Stockholmo em 22 de Agosto de 1890. Consul em Stockholmo e Copenhague e encarregado de negocios. Precedeu em 2 de Dezembro de 1897, em Copenhague, á troca das ratificações da declaração comercial celebrada com a Dinamarca para o que lhe foram conferidos os plenos poderes, em que se houve com brilho e inteligencia.

(1) Luiz Augusto Pinto de Soveral Conselheiro de Estado formado em Letras pela Universidade de Londres. Comendador de Cristo, de Vila Viçosa, Gran-Cruz de Isabel a catolica e Carlos III, S. Mauricio e S. Lazaro de Italia, gran oficial da legião de honra, etc, etc. Adido da legação em Londres em 12 de Junho de 1839 e depois em Madrid. Secretario da Legação por decreto de 4 de Fevereiro de 1850 para a Corte de Madrid. Promovido a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario no Rio de Janeiro por decreto de 23 de Fevereiro de 1856, não chegando a tomar posse porque foi transferido para Madrid. Foi encarregado de varias missões diplomaticas em que se houve com distinção, etc.

mata, dado o seu temperamento por vezes rude, homem que soube pegar num cacete, sem se poder modificar ante o inimigo? Esta nomeação é ainda um pouco ao seu romantismo, mas a vida nas suas ciladas, aterrava-o, fazia-o fugir com horror, porque já se sentia perseguido pela lei do sofrimento, que ele confessa, ter herdado da sua familia.

*

—José Maria d'Eça de Queiroz.

Mal pensavam todos ao inscreve-lo nesse concurso e ao dar-lhe entrada nessa Casa, o que este homem ia trazer de gloria ao Ministerio, com esse nome que é uma das mais belas joias de Portugal, por esse tempo em que a ilusão floria, sem previsões das negruras que se avolumaram no horizonte e veem chegando, nesta triste vida que levamos todos.

II

O Livro da porta do Ministerio dos Negocios Estrangeiros marcou entrada em 18 de Agosto de 1870 a este interessante documento:

Imposto de Sello—Corôa de 60 reis—Senhor—José Maria d'Eça de Queiroz, bacharel formado em direito na Universidade de Coimbra pretende entrar no concurso, que, pelo anuncio publicado no «Diario do Governo» n.º 137 de 22 de Junho d'este anno, se acha aberto para o provimento dos lugares de consules de 1.ª classe em conformidade das disposições do decreto de 18 de Dezembro de de 1869.

Pelos documentos n.º 1 e 2 mostra o Supp.e que, por decr. de 21 de Julho d'este anno foi despachado administrador do concelho de Leiria, tomou posse, e se acha no exercicio d'este cargo. E porque o Supp.e completou 21 annos d'edade posteriormente ao dia 1 de Janeiro de 1856, como prova no doc. n.º 3, e conseguintemente não podia ter sido despachado para aquelle emprego sem apresentar certidões, de como fôra recensiado e

entrára no sorteamento para o recrutamento, segundo é expresso no art.º 54 da Lei de 27 de Julho de 1855, julga-se o Supp.e dispensado de mostrar aquella certidão para satisfazer o que ordena o n.º 1 do referido anuncio. O Supp.e junta os documentos n.º 4 e 5 folha corrida ultimamente em Villa do Conde, terra da sua naturalidade e em Lisboa, onde tem residido desde que completou a sua formatura até que ha poucos dias foi para Leiria tomar posse do lugar de administrador, do concelho. Julga o Supp.e ter satisfeito assim ao que se ordena no n.º 2 do dito anuncio.

O Supp.e não junta, nem pode juntar certidão de quitação para com a Fazenda Publica, porque nunca exerceu emprego, de que lhe pudesse resultar responsabilidade para com ella. Parece pois ao Supp.e que não tem que satisfazer ao que ordena o n.º 3.º do referido anuncio.

O Supp.e nunca exerceu emprego de que derive direitos de mercê e sello; e por isso não tem que satisfazer ao que determina o n.º 4 do dito anuncio. E' certo que o Supp.e está exercendo emprego de que tem de pagar aquelles direitos; mas estando no exercicio d'elle apenas ha poucos dias, não houve ainda tempo de lhe serem liquidados aquelles direitos, o que leva sempre muita demora e por isso, e sem culpa sua, não tem podido realizar o pagamento.

O Supp.e junta em documento n.º 6 o atestado passado pelo seu chefe e a que se refere o n.º 5

do anuncio. Não junta outros atestados, por que nunca exerceu outro emprego publico.

Pelos documentos n.º 7 e 8 mostra o Supp.ᵉ que é bacharel formado em direito na Universidade de Coimbra. Não junta as suas cartas de formatura que aliás estão registadas na Secretaria do Supremo Tribunal de Justiça, como mostra o Documento n.º 8 por que infelizmente se lhe desencaminharam. Julga o Supp.ᵉ ter satisfeito ao que se ordena no referido anuncio e por isso

Pede a Vossa Magestade se digne admittil-o a entrar no concurso.

E. R. M.[cê]

(a) José Maria d'Eça de Queíroz.

Sobre o recrutamento militar o Director Nogueira Soares apresentou ao Ministro dos Negocios Estrangeiros uma informação em que dá razão ao requerente.

*

Junto a este requerimento apresentava Eça de Queiroz: a primeira folha do «Diario do Governo» de 26 de julho de 1870 em que o Ministerio dos Negocios do Reino, pela 2.ª Repartição faz publico para conhecimento de todas as repartições, tribunaes e autoridades, a quem pertencer, e das partes

interessadas, se publicam os seguintes despachos, effectuados em datas abaixo designadas.

Bacharel José Maria d'Eça de Queiroz nomeado por proposta, para administrador do concelho de Leiria.

O CONSELHEIRO, SECRETARIO GERAL

Luiz Antonio Nogueira.

*

Um outro requerimento:

Ill.mo Sr.—Diz José Maria d'Eça de Queiroz administrador do Concelho de Leiria que precisando em interesse proprio d'apresentar o auto que n'esta administração se lavrou da sua posse.

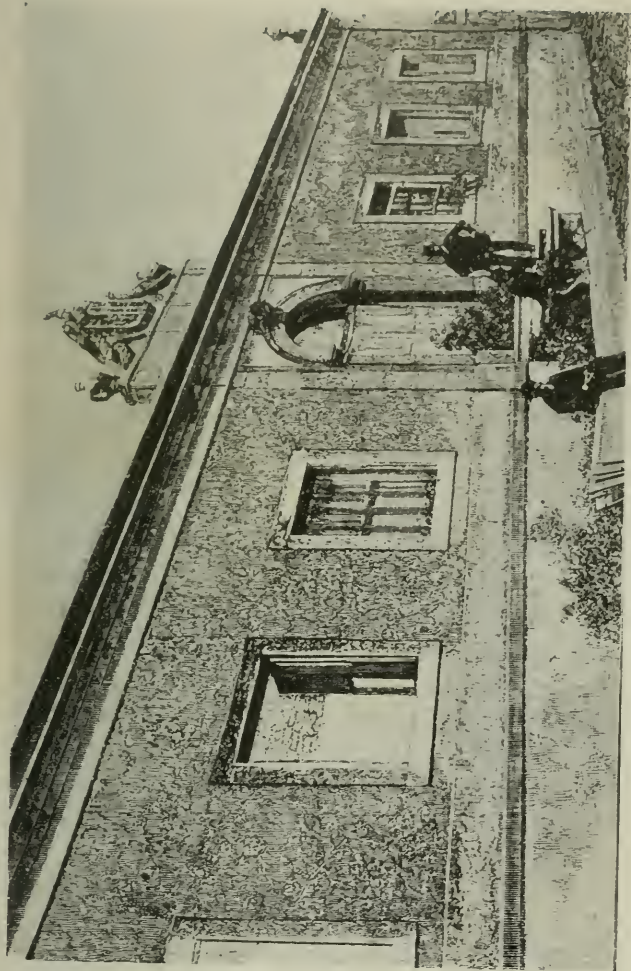
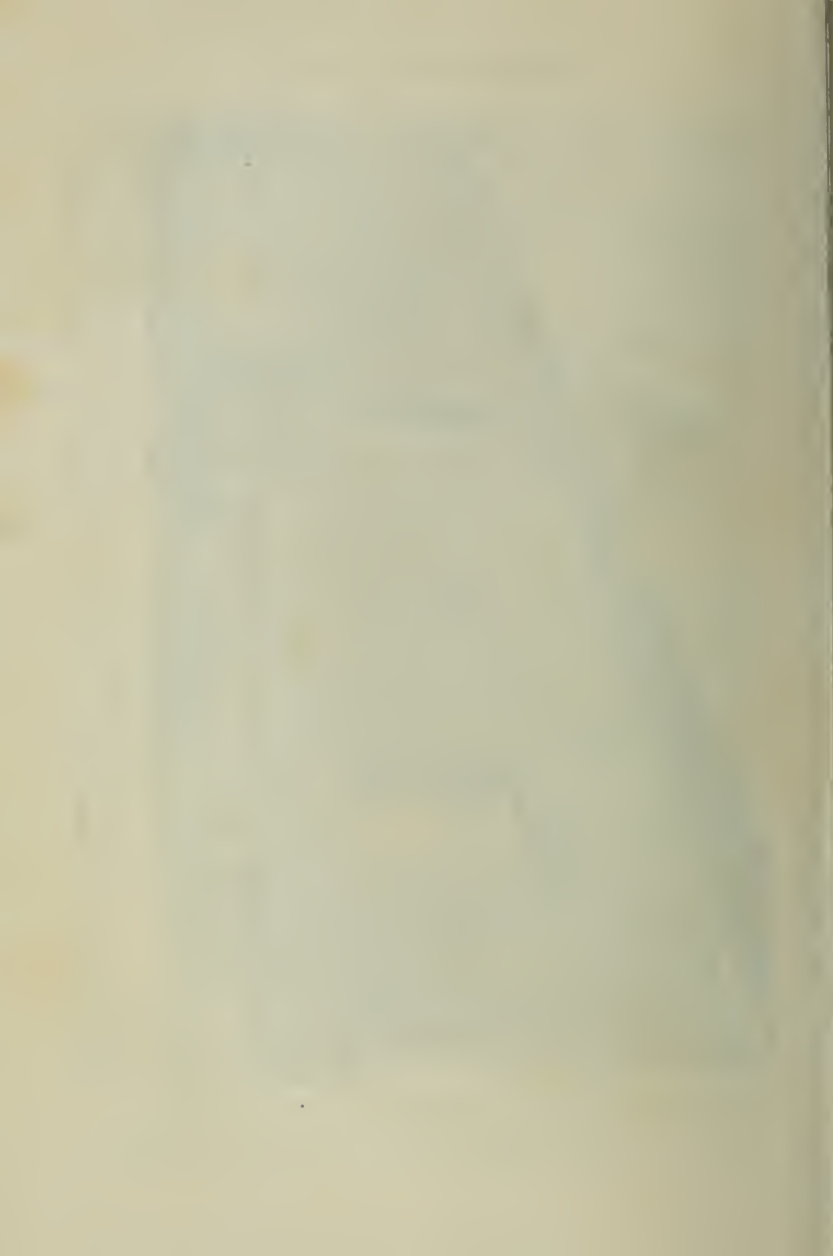
Pede a V. S.a se digne mandar-lhe passar por certidão o theor do mesmo auto.

Leiria, 6 de Agosto de 1870.

(*a*) ASSINADO SOBRE UM SELLO DE 60 REIS

José Maria d'Eça de Queiroz.

AUTO

Romão José Dias, escrivão d'Administração do concelho de Leiria por Sua Magestade El-Rei que

Verdemilho — Casa dos avós d'Eça de Queiroz. Hoje separada por uma estrada da quinta que a cercava, e há muitos anos desabitada. É uma légua da linda cidade d'Aveiro.

Deus guarde. Certifico que no livro respectivo dos autos de posse que serve n'esta administração, nelle a folhas seis encontrei o auto a que se refere a petição retro cujo theor é o seguinte: — Auto de Posse — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta aos trinta dias do mez de Julho, n'esta cidade de Leiria e na casa da administração do concelho onde se achava o administrador substituto do mesmo concelho, o cidadão José Adrião Xavier Negreiros, compareceu o bacharel José Maria d'Eça de Queiroz, nomeado para o Cargo d'Administrador effectivo deste Concelho por Decreto de vinte e um do actual mez (Diario n.º 161). Pelo referido administrador substituto foi dada posse ao mencionado bacharel, entregando-lhe neste acto a gerencia dos negocios d'esta administração, de que este tomou conta, ficando investido na dita posse. Para tudo ficar constando mandaram lavrar este auto, que vae por ambos assignado depois de lido por mim. Romão José Dias escrivão que o escrevi — José Maria d'Eça de Queiroz — José Adrião Xavier Negreiros. Leiria seis de agosto de mil oitocentos e setenta, e eu Romão José Dias o escrevi.

*

Segue a certidão de edade — Nasceu a 25 de Novembro de 1845. No 1.º de Dezembro foi batisado na Collegiada de Villa do Conde com imposição dos

Santos Oleos pelo Reverendo Pedro Antonio da Silva Coelho, foram padrinhos o Senhor dos Afflictos tocando com o seu resplendor o mesmo baptisante e madrinha D. Anna Joaquina Leal de Barros.

*

Segue outro requerimento para a folha corrida:

O bacharel formado em direito José Maria d'Eça de Queiroz, filho de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz de D. Carolina Augusta Pereira d'Eça, natural e baptisado na Freguezia Matriz Collegiada de Villa do Conde d'este Concelho, precisa para se mostrar sem culpas n'este juizo que V. Ex.ª lhe mande passar alvará de folha corrida.

A seguir o alvará.

*

Outro documento para a folha corrida em Lisbôa:

O bacharel formado em direito José Maria d'Eça de Queiroz, filho de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz e de D. Carolina Augusta Pereira d'Eça, morador n'esta cidade, Praça de D. Pedro, n.º 26, Freguezia de Santa Justa, precisa etc.

Lisboa, 6 de Julho de 1870.

(a) José Maria d'Eça de Queiroz

*

Apresenta tambem um atestado de louvor:

Eu Governador Civil do Districto de Leiria, Fidalgo cavalleiro e Moço Fidalgo do Conselho de Sua Magestade Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

Atesto que durante os poucos dias que mediaram, entre o dia da posse dada ao Bacharel em direito, Eça de Queiroz, da Administraçam do Concelho de Leiria, até ao dia em que comeҫei a uzar da licença que por trinta dias pedi ao Governo de Sua Magestade, não só reconheci da aptidão pratica d'este digno Bacharel, e provas tam incontestaveis da sua illustraçam e intelligencia em cargo tam inferior ao seu merecimento; como bem da aptidão, zelo e dedicaçam ao serviço. Palacio do Governo Civil de Leiria, 1 de Agosto de 1870.

O GOVERNADOR CIVIL

(a) L. T. Sampayo

*

Requerimento á Universidade pedindo para que se lhe passasse certidão da sua formatura na Faculdade de Direito. Segue o certificado provando que nos anos lectivos de 1865 a 1866 fez o requerente exame das disciplinas do quinto ano de direito na forma dos estatutos e fôra aprovado.

*

Requerimento que fez em 2 de agosto de 1860 para certificado de que podia exercer a advocacia nos Auditorios d'esta Comarca de Lisbôa:

Segue o certificado:

Antonio Joaquim da Costa Lami, official da Secretaria do Supremo Tribunal de Justiça por Sua Magestade El-Rey que Deus guarde, servindo no impedimento do secretario do dito Tribunal — certifico que no Livro competente onde se inscrevem os bachareis formados em Direito pela Universidade de Coimbra que pertendam advogar nos auditorios d'esta Capital, n'elle a folhas trinta e uma se acha o termo do thêor seguinte:

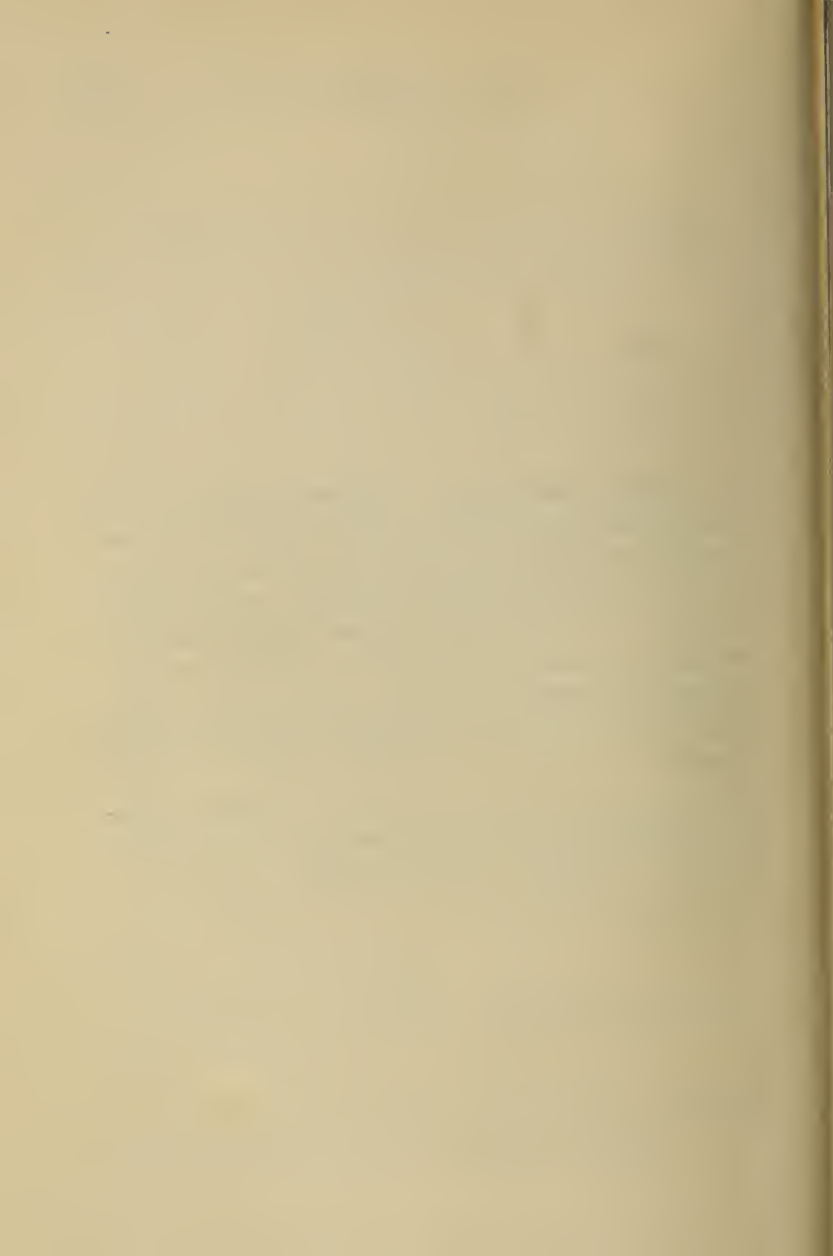
«Aos dez dias do mez de outubro de mil oitocentos e sesenta e seis n'esta Secretaria do Supremo Tribunal de Justiça foi presente José Maria d'Eça de Queiroz, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, como mostrou pela sua Carta de Formatura, e em virtude do despacho da Presidencia fica inscripto no Livro da matricula dos Advogados. Do que para constar se lavrou este termo que eu Antonio Joaquim da Costa Lami, subscrevi pelo Secretario.

Secretaria do Supremo Tribunal de Justiça, quatro de Agosto de mil oitocentos e setenta.

(a) Antonio Joaquim da Costa Lami. (a) Domingos José Quaresma. — Pagou 300 réis.

III

Tarde animada essa. Nogueira Soares que era uma activa figura déra as ultimas ordens para que os concorrentes tivessem tudo que lhes fosse preciso na sua ardua tarefa. Tirado o ponto Eça de Queiroz vae fazer a sua primeira dissertação ; vae aparecer no seu trabalho a garra do grande escritor. Todos se sentam; um silencio solene segue sempre este acto. Dão aos concorrentes varias folhas de papel.

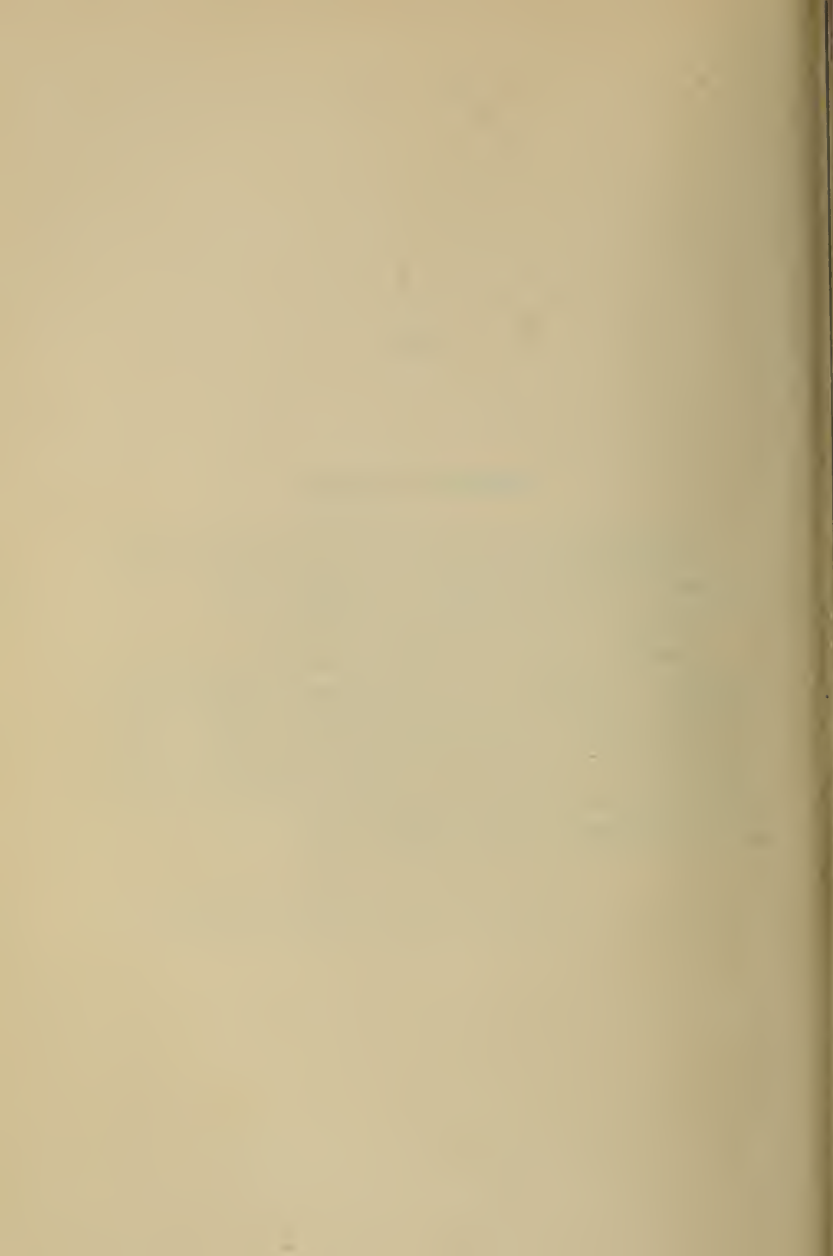
E Eça de Queiroz escreve, na sua letra miuda estas paginas que vão guardar o seu nome, para no fim se comparar com a sua tese.

IV

Exercicio theorico

A legitimação do direito de visita está na necessidade de tornar effectivo o direito, etc.

Exercio Pratico—Ultimo Período.

Sendo a base do direito internacional, a reciprocidade e havendo a mais perfeita cordialidade de relações entre os dous paizes estou certo que V. não quererá estabelecer collisões, sendo de mais, tão incontestaveis os principios d'onde deriva a minha reclamação. Deus guarde, etc.

(a) José Maria d'Eça de Queiroz

V

Dissertação

«Direito de Visita. Limites do Direito de Visita emquanto ao tempo e logar».

A legitimação do Direito de Visita está na necessidade de tornar effectivo o direito que assiste a todo o belligerante de impedir o contrabando de guerra. Em casos e legislações mais especiaes o direito de visita teve a sua justa origem na necessidade d'obstar á escravatura.

Uma das vantagens consideraveis que derivão naturalmente do estado de neutralidade é a liberdade de levar uma nação o seu commercio atravez dos mares e dos portos sem embaraços e sem perigos. Mesmo sob pavilhão inimigo a mercadoria neutral é inviolavel: a guerra tem tido sucessivamente n'este seculo uma limitação crescente. Tanto nos seus direitos como nos seus processos. Hostilisar o belligerante, diminuir-lhe os seus recursos, circunscrever-lhe o poder da sua acção, tal é o

stricto direito. Chamar os effeitos de guerra para os interesses neutraes, está fóra do direito das gentes, é uma violencia injustificavel.

No entanto dentro dos justos direitos de guerra, o belligerante pode legitimamente impedir tudo o que directamente, ou em certos casos indirectamente concorra para auxiliar o seu inimigo, robustecer a sua força, instigar a sua resistencia ; o belligerante pode pois, impedir, pela força, que o seu inimigo receba armas, munições, polvora, e tudo aquillo que tenha uma immediata applicação aos usos da guerra. Se estes auxilios partem directamente, ostensivamente d'uma nação neutral, sob o impulso d'ella, com seu inteiro conhecimento e approvação official —então a neutralidade considerou-se quebrada e o direito d'hostilidade reconhecido. Podem porem estes auxilios d'armas e munições serem prestados por particulares: antigamente, n'uma limitada acção industrial, quando não estavam desenvolvidas as grandes companhias, montadas as fabricas poderosas, auxilios valiosos d'esta natureza erão quasi impossiveis sem participação directa do Governo: hoje porem um particular, um industrial pode expedir para um governo belligerante, umas poucas de mil armas, toda a sorte de munições, um navio para armar em corso, etc, etc.

Pelo desenvolvimento, pela democratisação da industria estes fortes fornecimentos deixaram de ser um monopolio do estado. Entrão no commercio dos particulares. É a isto que se chama contrabando

de guerra — E' evidente que uma nação neutral não pode impedir este commercio feito pelos seus naturaes: isso seria uma coacção injustificavel da iniciativa e da liberdade de trabalho.

Mas não pode tambem proteger este commercio: isso seria uma violação desleal da neutralidade. De sorte que este commercio *não* coarctado mas *não* protegido, está plenamente abandonado aos recursos naturaes da sua intelligencia, da sua actividade e em muitos casos da sua astucia. O belligerante tem pois todo o direito de aprehender todos os navios ou transportes que fação este commercio: com isto não attaca o respeito da neutralidade: exerce apenas o seu direito imprescriptivel de diminuir os recursos inimigos: não attenta tambem a mercadoria neutral, por que aquelle commercio pelo facto de ter uma applicação hostil, perde a qualificação neutra. O direito de aprezar o contrabando de guerra não é illimitado: está circunscripto pelo logar, pela circunstamcia d'ida ou de retorno, pelo estacionamento n'um porto neutro, etc.: não tem egualmente em quanto aos objectos uma generalização arbitraria: está hoje apenas, segundo os principios mais elevados do direito maritimo, e dos publicistas mais criticos e mais profundos, considerado como contrabando de guerra, aquillo que directamente serve para os usos de guerra, como armas, polvora, ou algodão, ou salitre em quantidade que demonstrão ter um destino militar etc. Os viveres, por exemplo, são por muitos tratados

assumptos de qualificação de contrabando de guerra. De resto o contrabando de guerra, tem pelo direito maritimo muitas limitações, especies, formas especiaes, que não é do interesse directo d'este ponto o tratar aqui.

O direito d'impedir o contrabando de guerra, seria illusorio, sem o direito de visita.

Ora estando o direito de impedir o contrabando no justo limite da acção belligerante, sendo um direito tão innegavel como atacar uma praça ou dar uma batalha, sendo até por certo lado d'aquelles meios de guerra tanto mais justificaveis, quanto mais que reunem a humanidade e a vantagem dos belligerantes — o direito de visita está inteiramente legitimado, e perde totalmente o seu caracter de violencia para assumir um caracter de legalidade.

A nacionalidade que o navio representa, de que elle é, para assim dizer, uma parte errante no mar, não é attacado no acto de visita: a nação não protegeu, não garantiu aquelle commercio: elle vae expontaneamente pela sua iniciativa: quando tentou o ganho sabia que se sugeitava ao perigo: pelo facto de dar á sua mercadoria um destino hostil, tirou-o da protecção da sua bandeira, deu-o á protecção do acaso: só a mercadoria é considerada inimiga, só ella soffre, só sobre ella, ou sobre os interesses que ella representa, recahe o castigo: se o armador do navio, se o consignatario, tiverão a felecidade casual de entrar no porto do seu destino, com o seu contrabando intacto, não tem pena,

nem mais responsabilidade: por isso tambem não está fóra da justiça, que sendo avistado, perseguido, visitado e capturado soffra a pena, do acto d'hostilidade, em que collocou a sua mercadoria. O direito de visita, é pelas condições especiaes do transito por mar, o unico meio de conhecer a existencia do contrabando de guerra a bordo dos navios. Contestal-o, seria contestar o direito legitimo de impedir o contrabando de guerra. O direito de visita não é porem um direito illimitado, universal, e realisavel em todas as condições: tem alem das limitações possiveis dos tratados, aquellas que derivão naturalmente da soberania das nações, da sua independencia, e dos principios internacionalmente acceites, do direito maritimo. Entendo que a sua primeira limitação é o logar: o direito de visita só pode exercer-se no pleno mar, no mar livre, n'aquelle onde se não pode exercer nenhuma jurisdicção, nem nenhuma soberania. O direito de visita é injustificavel nos mares territoriaes, portos, enseadas, bahias, embucaduras dos rios. O seu verdadeiro e legitimo logar d'acção é a via de transito no alto mar. Os mares territoriaes estão ainda sob a soberania da nação: são territorio seu: pode guardal-o, defendel-o, impedir-lhe a entrada, quando tenha meios de tornar effectivo esse direito, sendo a nação neutra o mar territorial é neutral: todo o acto hostil ahi é defeso aos belligerantes: todo o acto que seja a realisação d'um direito de guerra é-lhe egualmente vedado: o acto de visita pode

ser preliminar do acto de presa: a presa é impraticavel no territorio neutro: todos os actos que o seguem, todos aquelles d'onde ella deriva são egualmente vedados nos limites da nação neutral. O direito de visita é um exercicio da soberania: nenhuma nação pode exercer a sua soberania no territorio d'outra: é um attentado á sua independencia que pode ser legitimamente repellido pela força. Por isso o navio de guerra que quizesse fazer a visita no porto, na enseada neutral, ou ainda na linha da costa territorial, cuja defesa fosse efectiva por meio de fortalesas, ou outras obras militares, podia ser constrangido a abster-se de todo o acto de visita. O pleno exercicio do direito começa onde se extingue a acção das soberanias na livre vastidão do mar.— Subtende-se creio, uma outra limitação ao direito de visita: é que só pode ser exercido sobre navios de commercio: para os navios de guerra, seria um preparativo de hostilidade e d'ataque.— Uma outra limitação: é que só pode ser exercida por belligerantes e durante o tempo da guerra. O direito de visita sendo uma coarctação, ainda que justificada e legitima, da liberdade do commercio e da soberania nacional, sendo sobretudo uma violação d'independencia particular, e tendo incontestavelmente certos elementos de vexação, deve ser limitado ao tempo stricto em que fôr indispensavel. Em tempo de guerra a necessidade de tornar legitimo e efficaz o direito do belligerante, justifica-o, tira-lhe o catacter vexatorio, dá-lhe a attitude d'uma jurisdicção

necessaria. E' alem disso um dos elementos da simplificação da guerra: por que tirar os recursos ao inimigo, enfraquecel-o sem o destruir, diminuil-o sem o disimar, é um processo de guerra humano.

Mas logo que seja feita a paz, o direito de visita tornado inutil, por que deixa de existir o contrabando de guerra, perde o caracter legal, e adquire a attitude d'uma vexação inutil. Continual-o, não tinha razão de ser, não tinha legitimidade, era terminar a guerra na politica, e continual-a no commercio, era perpetual-o mesmo provocando as represalias armadas. Ha na historia das guerras maritimas exemplos d'estas pretensões. Levadas para a politica forão repellidas pela logica, sustentadas pelas armas forão repellidas pela força. Nada, pois, pode justificar a continuação do direito de visita, terminada a guerra.—É claro que o direito de visita só pode ser exercido pelos navios de guerra das nações belligerantes: só ellas teem direito a impedir o contrabando; só ellas teem direito a procural-o, a perseguil-o. A Inglaterra já se aproveitou do estado de guerra entre duas nações, para querer fazer valer o seu direito de visita sobre navios neutraes: é ainda uma das manifestações, que aquella nação durante muito tempo quiz fazer, da sua soberania do mar. Mas tal procedimento é uma violação das neutralidades, do direito internacional, da liberdade do commercio, da liberdade do mar, da independencia, e a consciencia só pode dar-lhe uma reprovação indignada.

A visita é feita pelo navio de guerra: quando o navio de guerra aviste um navio que suppõe leva contrabando de guerra ergue o seu pavilhão dando um tiro de canhão, que é a affirmação e como o juramento, de que a bandeira que ergue é realmente da sua nação. Um official vae n'um escaler a bordo do navio intimado: o navio de guerra deve ficar a distancia de poder tornar effectivo o seu direito. O official examina os papeis de bordo, o seu passaporte real, o manifesto de carga etc. De tudo faz um termo. O official, não pode na verdade fazer mais do que examinar os papeis: o resolver a carga, examinal-a meudamente, explorar o navio, são factos demorados e que as condições de navegação nem sempre permittem. No entanto circunstancias ha em que um exame escrupoloso é indispensavel: é quando o official por circunstancias de momento, ou desconfianças, suppõe que o passaporte do navio é falso, os seus papeis falsos. Então é do seu dever, examinar a carga, fazendo-se seguir do capitão e explorar todas as accomodações do navio. Deve-se notar que em tempo de guerra, ha em todos os portos d'um commercio consideravel, uma industria subterranea e astuciosa que consiste em fazer papeis d'um navio falsos, sobre tudo os passaportes. De sorte que é necessario que o official attenda bem a que sob a garantia de papeis apparentemente innocentes, pode estar um perigoso contrabando de guerra.—Uma outra limitação é: que não podem

ser visitados os navios de commercio que navegão nas agoas e em conserva com navios de guerra da sua nação. Entendo que estes navios devem ser considerados, como estando nas agoas territoriaes, ou nos portos do navio neutro. Os navios de guerra exercem então alli uma soberania, tanto mais incontestavel, quanto teem os meios de a tornar effectiva e activa. Suppõe-se que esses navios de guerra conhecem bem a natureza da carga, que os navios de commercio navegando nas suas agoas trazem a bordo são responsaveis por elles: são a sua garantia, tanto para os defender das violencias inimigas, como para dar testemunho da innocencia innoffensiva da sua carga. Tentar n'estas condições exercer o direito de visita, seria attacar violentamente a neutralidade. Não se poderia suppor uma conivencia criminosa entre os navios de guerra e os navios de commercio, que manchasse a honra da sua bandeira.

E todo o comandante de navio de guerra, que vá protegendo uma frotilha commercial, tem o direito de repellir pela força toda a tentativa feita para visitar os navios que vão sob a garantia da sua honra militar.

Um almirante sueco, navegando e protegendo alguns navios de commercio, offereceu batalha a navios de guerra (dinamarquezes, creio) que querião fazer a visita a bordo dos navios mercantes. — A presença d'um official de marinha a bordo d'um navio mercante deve impedir, senão a visita (por

isso mesmo que a sua presença é naturalmente ignorada por o navio de guerra) ao menos o exame á carga e mesmo o exame dos papeis. A presença do official é alem d'isso a melhor garantia que pode ter o navio de guerra que faz a visita.

O direito de visita é alem d'isso legitimo entre as nações que se obrigaram a extinguir ou pelo menos cohibir o trafico da escravatura. Deriva a sua justificação da acceitação desse dever.

São estes, creio, os principios geraes do direito de visita, e das suas limitações. Muitos casos especiaes podem sobrevir, muitas hypotheses inesperadas, mas tudo, mais ou menos se comprehende e se resolve, pela acção destas regras geraes. O direito de visita é uma necessidade legitima, mas é um acto vexatorio. Vem com o grande cortejo dos factos necessarios que a guerra authorisa, que ella legalisa, mas que encontrão sempre, no fundo da consciencia justa, um instincto de protesto.

A guerra não se tem circumscripto, nem coarctado tanto, que a sua acção, não vá ferir os interesses e os movimentos, sobre que assentão os progressos.

Limital-a, apertal-a, diminuil-a, circumscrevel-a bem nitidamente ao que é exclusivamente belligerante e militar, é o dever dos tratados, das legislações, dos congressos. Mas muitas vezes as imprevidencias d'organisação collaborão, com as fatalidades da guerra, e produsem os desastres. Quando o general de Werden bombardea Stras-

bourg, cheia de mulheres, de creanças, de preciosidades, das bibliothecas e das mais bellas architecturas da arte medieval tem uma cruel responsabilidade: mas o governo, o estado, que contra a mais elevada critica da guerra, cerca de muralhas, torna pontos militares e estrategicos, fortifica — cidades onde ha creanças, mulheres, bibliothecas e monumentos não tem uma responsabilidade menor! O direito por isso, a legislação, as organisações, devem ser as primeiras a limitar a guerra, e alcançar o maior espaço possivel do lado da paz. Sob este ponto de vista limitar o direito de visita é dar mais ampla liberdade ao commercio, garantir as communicações, affirmar a idea de independencia, fortificar o principio de soberania, abrir uma brecha na guerra!

*

Eça de Queiroz escreve rapidamente. Mas observa-se que está muito nervoso. Por vezes emenda e deixa uma ou outra palavra sem a letra final. Quando passa de uma linha para a outra acontece-lhe perder uma sílaba. Em algumas paginas corrige, noutras segue sem reparar. O seu escrito é por espaços desigual. A letra é muitas vezes tremula. Comtudo resalta já o escritor de raça. A pontuação é curiosa. Usa constantemente de dois pontos. Dá a nota do seu sentimento e das suas tendencias principalmente na parte final do seu estudo: as creanças e as mulheres e as bibliotecas

e os monumentos. N'esta citação resae o artista, o apaixonado do Livro e da Arte, o esposo que amou, o pae enternecido. E por alto, o seu espirito, comprova a revolta contra a guerra. Não pode sair da sua dissertação, mas na frase com que fecha, afirma bem quanto a guerra, com o seu cortejo de horrores e de desastres, lhe repugnava. E' uma revelação esse seu trabalho. A palavra patria, aparece aqui e alem: é o portuguez que se orgulha, mas não fica por aqui a sua prova. Terá que resolver um problema, fazer o seu primeiro oficio. Propõem-lhe responder a esta questão:

«Uma menor portugueza residente no Imperio do Brazil foi pedida em casamento ao pae, subdito portuguez, que negou o seu consentimento. O noivo requereu conforme a lei brazileira o supprimento do juiz territorial. Este ordenou o deposito. Segundo a lei portugueza a incappacidade da menor só pode ser supprida pelo poder paternal, ou na sua falta pela tutella — Redigir um officio ao juiz territorial reclamando contra o seu procedimento.

*

Resposta do concorrente:

Ill.^mo^ Ex.^mo^ Snr. — Constando-me que V. E.^a^ ordenou o deposito, pela authoridade que a lei brazileira lhe confere para o casamento de F. e da menor P. a quem seu pae N. negou o consentimento, venho, na melhor harmonia, e com todo o res-

peito reclamar contra o procedimento judicial de V. E.ª A lei portugueza só permite que a incappacidade da menor seja supprida pelo poder paternal ou na sua falta pela tutella. Ora V. com o fundamento da lei brazileira arrogou á authoridade do seu cargo, a faculdade de supprir o consentimento paterno. — Todos os principios de direito internacional, como V. sabe, são accordes, em que as leis pessoaes, que dizem respeito ao estado e cappacidade das pessoas seguem o nacional ao paiz estrangeiro.

Todos os actos que tem relação com a qualificação da pessoa, ou com os effeitos dessa qualificação — e n'este caso estão todos os actos que derivão do poder patrio, são regulados pela lei do paiz originario. Só á forma externa dos actos, as suas formalidades entrinsecas é que podem ser reguladas pela lei do paiz de residencia: *locus regit actum.*

Ora o consentimento, e uma formalidade interna, é da mesma essencia do patrio poder, uma das suas mais directas manifestações, segue por isso a lei do paiz originario, que n'este caso o exige para supprir a incappacidade da menor.

E esse estado da menor, e essa incappacidade sendo egualmente do dominio das leis pessoaes, que não podem soffrer modificações impostas pela lei estrangeira succede que a menor fica egualmente impedida de casar, sem o consentimento de seu pae, apezar do supprimento de V.—Sendo a lei portuguesa expressa em exigir o consentimento do

pae ou tutor, sendo uma lei pessoal, pois se refere ao estado e cappacidade das pessoas, tendo as leis pessoaes a qualidade de acompanharem o individuo e não poderem ser contradictas pela lei estrangeira V. E.ª attenderá a justiça da minha reclamação, e fará de sorte que a lei portugueza não seja desattendida. Sendo a base do direito internacional a reciprocidade, e havendo a mais perfeita cordialidade de relações entre os dois paizes estou certo que V. E.ª não quererá estabelecer collisão, sendo, de mais tão incontestaveis os principios, d'onde deriva a minha reclamação.

Deus guarde a V... F... tantos, de tal mez.

O CONSUL

....

VI

E só no dia 1 de outubro de 1870 se reunia na Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros o juri para examinar os exercicios e classificar os candidatos. Estavam presentes todos os membros eleitos: Conselheiro João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, Procurador Geral das Colonias e da Fazenda; Vicente Ferreira Novaes, Juiz da Relação de Lisbôa; Luiz Antonio Nogueira, Secretario Geral do Ministerio do Reino; Antonio Gonçalves de Freitas, Director Geral das Contribuições Directas do Ministerio da Fazenda e Duarte Gustavo Nogueira Soares, Director dos Consulados e dos Negocios Comerciaes — S. Ex.ª o Ministro declarou constituido o mesmo juri tomando a presidencia.

Em seguida foi aberto perante os assistentes o cofre onde se encontravam os exercicios, os quaes, depois de numerados, foram sucessivamente examinados pela ordem da numeração.

Concluida a classificação foram abertos os pa-

peis que continham as assinaturas e confrontados com os originaes.

Eça de Queiroz obtinha a primeira classificação de *Muito bom.*

*

A primeira vaga de consul que se deu foi na Bahia e não se compreende porque Eça de Queiroz não tivesse sido nomeado, mas sim o concorrente que se seguia, que era Saldanha da Gama e que não obtivera os mesmos valores que o seu camarada. Com a sua critica mordaz, o ilustre escritor refere-se nas Farpas a este incidente com esse espirito que lhe é particular.

Abramos alas para a transcrição de alguns trechos:

«Querido leitor.—Como nos velhos prologos, consente que eu, pessoalmente, te venha fallar um momento de coisas pessoaes. Porque emfim é preferivel que te faça pequenas e finas confidencias, aqui, n'este livro largamente batido de um bom sol, e claro sob o ceo claro, do que vá ahi para o fundo escuro de um jornal, agitar sonoramente os meus periodos, diante da multidão estranha.»

«Deves saber, querido, que ha um anno eu tive a lembrança de me habilitar por um concurso a ser consul, teu consul de primeira classe: porque emfim *tu és* a patria. Ah! é se humilde, mas lá vem uma hora orgulhosa e altiva—em que se pensa vagamente em dar á patria a vitalidade de uma vontade honesta e os serviços refletidos de uma

razão lucida. Os livros santos, a historia, o romance, estão cheios d'este bello dever humano... emfim eu resolvi abandonar as livres phantasias e ir para alguma estreita e sonora rua de uma velha cidade commercial, esquecido dos homens e conhecido dos *cambios*, velar pelo commercio do meu paiz! Digo isto, mas dispenso os bilhetes de visita do corpo commercial!

«Fui pois a esse concurso! Ah! Lembro-me bem, estudei-o n'um inverno em Leiria... Foi ali, no torpor d'aquellas tristezas, que eu reli o meu direito publico, o meu direito internacional privado, o meu direito maritimo, a minha economia politica, o teu codigo commercial, Oh patria!...»

«O concurso fôra um dia, ás dez horas, n'uma fresca manhã... Eu conto estas coisas como o Marquez Fabricio conta na *Legende des Siècles* a Tomada de Creta; mas é porque se eu te fizesse a historia d'este concurso sem o envolver em alguma paisagem, morrias de abstracção e de tedio.»

«Fiz esse estimavel concurso e parece que o grosso caderno de papel official que escrevi não foi julgado inteiramente inepto. Havia um logar vago na Bahia.»

«A Bahia, dizem, é uma cidade alegre, com aspectos de agua venezianos; mas ha muitas osgas. Eu não acho a osga extremamente diplomatica, nem faço d'ella a minha convivencia querida: mas emfim o infante D. Fernando morreu pela sua patria, no captiveiro — e eu não podia eximir-me a soffrer

por ella uma certa porção d'osgas! No entanto não fui despachado—o que achei justo e galante. Justo porque o cavalheiro escolhido, que tinha uma classificação quasi egual á minha, ainda que inferior, tinha longos serviços no Ultramar, estabelecimentos na Bahia, etc., estava em condições preferiveis e inatacaveis. *Galante,* porque—segundo me foi revelado — eu não fora despachado porque se quisera fazer a vontade a uma dama illustre, despachando o meu companheiro. Como comprehendem, fiquei contente, como na effusão de uma victoria! ergui na minha alma o escalarte pavilhão da alegria...»

«Eu nunca teria perdoado ao Snr. ministro (não me lembra já qual era) se S. Ex.ª em attenção aos meus incertos meritos tivesse feito fransir as sobrancelhas finas e cendraes d'aquella gentil pessoa! E a unica coisa que me magoou foi ter só um consulado para lhe sacrificar: Ah! se ao menos eu tivesse tambem um logar de membro da junta de parochia, Ah!... porque estes dois logares, com algum alecrim em roda e com algumas violetas no meio, já faziam um bonito numero, para depôr aos seus pés!

«Passou o tempo. Ha dias porem eu tive ocasião de saber um caso singular. O Sr. Ministro dos Estrangeiros declarara que eu não poderia nunca entrar na carreira consular, porque era... o *chefe do partido republicano em Portugal!*»

«Já me aconteceu a bordo de um paquete inglez

ser tomado por andaluz, que horror! —e fiquei tranquillo. Já me aconteceu encontrar na minha cama, um almirante americano, que eu não conhecia—seria uma historia longa—e não estranhei. Estou habituado ás surpresas violentas. Mas quando me disseram, sem me prevenir, que eu era o chefe do partido republicano em Portugal—vieram-me as lagrimas de comoção! Bom Deus! Vi-me logo sob o esvoaçar da bandeira vermelha entre restos de barricadas, domando uma plebe irritada...

«Então indaguei: soube que realmente o governo me fazia a honra de me suppôr: chefe republicano, orador dos clubs, organisador de greves, agente da internacional, delegado de Karl Max, representante das associações operarias, cumplice nos incendios de Paris, ex-assassino de Mg.r Darboy, redactor secreto de proclamações, receleur de Pretole, e emfim—antigo forçado!»

«Nunca, como agora, fui tão honrosamente accumulado de dignidades: trasbordo de ocupações seccumbo de importancia! E emfim: Eu era seguido sempre por um policia.»

E mais longe:

«Não, srs. ministros, não, se querem abafar uma internacional, escusam de se voltar para mim. Eu não sou um cabide onde se ponha um bonet rouge para se aniquilar e dar chic ao ministerio. Vistam um dos seus correios de *hydra d'Anarchia* e vençam-no... Ora o policia seguia-me sempre. Parece que este desgraçado enlouqueceu de terror. Logo

desde os primeiros dias elle teve sobre a minha existencia revelações pavorosas: elle soube, com os cabellos em pé, que o meu luveiro era na Rua Nova do Carmo! A sua vida era negra. Eu ando depressa e o infeliz ganhou um esfalfamento. Ás vezes tomo uma carruagem e então via-se aquelle homem respeitavel, vermelho, com a lingua de fóra, esgalgado, arquejando, trotando e seguindo o coupé de praça em que ia a revolução. Porque eu era—a revolução! O governo só me conhecia a mim: em mim fazia cifrar todo o movimento revolucionario: era segundo o governo: o chefe, o club, a barricada, o barril do petroleo, e a voz de 2.000 operarios.

Havia pavores convulsivos; quando eu entrava no theatro com o paletot abotoado, o policia mandava este bilhete ao governador civil: «levava o paletot abotoado!» Este telegraphava para o conselho de ministros! «ha cousa: levava o paletot abotoado». E então o sr. ministro da guerra, dizia pallido, ao seu collega dos estrangeiros, livido:

—Ahi está o homem que queria ser consul: que despreso pelas instituições! que índole revolucionaria! Levava o paletot abotoado! Tenho 62 annos e nunca vi cousa assim.»

«E diz-se que o poder moderador, alta noite, vagava pelos seus paços adormecidos, como outrora Hamlet nos pallidos terrenos d'Elseneur, murmurando na angustia; oh Sancho I, O Capello! Oh Affonso II, o Gordo: elle levava—o abotoado!

E ainda:

Por que emfim—eu não posso ser consul por ter feito uma conferencia—se essa conferencia foi a condemnação do romantismo, segue-se que eu não posso ser consul por ter condemnado o romantismo! Ora realmente, eu não sabia que para ser consul —era necessario ser romantico! Eu não vira entre as habilitações, que o programma requeria esta: «Certidão do regedor de que o concorrente recita todas as noites, ao luar, o Noivado do Sepulchro, do chorado Soares de Passos». Eu não sabia d'isto porque então tambem declaro á Secretaría dos Estrangeiros: perdeu dois consules que melhor lhe podiam convir, Antony e Werther. Ah, agora vejo infeliz realismo que me obstrues uma carreira! Ah para ir ser consul para Pernambuco, quem tivera o coração de Romeu!

«Mas então deviam-me ter prevenido! Sim, porque eu então não concorria! Não minha patria, não, ser obrigado para ter a honra de te servir, a recitar e a amar as odes do sr. Vidal, não, minha patria, não! agradeço-te, mas desisto. Olha, vê se Lelia, por George Sand, acceita o consulado de Vigo.

E no fim:

«Desde esse momento toda a injustiça para commigo era legitima: era aniquilar o monstro! Ora havia realmente um meio mais simples, era dizer: «O snr. Eça de Queiroz nunca poderá entrar na carreira consular porque levou um relogio de uma casa particular.» Era mais simples.

«Querido leitor: nunca penses em servir o teu paiz com a tua intelligencia, e para isso em estudar, em trabalhar, em pensar! Não creias na inteligencia, crê na intriga! Não estudes, corrompe! Não sejas digno, sê habil! E sobretudo nunca faças um concurso: ou quando o fizeres, em logar de pôr no papel que está diante de ti o resultado de um anno de trabalho, de estudo, escreve simplesmente: *sou influente no circulo tal e não m'o façam repetir duas vezes.*»

VII

A nomeação do grande escritor foi morosa. A preocupação politica tinha que absorver-se em varios assuntos por que só em 1872 se lavrava na Secretaría de Estado dos Negocios Estrangeiros o seguinte decreto:

«Attendendo ao merecimento e mais partes que concorrem na pessoa do bacharel formado em direito José Maria d'Eça de Queiroz, e especialmente ao talento de que dêo distinctas provas no concurso aberto pela Secretaría d'Estado dos Negocios Estrangeiros em 21 de Junho de 1870 para o provimento dos logares de consules de 1.ª classe: Hei por bem nomeal-o consul de 1.ª classe nas Antilhas Hespanholas com os vencimentos que opportunamente lhe forem fixados dentro dos limites ou receita em emolumentos do respectivo consulado, em conformidade com as disposições da Carta de Lei de 2 de Outubro do ano passado. O Conselheiro João d'Andrade Corvo, Par do Reino, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios

Estrangeiros o tenha assim entendido e faça executar.

Paço da Ajuda em 16 de Março de 1872 (a) Rei. (a) *João d'Andrade Corvo*».

*

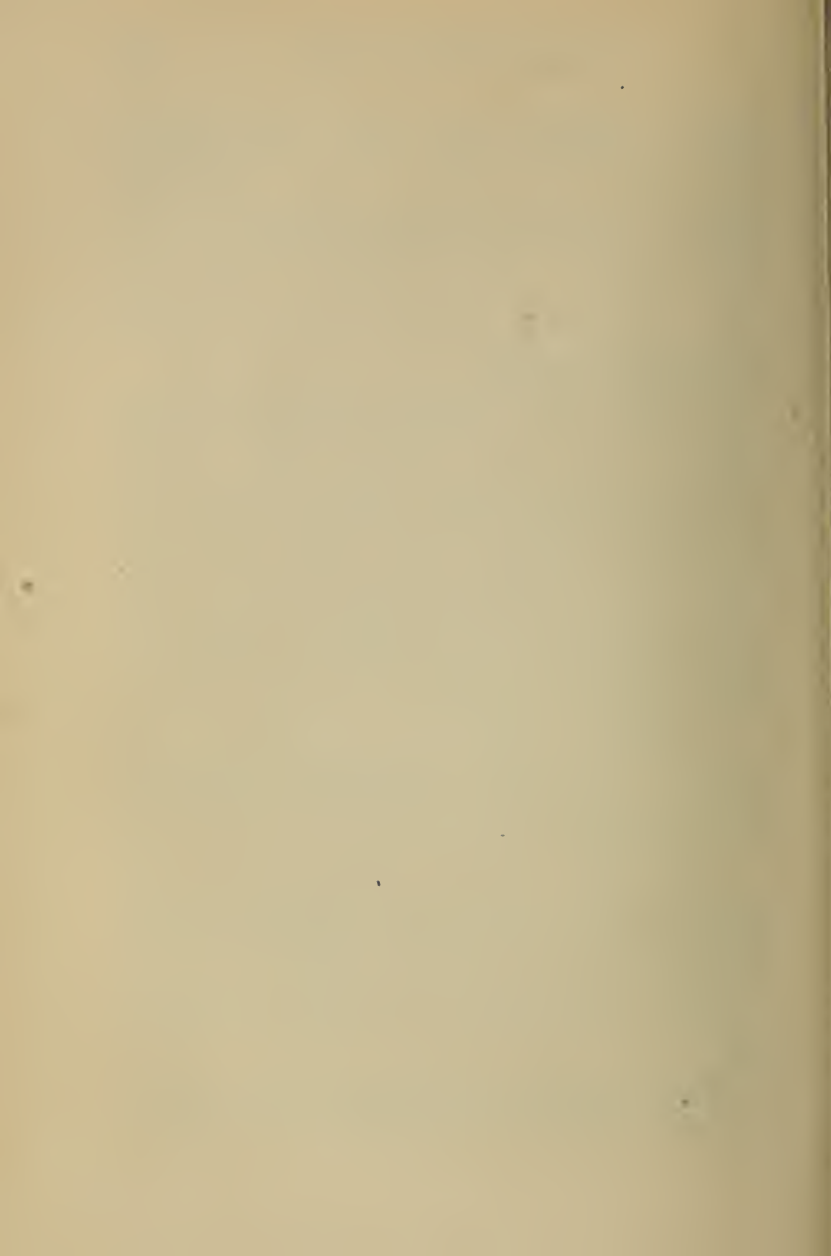
Eça de Queiroz ia pois até á America Espanhola que nessa ocasião frementava. Os Estados Unidos olhavam essas possessões espanholas com o desejo de as apanharem no primeiro embate. A politica de Espanha que esquecia em grande parte os seus filhos d'alem mar, ia-se encontrar a braços com uma crise grave que os levaria á perda dessa linda Ilha de Cuba, uma das perolas americanas. Dum lado as ambições do Mexico, sempre despedaçadas por não se entenderem os dirigentes uns com os outros, a perturbação fomentada pelos americanos que não lhes convinha a politica das republicas sud-americanas, tudo isto ia preparando a revolta; de outro lado, o sonho de independencia dos cubanos, justo e rasoavel: mas todas as tentativas eram infructiferas. A cada revolta, os americanos afirmavam que essa gente era indesejavel; faziam na Europa uma politica diplomatica que preparava a guerra; espalhavam boatos terroristas e a Espanha, quixotesca e altiva, sorria; esquecendo sempre que tinha que estudar este problema com cuidado. Varios estadistas espanhoes mostraram essa necessidade. Não havia tempo. Uma politica

de erros e abandono pelas suas colonias havia de trazer-lhes grandes desgraças e mais tarde dariam razão aqueles que lançaram o grito de alarme. Não admira a nomeação de Eça de Queiroz. O seu nome floria já: era uma afirmação. Precisava-se saber o que por lá ia, e justifica-se que Andrade Corvo, espirito fino e de vistas largas, o mandasse até longicuas paragens.

Ramalho Ortigão dizia que o sonho de Eça de Queiroz fora sempre Paris. Um dia o grande romancista iria para a capital do mundo, espirito da raça; mas mais tarde, e ainda bem, por que o clima lhe foi pernecioso muitas vezes e o fez afastar para paragens cheias de sol onde encontrou forças para a sua organisação debilitada: em paisagens de luz se perdera havia pouco no Oriente, sonhando essa beleza maxima de que tiraria emoção para um trabalho celebre.

Somente em Outubro veio o exequator acreditando-o consul, porque em 23 deste mesmo mez, a Direcção dos Consulados e dos Negocios Comerciaes informava:

«Estando já munido do seu exequator o Snr. José Maria Eça de Queiroz nomeado consul de primeira classe para a Havana, apresentou-se este funccionario para receber as ordens de Sua Ex.ª o Ministro e Secretario de Estado desta Repartição.

Sua Ex.ª reservou-se tomar uma resolução sobre a partida do Snr. Eça de Queiroz».

VIII

Essa partida, para esse dandy, habituado á Havaneza, blasé da sociedade em que vivia, quanto lhe devia custar; esse afastamento dos seus camaradas, esse primeiro passo na carreira, a devassar os oceanos, para climas inospitos, sacudido pela paixão de Paris, vivendo nessa França pela cultura, pela gentileza, pelo charme, quanto lhe seria impressionavel. Ainda assim, antes de cortar o oceano, deu o seu passeio, sonhando talvez a volta, que ia demorar tempo, em que as suas impressões deixavam ao Estado que lhe pagava, paginas de memoravel brilho.

E Eça de Queiroz escreve ao ministro estas interessantes paginas:

«Dou parte a V.ª Ex.ª que tendo chegado a esta cidade no dia 20 de Dezembro o Snr. Fernando de Gaver meu antecessor me deu posse do consulado, apresentando-me como seu pessoal, o chanceller, dous amanuenses e o interpetre china e entregando-me os arquivos por in-

ventário de que remetto uma copia a V.ª Ex.ª Em seguida o Snr. Fernando de Gaver informou-me largamente das condições em que eu vinha encontrar a emigração asiatica que é a base deste consulado—e eu vendo que V.ª Ex.ª devia ser immediatamente informado a este respeito, apresso-me a expôr genericamente a questão a V.ª Ex.ª—pois que no estreito prazo de dias eu não posso dominal-a na sua complexidade e ter d'ella uma plena e minuciosa intelligencia. Existem nesta Ilha mais de cem mil asiaticos que o regulamento de emigração pelo porto de Macau põe hoje explicitamente sob a protecção do consulado portuguez. Se V.ª Ex.ª attender a que este elevado numero de colonos é uma das forças mais vitaes da agricultura da Ilha, e que este numero crescerá pelas condições d'este paiz que entrega todo o seu trabalho a braços importados, e a raça chineza subtil e habil poderá, tendo a sua actividade livre, tomar em grande parte o dominio das industrias da Ilha—V.ª Ex.ª comprehenderá a importancia d'este consulado que pode abrir a cem mil almas o registo e nacionalidade portuguesa: é portanto urgente que o governo de S. M. attenda as condições em que vive aqui esta população colona. A legislação urbana devidio artificialmente a emigração asiatica em duas especies de colonos: os chegados a Cuba antes de 15 de Fevereiro de 1861, e os que vieram depois desta data arbitraria. Os primeiros tendo findado já o prazo de 8 annos—por que veem contractados todos

os colonos que saem por Macau—são livres no seu trabalho e podem requisitar d'este consulado a cedula de estrangeiros: os outros—os que chegaram depois de 61 e estão chegando—são obrigados, findos os seus 8 annos de contracto, a sahir da Ilha dentro de dois mezes ou a recontratar-se novamente. Tal é, em resumo a legislação: mas com magoa direi a V.ª Ex.ª—que a pratica é extremamente differente—e authorisa a opinião europea de que a emigração chineza é a dissimulação traidora da escravatura. A lei permitte aos asiaticos que chegaram antes de 61 que sollicitem a sua cedula de extrangeiros—mas por todos os modos se impede que elles a obtenham: e o meio é explicito: formou-se na Havana, sem estatutos sem auctorisação do Governo de Madrid uma comissão arbitraria que se intitula Comissão Central de Colonisação; esta comissão pretende ter o pleno dominio da emigração; formada dos proprietarios mais ricos impoz-se naturalmente ás authoridades superiores da Ilha e conseguiu que se determinasse—que nenhum asiatico tire do consulado a sua cedula de extrangeiro sem que a Comissão Central informe sobre elle e o aucthorise a requerel-a: ora succede que a Comissão Central, para cada asiatico, prolonga indefinidamente esta informação—e durante este tempo o colono está numa situação anormal e inclassificavel;—não é colono por que terminou o seu contracto—e não é livre por que não tem a sua cedula: esta situação para conveniencia de

todos—da policia que á mais ephemera infracção (encontrar por ex. o china fumando opio) o sobrecarrega de multas enormes; do governo, que o aproveita, sem salario para as obras publicas, e dos fazendeiros que terminão por recontratar. De sorte que o beneficio que a lei lhe concede é inutil na pratica.

Em quanto aos que vieram depois de 1861—uma legislação oppressiva obriga-os a sahirem findo o seu contracto da Ilha, em dous mezes ou tornarem a contractar-se; e como naturalmente o colono não tem meios de regressar á China — a policia recolhe-os nos depositos e é obrigado a servir mais 8 annos. — Nada justifica estas legislações deshumanas — e o estado revolucionario da Ilha não legitima esta condição subalterna e vexatoria feita aos colonos. Poucos entraram na inssurreição — e os que pegaram em armas forão os que já andavão anteriormente fugidos pelo interior — e que naturalmente se ligavam aos bandos insurrectos onde encontravam um soldo. A condição feita aos asiaticos tem a sua base n'um largo sistema de exploração, exclusivamente. É a agricultura que procura enriquecer com o trabalho escravo. — Ora estas condições não podem deixar de ser reformadas lentamente e progressivamente. O *Regulamento d'Emigração* contribuiu muito para melhorar as condições de *transporte* dos colonos — ao consulado compete, creio, procurar melhorar-lhes a *residência*. Para este effeito duas reclama-

ções mudarião a face geral das coisas: a 1.ª em quanto aos colonos chegados antes de 61 — pedindo que a comissão central não tenha intervenção nas cedulas — e que todo o colono que prove ter cumprido os seus 8 annos possa segundo lh'o permitte a lei reclamar do consulado portuguez, e empregar-se nos trabalhos livres: 2.ª — em quanto aos que teem de ser recontractados — exigir que o consulado, pela faculdade que lhe dá a convenção consular de 1870, intervenha no contracto, e tome d'elle registo. Assim se evitarião os recontratos onerosos e oppressivos para o colono, que não sendo como o 1.º contracto, feito em Macau, examinados e consentidos pelas authoridades, tomão um pezado caracter d'exploração.

Seria necessaria muita prudencia e muito tacto na negociação d'estas garantias — mas sinto d'inevitavel necessidade reclamal-a efficazmente. Conseguidas ellas, este consulado adquiriria, um valor já pelo numero de subditos portuguezes que protegeria, já por se achar n'um dos centros mais ricos da America, já pelos rendimentos consideraveis que poderia dar ao governo: por ora, como esta, não é mais que um difficil organismo a crear. V. Ex. comprehenderá de certo que eu — apezar de julgar das minhas attribuições negociar com o governo da Ilha esta reforma de caracter puramente local — teria outra força se V. Ex. dandome instruções abertas e uma authorisação explicita — me désse o appoio official e com elle uma base

segura ás minhas exigencias perante a capitania geral. Concluindo, devo dizer que n'este sentido a gerencia consular do Sr. Fernando de Gaver foi muito efficaz e proveitosa para a emigração asiatica e muito honrosa para o paiz.»

Esta questão preocupa-o profundamente. Sucessivos trabalhos são enviados por Eça de Queiroz. Compreendeu-se logo em Havana que este portuguez de lei nunca traficaria num caso de honra. Eça aparece aqui num dos seus aspectos desconhecidos, como um ser de excepção. Ele escrevia, abafava nessa estufa que era a Havana, sob esse calor que lhe não deixava dar um passo a certas horas, e perseguido logo por uma amabilidade ficticia, rodeado de considerações para o captarem. Quando o nomearam, debatia-se essa questão dos chins vivendo sob o chicote e portuguezes, na maioria, porque vinham de Macau, e sofrendo horrores nessas plantações da Ilha e entregues a roceiros terriveis. Papel dificil era o seu: ia pois estudar a questão, davam-lhe um serviço dificilimo e comprometedor. E começa então, isolado num meio cheio de ciladas, essa luta contra a escravatura que honrou o nosso país. Vae aos Estados Unidos: é sempre uma questão a estudar que o leva; e porque notam a sua inteligencia, e porque apreciam o seu tacto, a ele escolhem nesse grave problema. E portanto é preciso aniquilal-o,

vão nisso até autoridades, para não ir mais longe, porque tudo ali está contaminado pela mesma ancia de exploração e de riqueza. Eça de Queiroz é um inimigo, ou se vende, e enriquece dando o seu apoio a esse trafico; ou se torna rebelde e tem contra si os fortes, havendo só lagrimas de reconhecimento, nos humildes, nos escravisados, nos miseros e nos esquecidos. E os fazendeiros veem que nada podem com este homem e mudam de tactica: começam por querer isola-lo, e esquecerem-no; mas Eça de Queiroz não abandona o campo das suas operações: vae com os seus funcionarios até aos portuguezes, como quem vae de passeio, faz inqueritos disfarçados que comenta e envia tudo para Lisbôa, num grito de alarme, reclamando providencias, pedindo justiça, mostrando esses seres curvados sob um sol devorador, ameaçados a cada passo, vivendo no terror e na amargura. É então ante as autoridades que ele se torna rebelde.

Escreve para Lisboa assim:

« — Eu queixava-me de que, tendo recebido uma comunicação offensiva do secretario geral do governo, e tendo pedido reparação imediata não obtivera resposta; esta difficuldade terminou honrosamente: o capitão general obrigou na minha presença o secretario geral a explicar a demora que houvera em dar a reparação exigida; emvioume no dia seguinte um officio, dando as explica-

ções mais cordiaes, e fez-me em seguida e pessoalmente uma visita. Este incidente tão favoravelmente resolvido, não alterou todavia na sua essencia, as dificuldades existentes: a expedição de cedulas continua prohibida; e hoje tive noticia officiosa de que se prepara no governo um decreto anullando, nos seus effeitos, todas as cedulas expedidas pelo consulado. Se tal decreto se publica, finda virtualmente a existencia e a rasão de ser d'este consulado: eu não posso protestar contra a illegalidade de tal resolução; toda a minha auctoridade está implicitamente perdida desde o momento em que chega uma embaixada chineza, reclamando como seus subditos os colonos saidos por Macau, e desde que o governo da Ilha reconhece a auctoridade dessa commisão, todas as questões de colonos passam desde logo a ser directamente tratadas entre os enviados chinos e o governo da Ilha, e eu nem mesmo posso reclamar o direito de intervenção nos interesses d'aquelles colonos que teem titulo de nacionalidade portugueza, pois que o governo se prepara a anullar a efficacidade d'esses titulos.»

Claro, que á gente da Ilha, convinha muito mais esses enviados chinezes que facilmente iriam nas suas ambições, que esse homem que espantava todos, por não se comover ante a fortuna inesperada que de pronto o enriqueceria. Eça de Queiroz envia então ao Ministro dos Negocios Estrangeiros uma das suas mais belas paginas, grande pelo cri-

tério e pela humanidade, grande pela forma e que constitue um documento de honra:

«Recebi o officio, contendo as instrucções relativas á emigração asiatica n'esta Ilha, e a affirmação de que o Governo de Sua Magestade procurava regular definitivamente, por meio de um artigo addicional á convenção consular com a Hespanha de 21 de Fevereiro de 1870, a situação e direitos dos colonos.»

«Tal convenção é uma necessidade immediata: O procedimento dos possuidores de colonos e o assentimento cumplice das auctoridades hespanholas tinham ultimamente sofrido apreciações severas; e sobretudo a imprensa dos Estados Unidos, lembrando que os proprietarios de Cuba nas vesperas de perderem os escravos procuravam desforrar-se pelos colonos, e substituir subtilmente a escravatura importada á escravatura indigena, tinha poderosamente despertado a indignação na opinião do norte; e M.^er^ Fish na sua mensagem ao general Sickles sobre a insurreição de Cuba, julgou dever lembrar ao governo hespanhol que o povo americano via com profunda magua que a baixa avidez dos plantadores de assucar explorava oppressivamente a grande colonia asiatica de Cuba, e por meio de recontractos forçados a mantinha n'um profundo estado de servidão.»

«O aspecto que no começo d'este anno apresentava a existencia e condição dos colonos asiaticos era verdadeiramente desgraçado: mais de

oitenta mil colonos, sem protecção e sem direitos, estavam, pelo facto de uma legislação tyranica, abandonados á exploração dos proprietarios, á arbitrariedade das auctoridades, ás extorsões da policia e ás exigencias dos *ayuntamientos.* O consulado de Portugal apezar do seu zelo, não podia modificar este estado de injustiça : ainda que o regulamento de emigração do Governo de Macau tinha posto sob a protecção do consulado todos os colonos saidos por Macau, todavia essa protecção não se podia exercer com auctoridade ; a acção dos agentes consulares na Havana está tão limitada pelas disposições do governo da Ilha que a pouco mais se póde estender do que ao expediente maritimo ; hoje estes começam lentamente a modificar-se e em muitos casos reclamações dos consules de ordem administrativa ou politica teem sido attendidas. Mas basta que V. Ex.ª saiba, por exemplo, que os consules na Havana não teem direito a dar passaportes aos seus nacionaes para que comprehenda quanto é restricta e estreita a sua acção. Assim na questão asiatica o consulado não podia reclamar a extincção das praticas antigas, nem protestar efficazmente contra as disposições que sobrevenham e cada vez tornavam mais amplo o direito do proprietario e mais dominada a servidão do colono.»

«Uma disposição antiga determina que todo o colono que cumpriu o seu primeiro contracto será entregue pelo amo á auctoridade local, que o encerrará no deposito.

«O deposito é uma das mais caracteristicas instituições d'esta legislação. Os depositos, cada capital de districto tem o seu, são largos barracões ou casebres, onde os colonos que cumpriram o seu primeiro contracto são encerrados como n'uma prisão até que se lhes imponha um contrato novo. O deposito tem assim dois fins: 1.º impedir que se desperdice a porção de trabalho que pode dar o colono no intervallo dos dois contractos; 2.º impedir que o colono se possa contractar livremente, ou sair da Ilha ocultamente, ou perder-se nas jurisdições do interior e da *manigua*, e libertar-se portanto da tutela e do dominio dos plantadores; o primeiro fim é alcançado, fazendo trabalhar os colonos que estão no deposito nas obras municipaes do *ayuntamiento*, sem salario; o segundo exercendo sobre elles uma vigilancia, igual em dureza e em rigor á que se emprega com os presidiarios. Os depositos pela maior parte não teem hygiene, nem asseio, nem ordem, nem humanidade; o fornecimento da alimentação para os colonos é dado por arrematação a donos de tabernas que espéculam materialmente sobre os viveres, e enriquecem com a fome dos colonos, e ali se conservam aquelles desgraçados até que um proprietario vá ao deposito reclamar um certo numero de braços para a servidão de um segundo contracto. Assim o deposito é apenas um intervallo escravo entre duas escravidões.

Os chinas do deposito são os escravos transitorios dos *ayuntamientos*. Ora, é justamente nos

depositos que se encontram grande parte dos colonos antes de 1861, e com direito portanto á cedula de portuguezes; mas pelo facto de estarem ali, sob um regulamento penitenciario, não teem faculdade de reclamar a sua cedula, e perdem portanto todo o beneficio da lei; assim a lei liberta-os e o regulamento escravisa-os. Succede tambem que em grande numero dos que chegaram antes de 1861 estão agora em segundo contracto no campo e nas jurisdicções do interior e não podendo portanto vir produzir o seu direito perante o consulado da Havana, porque raro é o patrão, que consente que o colono perca dois ou trez dias de trabalho para vir á Havana, não aproveitam com a disposição que os favorece. Assim estando parte d'estes colonos nos depositos, parte nas fazendas, apenas um pequeno numero pode alcançar a sua cedula e as garantias do trabalho livre.»

O consulado tem pensado na conveniencia de enviar um agente auctorisado pelo governo da Ilha que, percorrendo os districtos, explorando os engenhos, examinando os depositos, fosse provendo da cedula depois de previo processo de averiguação, todos os que estivessem nos termos da lei. Mas como o governo, permittindo isto, iria prejudicar os ayuntamientos por lhes tirar os braços gratuitos dos depositos e prejudicar os fazendeiros que teem os colonos em segundo contracto, o consulado não tem a esperar para tal reclamação senão uma resistencia inquebrantavel.»

«Pode pensar-se ao menos que aquelles que alcançam a sua cedula teem, consequentemente, a sua liberdade sob perfeita garantia? De modo nenhum: as cedulas expedidas por este consulado não teem tido o respeito que merece todo o documento passado por uma chancellaria estrangeira. Com os mais ephemeros pretextos, as auctoridades, desde que os chefes de districto até aos agentes subalternos recolhem as cedulas, fazem recair o colono na condição de escravo. Tem succedido que uma auctoridade local, necessitando para um determinado serviço um certo numero de chinas, prende chinas livres, cassa-lhes as cedulas como falsas, e com o motivo que elles, sem documento, estão á disposição da policia, envia-os sem salario, aos trabalhos. D'aqui provem igualmente, que os agentes de policia, com a ameaça de lhes invalidarem as cedulas, impõem aos colonos um tributo imprevisto de propinas e de dadivas. E' necessario que o colono tenha protecções para que a cedula lhe seja conservada: assim o que lhe devia ser dado por estricta obediencia á lei é-lhe concedido por excepcional magnanimidade de espirito; e o que o colono devia reclamar como um direito, tem de o pedir como uma esmola. São incessantes e diarias as reclamações por abusos d'esta especie, mas as resoluções d'estas reclamações, arrastando-se pelos tramites inextricaveis d'esta complicada burocracia da ilha, teem uma protecção indefenida, que tem todo o aspecto do desdem.»

«Ha dezoito mezes chegou á Ilha um china, não como colono, mas livremente como subdito de Macau, medico de profissão e como tal empregado a bordo de um navio de emigrantes. Este desgraçado foi preso pela policia, em seguida ao seu desembarque, como colono sem papeis. Ha dezoito meses que está no presidio; ultimamente conseguiu vir ao consulado, reclamar como portuguez, está consumido de trabalho e quasi idiota de terror. Ha um mez que reclamei, energicamente pedindo a sua imediata liberdade, não houve resposta alguma e o miseravel continua no presidio!»

E mais longe, na mesma grandeza d'ideias:

«Se attendermos agora ás condições da sua existencia, só ha motivos de condemnação. Em primeiro logar, apezar do regulamento de Macau, o transporte dos culis não tem boas condições. A não ser algumas expedições, trazidas em vapores de grande tonelagem, em que os culis veem com as accomodações hygienicas, e trato abundante, a maior parte das vezes são transportados como um rebanho soffredor, por vezes ás privações acrescem as barbaridades, e ainda se não acalmou na imprensa americana a indignação causada pelas declarações do machinista do *Fatchoy,* vapor de culis, onde as necessidades produziram uma sublevação, e a revolta foi sofocada com tiros. O *Fatchoy* chegou á Havana em outubro de 1872; logo que os culis desembarcaram, a casa consignataria que os contratou, trespassou os con-

tractos aos proprietarios a 600 e 700 pesos cada um ! Os jornaes costumam anunciar os preços dos colonos, como uma mercadoria. E assim vendido, o colono entra na miseria dos engenhos. É uma desgraçada existencia que eles ali teem : em primeiro logar, o salario de 4 pezos é absurdo na Iha de Cuba, é um salario correspondente a 2.000 reis da nossa moeda, e mesmo menos de 1.000 reis, em relação aos preços de Havana ; a condição de lhos dar, mudar de fato é raramente cumprida, e muitos se queixam de que, trabalhando ha longos annos, nunca receberam salario nem roupa nova.»

«A alimentação é composta de arroz e banana, e em alguns engenhos dão-lhe rações de *tassago,* que é a carne secca que vem de Buenos Ayres. Os colonos trabalham desde a alva (quatro ou cinco da manhã) até ás Ave Marias (sete ou oito da tarde) tendo um descanso no meio dia de duas horas; mas na força dos trabalhos, ha engenhos em que o colono trabalha das quatro da manhã ás onze da noite.

«O castigo ordinario é o cepo e ás vezes as algemas, com as quaes todavia trabalham. Ha todavia jurisdicções, como a de Cardenãs, em que as auctoridades teem a equidade de multar os patrões que dão castigos excessivos. Acresce que os chinas aqui são odiados ; attribuem-se-lhes todos os vicios e procede-se com elles como com inimigos. Os negros são estimados como instituição domestica, o chim é acceite como uma necessidade inevitavel e aborrecida.

«Succede com effeito ás vezes que nos engenhos ha assassinatos mysteriosos de mayoraes, a que os chinas não são alheios; mas estes excessos não se podem filiar na indole, porque vem da desesperação. A' desesperação se deve attribuir tambem, ainda que ha n'este facto muita influencia das superstições religiosas, os numerosos suicidios de colonos. Assim é, Ex.º Snr. que em todos os exemplos da servidão humana, eu não conheço, a não ser o fellah no Egypto, e na Nubia, ninguem mais infeliz que o culi. E se a justiça não é uma mera categoria de razão, a condição dos colonos na America central não é compativel com a dignidade desta epoca».

«Resta saber em que termos deve ser feita uma convenção que regularise a materia, e n'este ponto permitta-me V. Ex.ª que eu faça algumas reflexões que me suggere o meu conhecimento da questão e das influencias que a governam. Dizendo que o accordo com a Hespanha terá por modelo o accordo com o Perú, eu permitto-me lembrar que aquelle artigo addicional sufficiente para garantir os direitos dos colonos no Perú, é insufficiente para os garantir em Cuba. E a razão é que o artigo addicional á convenção com o Perú, concebido de uma maneira generica fere principalmente dois pontos: as garantias que devem dar os importadores de colonos, e o direito dos agentes consulares, de proteger e reclamar pelos colonos. Ora, em respeito a Cuba, o primeiro ponto está

plenamente definido e organisado no regulamento de Macau e o segundo está de ha muito estabelecido e correndo na legislação da Ilha, e assim um tal accordo, repetindo apenas para Cuba disposições assentes, não viria trazer alteração ao estado actual da emigração. A verdade é esta, a unica maneira de fazer uma reforma util é estabelecer uma convenção com artigos especiaes que definam as questões pendentes; ao agente consular do Perú basta-lhe estar munido de um artigo egual que lhe dê o direito de proteger os colonos.

O agente na Havana necessita estar munido de uma convenção que defina, artigo por artigo, todos os direitos do colono e que contenha para cada questão pendente uma solução permanente; uma convenção detalhada, tendo para cada uma das quatro ou cinco questões que fazem toda a confusão, um artigo nitido, decisivo, que não seja susceptivel de interpretações subtis.»

«Eu que conheço o que é esta alta propriedade de Cuba, educada nos habitos da escravatura, hostil a tudo o que é a liberalisação do trabalho, que conheço a influencia que ella exerce, ruidosamente e sem dissimulação, sobre o governo da Ilha, que conheço as interpretações interessadas e as reformas que sofrem aqui as disposições de Madrid, affirmo a V. Ex.ª que a condição dos colonos só mudará quando cada um dos factos injustos que a legislação auctorisa fôr alterado por um artigo correlativo de uma convenção com a Hespanha. Assim, eu expo-

rei a V. Ex.ª alguns dos fins que conviria ter em vista na celebração do accordo. 1.º Entrega da cedula de estrangeiro (subdito portuguez) a todo o china chegado antes de 1861. Um agente do consulado e um agente do governo, passarão a todos os depositos e formando expediente sobre os chinas retidos, provel-os iam da cedula correspondente. 2.º todo o colono chegado depois de 1861 terá o mesmo beneficio que os chegados antes d'essa data e poderá ter a cedula de portuguez. 3.º Não deverão em caso algum estas cedulas ser cassadas arbitrariamente pelas auctoridades hespanholas, e nunca deverão ser recolhidas sem que o consulado seja ouvido. 4.º Todo o china que tiver cumprido o seu primeiro contracto, é livre e não poderá ser em caso algum obrigado a recontractar-se de novo. 5.º Aquelle que se queira recontractar pode faze-lo com as condições que quizer, devendo este contracto ser registado no consulado. 6.º Aquelle colono que, findo o seu primeiro contracto, quizer regressar á China, deverá o patrão abonar o preço do regresso. 7.º A legislação comum deverá ser estendida aos colonos chinas, de sorte que não possam soffrer penalidades sem previo processo.»

«Emquanto a modificações a introduzir em contractos futuros de colonos e nas condições do transporte, isso pertence particularmente á jurisdicção do governo de Macau.»

«A falta de braços na Ilha é excessiva. Muitos engenhos estão parados. E com as leis de emanci-

pação dos escravos crescerá a necessidade de colonos. E como aos importadores não convem ir buscal-os a Hong-Kong ou Cantão, porque o governo ingles só permitte que o colono seja contractado por cinco annos, é forçoso que os vão buscar a Macau. No dia em que o porto de Macau se fechasse á emigração, uma grande ruina abalaria a industria assucareira de Cuba; por isso todas as exigencias do governo de S. M. serão acceites. Supplico pois a V. Ex.ª se digne attender, em qualquer accordo, as ideas que exponho, e com tal reforma o governo de S. M. fará justiça a 100.000 colonos e responderá dignamente ás antigas accusações; e certamente o governo de Hespanha aderirá á justiça d'esta reforma, pois que a nação que emancipa os escravos nãs pode logicamente escravisar os colonos.»

*

Que comentario fazer a um documento de tal ordem, generoso e grande? Eça de Queiroz tem neste seu trabalho uma previsão de acontecimentos, um golpe de vista que é apreciado como requer no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Toda a sua obra iniciada em Habana, ahi se desdobra em variados aspectos preocupando-o, principalmente, essa questão da escravatura que estava em vesperas de ser abolida. A Havana deu azo ao nosso represen-

tante, de dar provas bem altas da sua inteligencia—talvez, mesmo é onde os seus trabalhos atingem mais desenvolvimento—que as esferas oficiaes começam desde logo a pensar em trazê-lo para um posto mais perto; alem disso, esse clima tropical, esse receio por vezes revelado por ele, ante as epidemias e essa serie de doenças que sulcam por essas paragens—fazem com que uma necessidade imperiosa necessite a sua partida. Eça procura ter um certo repouso em dias, buscando logar mais afeito á sua organisação delicada—mas o trabalho aperta. Ele escreve, escreve nervosamente, constantemente. Os seus relatorios são apreciados em conselho de ministros. Como traze-lo assim?

O aspecto é novo, inedito, em que Eça de Queiroz nos aparece; uma revelação de patriota; todos o olham como literato insigne, ninguem o conheceu como funcionario diplomatico. Dias depois de chegar ao seu posto tem a visão nitida dos interesses do seu paiz; e, aqui e alem, afirma-se a beleza desse espirito: revolta-o a escravatura e a exploração dos fazendeiros. E' uma tendencia avançada que não podia deixar de viver nesse homem de genio. Por vezes, o psicologo está ali latente ao apreciar o caracter dos chinas. Quando escreve, dá impressões, sobre os olhos das mulheres, sobre os bellissimos cigarros, sobre a tela exuberante dessa vegetação; é o paisaista, que está a par do analista profundo que lhe merece sempre um detalhe tudo que vê em redor. A sua organisação nesse consulado é

um modelo. Desde o inventario aos varios livros de que se serve na sua missão, tudo é feito com clareza e com a mais alta inteligencia. Não perde tempo com trabalhos estereis para encher papel e dar muito: é consiso e rico de detalhes, cheio de observações valiosas, de dados que muito aproveitaria Portugal se tivesse sabido servir-se de taes homens. Teve Andrade Corvo em consideração as suas justas reclamações, o inicio dum trabalho a fazer? Não. Raros governos e raros ministros derão atenção ás impressões que os seus funcionarios lhe trouxeram dos seus postos. Apreciavam-no, é um facto. Vê-se em todos os actos, que o Ministerio dos Negocios Estrangeiros tinha por Eça de Queiroz uma sincera estima. Era justo mesmo o orgulho de muitos. Enobrecia uma carreira que hoje vae no poente.

Eça de Queiroz foi nas Antilhas Espanholas um grande funcionario. Guarda o Ministerio dos Negocios Estrangeiros, tanto na correspondencia consular como na correspondencia politica, vastissimas provas duma actividade inteligente e admiravelmente bem dirigida. Basta citar a diligencia mandada instruir pelo Embaixador de Portugal nos Estados Unidos para esclarecimento do trato que receberam em Nova Orleans, e outros varios pontos de aqueles Estados, os colonos portugueses que passaram nesse paiz no ano de 1872. E' um documento que honra um funcionario. Feito como um inquerito, o consul toma um sincero interesse em

tudo que diz respeito aos portugueses. Toda essa vida de miseria e exploração é estudada cuidadosamente. Eça de Queiroz vae até eles, interroga-os, auxilia-os, examina os contratos e procura achar-lhes uma porta para a libertação; junta os depoimentos e constitue um processo. Este trabalho que Andrade Corvo apreciou, que mandou imprimir, correu as chancelarias nessa epoca.

Mas não é somente um diplomata ilustre que se revela no começo da sua carreira: é ao mesmo tempo um homem de bem.

Em 1873 escreve a Andrade Corvo e enviando as suas contas legaes:

«Em virtude da natureza especial destes rendimentos consulares dividi-os para maior esclarecimento em rendimento permanente e regular e rendimento excepcional e transitorio. Estas designações são facilmente comprehensiveis: a unica fonte de receita deste Consulado é o registo dos passaportes dos colonos chinos vindos de Macau. Não havendo na Havana colonos portugueses, mas existindo navegação e movimento commercial directo entre Portugal e os postos d'esta Ilha, o rendimento do consulado está limitado necessariamente a este registo de passaportes»

E explica quanto cobra pelo registo; aprecia a legislação espanhola. As suas contas são claras e dignas; espalha socorros tanto quanto pode a sua fraca bolsa e conclue:

«A Havana tem sido n'estes ultimos tempos o

refugio desesperado dos portuguezes fugidos aos plantadores da Virginia, trazidos á America por C. Wathan. Alem d'isso sendo a Havana, como é, um grande porto central na America chegão-nos aqui, vindos do Brazil, do Mexico, das republicas do sul, portuguezes que não tendo encontrado fortuna n'aqueles paizes veem aqui atraidos pela falsa e perniciosa reputação que a Havana tem de enriquecer os mais desgraçados em poucos mezes de trabalho. As circunstancias especiaes d'esta terra, a sua carestia sem exemplo (a mais miseravel pousada pode custar 2000 reis diarios) o seu pessimo clima, a difficuldade em achar trabalho, tudo concorre para impor ao consulado, a obrigação de proteger d'um modo mais directo e amplo do que a legislação promette e os costumes consulares authorisão — os portuguezes desvalidos. Assim é que — passagens pagas a bordo dos paquetes hespanhoes para voltar a Portugal, mensalidades, socorros para familias, hospedagens pagas pelo consulado durante semanas e semanas, esmolas, collocações, tudo se concede e se emprega para dar a mais larga protecção aos compatriotas».

Bastam estas poucas palavras para apreciar a beleza do coração de Eça de Queiroz. Elas simbolisam o amor da raça do auctor das Cidades e Serras. Todo o relato está cheio d'essa bondade característica de portuguez, não esquecendo ainda o Estado, nas receitas que lhe poderiam advir, se o auxiliasse na sua ardua tarefa, estudando a

supremacia de Macau, afirmando na defeza dos seus concidadãos que a justiça reclama e que a logica dos principios modernos deve trazer necessariamente n'uma epocha proxima. E' o seu espirito de homem liberal e estudioso. A palavra «justiça» que aparece aqui e alem, como um protesto digno, afirma a piedade do escritor para esses pobres seres explorados que sofreram os tormentos da fome, a par da tortura asfixiante do patrão. Estas afirmações consagram um Eça de Queiroz desconhecido, cheio de grandeza: não podiam ficar esquecidas. Mas não é só na defeza dos portuguezes que o diplomata se revela. Deixa de ser um consul, para ser um historiador politico dos acontecimentos dessa epoca.

A par destes longos e estudados trabalhos ele relata as suas observações, os factos que o habilitam a dar uma idêa real dessa questão tão singularmente desconhecida na Peninsula.

Algumas paginas curiosas:

«A insurreição na Ilha de Cuba é um facto sem importancia local, os insurrectos impellidos e confinados nos extremos do Districto Oriental, estão n'este momento sem organisação, sem força e sem meios de resistencia: não ocupão uma povoação, um ponto estrategico, um acampamento definido: guerrilhas compostas de negros fugidos, de chinos revoltados e de soldados desertores, sustentão disseminadamente, uma perturbação constante com

attaques debeis e assustados ás fazendas isoladas e aos postos avançados. A maior parte não teem vestidos, nem armas: a miseria desmoralisa-os: — alimentão-se apenas d'uma raiz extremamente nutritiva que cresce na espessura da *manigua,* e os seus movimentos são mais correrias em procura de viveres, do que attaques de revoltosos. E' por isso que n'estes ultimos tempos não tem havido encontros graves entre cubanos e hespanhoes: os jornaes e as participações chamão batalhas a conflictos parciaes em que de lado a lado ficão inutilisados 5 ou 6 homens — e no attaque d'Holgum, que tanto echo teve na opinião, os cubanos perderão 7 homens. Se V. Ex.ª deseja conhecer o motivo por que não é suffocada em 15 dias, com uma campanha sabiamente organisada esta insurreição expirante, deve attender ás palavras do Secretario Fech, Ministro d'Estado de Washington «*a continuação da insurreição, diz elle convem áquelles que na Havana fornecem o exercito d'operações e que lucrão com a confiscação das propriedades d'insurrectos, ou suppostos insurrectos*».

E se V. Ex.ª recordar que a confirmação da insurreição legitima a existencia de corpos de voluntarios e que os coroneis destes regimentos são os mais ricos fazendeiros e negociantes de Cuba, e que o facto de terem ás suas ordens regimentos dedicados e bem armados lhe assegura um perfeito dominio sobre a vontade das auctoridades superio-

res — V. Ex.ª poderá facilmente ver, atravez das dissimulações, a secreta verdade sobre esta insurreição interminavel: sem deixar de ser certo todavia que as condições em que estão os insurrectos no mais espesso e despovoado dos districtos da Ilha, o profundo refugio que encontrão na vastidão do matto tropical, e a inclemencia d'aquellas regiões, que destroe pela febre as construções dos soldados peninsulares — prolongão, e enchem de difficuldades as operações do exercito regular. Ora esta insurreição tão fraca realmente, no logar da luta, é forte todavia, d'uma força incontestavel. A sua força está em Madrid, nos cubanos alli residentes, e nos abolicionistas; e está em New-York onde a comissão central da insurreição e a emigração cubana, rica apesar de tudo, conspirão, preparão expedições e minão pelo poder americano o poder hespanhol; está na Havana emfim, onde os mais ricos cubanos se conservão apparentemente dedicados á Hespanha, secretamente dados aos revoltosos, ao menos d'intenção: está emfim a força desta insurreição na opinião do povo dos Estados Unidos que é geralmente favoravel aos cubanos — e na influencia de certos jornaes que sendo como o New York Herald, um dos guias da opinião, advogão apaixonadamente e preparão lentamente a idêa d'uma intervenção americana.»

Depois de fazer largas considerações sobre varios aspectos da politica local, continua:

«Em quanto á questão de momento a emanci-

pação — creia V. Ex.ª qne ella não é olhada hostilmente: d'ha muito que todos comprehendem que a emancipação é inevitavel, e apenas se diverge sobre a maneira de a regulamentar. Aqui a emancipação se contraria os interesses, não contraria os habitos: o negro aqui não é o escravo opprimido, vergastado, brutalisado — como era na Luisiannia e em todos os Estados do Sul. O negro aqui é uma parte da familia quando a benevolencia por elle não provenha d'um bom sentimento, provem d'um máu egoismo: o negro é um capital de 1200 ou 1500 pesos que é necessário vigiar: é bem nutrido, bem tratado nas enfermidades, poupado nas fadigas. Elles mesmo ganhão affeição profunda á casa e se de repente fosse decretada a emancipação *profunda* sem condições, a maior parte não quereria trocar a vida farta dos engenhos, pela miseria aventurosa da Havana. Assim a emancipação não encontraria difficuldades na Ilha — e dada esta satisfação ao sentimento universal — eu creio que por algum tempo se poderia lograr a pacificação de Cuba: pelo menos não vejo o que possa dar força *por ora* á insurreição: os elementos que ella tem são os mesmos que tinha em 1868, fracos, uzados, gastos e arruinados.

«Nenhum impulso a tem vivificado. As republicas hespanholas que cercam o golfo do Mexico e as que se extendem para o sul tendo em si as mais inextricaveis perturbações, não podem dar atenção ás independencias alheias, nem quererião egoista-

mente compromettter o seu commercio nascente com a peninsula. Os Estados Unidos não teem (extincta a escravatura) um pretexto legitimo para intervenção; nem creio que no seu egoismo de nação rica e sceptica procurem uma perturbação armada. Existe é verdade nos Estados, um forte partido que advoga a intervenção: é o partido d'especuladores da alta administração — que depois de ter devorado as riquezas do sul — esperão que uma intervenção em Cuba tivesse por consequencia uma annexação da Ilha á União — e houvesse occasião de se estabelecer sobre o rico territorio de Cuba um largo systema de exploração administrativa: é um partido que como os antigos Perfeitos em Roma precisa ter sempre uma provincia a devorar — e como já esgotaram a Luisiannia e o Nississipe e outras provincias do sul, voltão os olhos para as opullencias de Cuba.

«E' este partido que se illustrou tão notavelmente agora, nas questões do Credit Mobilier, que mais pensa na intervenção por que de resto se a generalidade da opinião, nos Estados é favoravel aos insurrectos, isto provem mais d'uma aversão pela raça hespanhola do que da sympattia pela gente cubana. E sem querer procurar explicar esta antipattia entre hespanhoes e norte americanos — eu direi a V. Ex.ª que este é sem duvida o sentimento mais vivido e o mais unanime da Ilha: a idêa d'uma guerra com os Estados Unidos é tão geral e bem acceite em Cuba, como era em França a idêa d'uma

guerra com a Prussia. Todas as classes são concordes n'este odio gratuito e tenho ouvido declarar a hespanhoes influentes que perderião de boamente a riqueza da Ilha para reduzir os americanos e a verdade é que a antipathia e reserva se accentuão cada vez mais entre Cuba e os Estados: os jornaes de Havana fallão muitas vezes abertamente em guerra e um facto muito caracteristico, veiu ultimamente provar, esta hostilidade latente:—ao principio da insurreição em Cuba, a Ilha comprehendia e justificava a curiosidade que os Estados Unidos, tinhão, pelos negocios internos das Antilhas: a proximadade, as relações, o commercio, os poderosos interesses tudo a legitimava: e chegava-se a premittir que os reporters dos jornaes americanos, mais affectos á independencia, viessem a Cuba, e passassem ao campo dos insurrectos para observar a verdade sobre os logares: ultimamente porem o mais leve olhar, a mais superficial attenção que os Estados deem aos negocios internos de Cuba irrita profundamente o elemento hespanhol — a ponto de que tendo, ha pouco o reporter do Herald pedido para passar ao campo insurrecto para averiguações sobre o estado da insurreicção, o coronel Morales, commandante no Districto Oriental deu esta caracteristica resposta: — O reporter do Herald pode ir onde quizer e como quizer — se porem fôr encontrado vindo do campo insurrecto será preso e tratado, pelas leis de guerra como espião.»

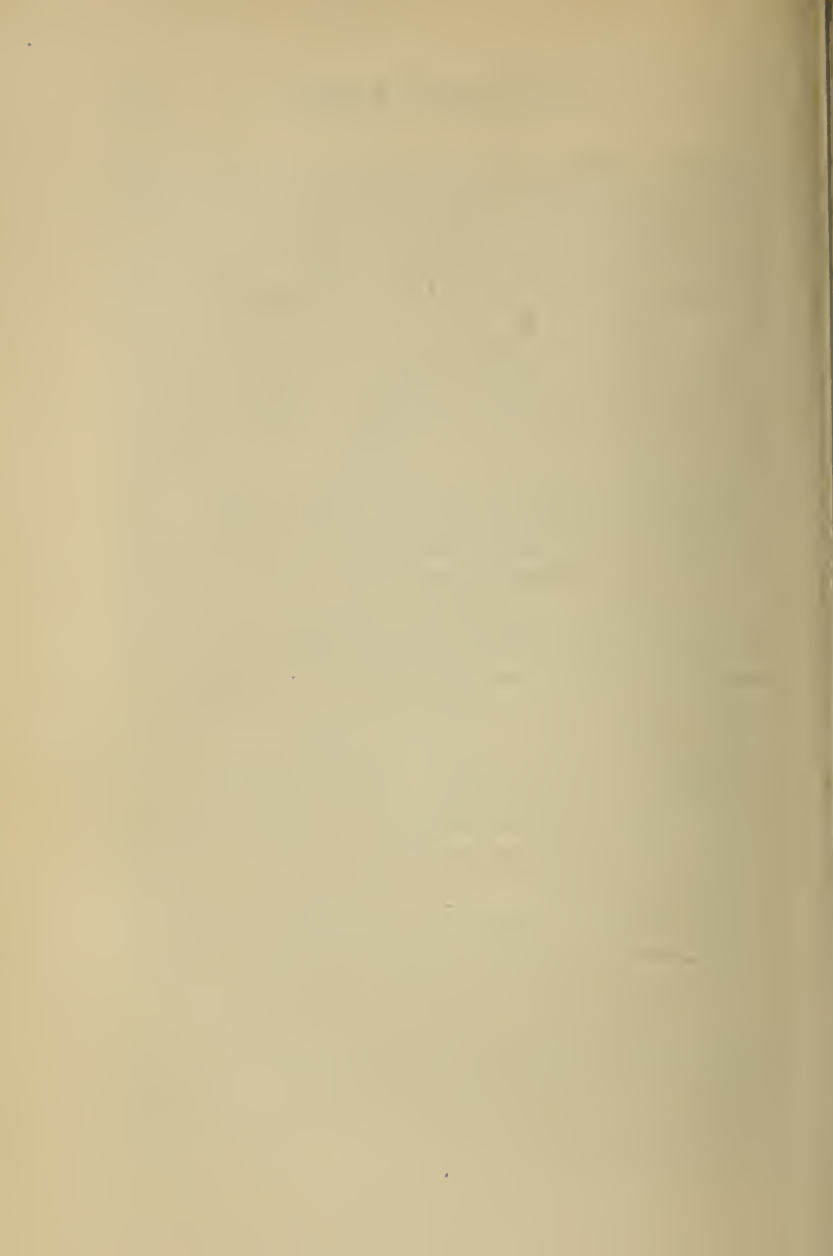
Este facto que Eça de Queiroz conta foi larga-

mente comentado pela imprensa americana que ficou indignada e cavou mais a animosidade que ia crescendo dia a dia. Contudo, como contaram os jornaes, o jornalista foi ao campo revoltado e voltou, respeitando-se-lhe a vida. E o nosso representante continua:

«Em quanto á opinião da Ilha sobre os recentes acontecimentos de Hespanha não se manifesta claramente. As autoridades adheriram á Republica mas os seus antecedentes são conservadores. Alem d'isso a imprensa não pode esclarecer a questão—por que a censura prévia corta-lhe impiedosamente toda a tentativa de apreciação independente — e a verdade mesmo não é bem conhecida, por que os telegramas são sujeitos á censura e apenas se publica o que a Secretaria do Governo consente. Penso todavia que a opinião dominante é Affonsina. Mas, em geral, a grande distancia, o egoismo dos negocios, as preocupações da politica da Ilha, tornam a um pouco indifferente ao que se passa na Peninsula. A Havana é uma cidade de negocio e de rapido enriquecer. Os espiritos não se inclinam a apreciações de principios ou de governos. Com tanto que haja ordem e nada peturbe as fortunas adquiridas e as transações tranquillas — a população commercial está contente... No entanto Cuba tem esta vantagem que á parte das perturbações dos homens, a natureza divinamente impassivel não se cança de dar a abundancia — «é assim que cada ano a safara é melhor do que a do anno antecedente, de

sorte que os seus elementos naturaes d'ordem são superiores — ás suas desordens accidentaes.»

Por estes excertos pode-se avaliar do valor e da obra do consul de Portugal. Seria longo, mas admiravel, relatar todos esses elementos que enviou ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Varias vezes Eça de Queiroz sofreu do mau clima em que vivia e a sua saude delicada se resentiu, tendo que descansar em pontos melhores, mas cumpriu como poucos o seu dever, porque se manteve no seu posto, quasi esses dois anos—tempos raros—trabalhando afincadamente, pois que os seus processos atestam uma dedicação nobre á sua carreira; mas a saudade, essa estranha saudade da patria, ia trazel-o para a Europa, aproximal-o desse Paris sonhado. Andrade Corvo, que lhe era dedicado, esperava a primeira ocasião para lhe dar um logar digno do seu nome e dos seus meritos; e, mesmo em Lisbôa os seus amigos não o esqueciam, e tantos tinha, em altas regiões. A primeira etape da sua marcha tinha-a feito com denodo e a esperança seria de voltar.

Ah, essa hora risonha, esse momento jubiloso, ao abrir este telegrama em que o Ministro o chamava a Lisbôa para lhe dar um novo posto, como o leria comovido, e se ia embarcar, abandonando essas longicuas terras onde tantas simpatias deixou, para voltar ao seio de sua familia, dos seus amigos, da sua patria.

XIX

— New-Castle.

Só em 29 de novembro de 1874 se deu a transferencia para New-Castle on Tine. Eça de Queiroz vinha continuar em Inglaterra, a mesma obra afirmada na America. A sua estada em Lisboa foi rapida porque em 14 de dezembro desse ano, encontramos a seguinte participação: «Partiu para o seu destino o bacharel José Maria Eça de Queiroz, nomeado consul de 1.ª classe em New-Castle, sendo portador das ordens para o snr. Barão de Wildik partir para o Rio de Janeiro, como consul geral de 1.ª classe.»

E o Barão de Wildik informa, acusando a recepção das ordens e do decreto:

«Tendo o mesmo bacharel chegado a esta cidade no dia 30 de dezembro ultimo, logo procedi ás diligencias necessarias para lhe entregar a gerencia deste consulado, verificando-se a entrega nesta data.

«Na conformidade do que me era ordenado apresentei o novo consul ás auctoridades locaes,

afim de o reconhecerem inteiramente na sua qualidade official.»

O acolhimento que lhe fizeram foi cordeal em extremo; e não hesito em affirmar que o Snr. Eça de Queiroz, pelo seu fino trato, e pela condição que revela a sua conversação, depressa conquistará um logar eminente entre os membros do corpo consular desta cidade, e adquirirá as sympathias, não só das authoridades locaes, como das pessoas que formam a boa sociedade nesta residencia.»

O primeiro officio de Eça de Queiroz é datado de 1 de Janeiro de 1875 e é uma serie de impressões da bôa maneira porque o seu antecessor se houve naquele cargo. E como sempre, miticuloso em tudo, ele cita a «minuciosa e segura escrituração de contabilidade, a perfeita organisação,» e junta imediatamente o inventario; e d'ahi a pouco enviava um estudo sobre o comercio e industrias principaes no norte de Inglaterra e sua situação geral em 1874-1875.

Como se vê, este homem que muitos acusaram de não se importar com o seu cargo, trabalhava como poucos, estudava sempre, preocupado com qualquer facto que tivesse importancia para nós. Logo de principio estuda o aparelho de foguetes e morteiros para arremessar linhas de salvação aos navios naufragados junto á costa, estabelecendo assim a comunicação e salvando as vidas por meio duma

Antiga fotografia d'Eça de Queiroz feita em Inglaterra
depois do aparecimento do «Primo Bazilio»

boia em forma de cesto (breeches bung) que corre sobre cordas fixadas entre o navio e a praia. Descreve ao governo minuciosamente o que são esses aparelhos, como se manobram, fazendo ver «a utilidade d'este melhoramento e a urgente necessidade da sua applicação» mostrando que «são indispensaveis a bordo de todos os navios que navegão nas costas d'Inglaterra—sobre tudo, na estação que entra em que a predominancia dos nevoeiros dobra os perigos do mar, n'estas paragens.»

E' sempre o espirito cheio de beleza que aparece na sua obra de diplomata. A preocupação dos nossos marinheiros que se possam ver em serios embaraços nessas paragens, aflige-o, preocupa-o, pende sobre varias questões: de um lado os interesses de Portugal, do outro os varios aspectos da vida e do trabalho.

Eis um relato interessante d'uma greve geral :

«No dia 29 do mez passado os mineiros de carvão d'este districto declararam uma greve geral. Semanas antes os proprietarios de minas tinhão notificado aos operarios, que d'aquella data em diante, em vista da crescente depressão industrial e commercial, elles farião uma diminuição de 10 por cento, nos salarios, extinguindo ao mesmo tempo a antiga concessão de habitações gratuitas e de carvão gratuito. Como justificação d'esta medida os proprietarios provavão que, com os salarios existentes e os actuaes preços de venda, neste periodo de crise, a exploração das minas era uma perda continuada:

que alem disso, os salarios dos mineiros de Nortemberland, constituião, na tarifa geral dos salarios do reino, uma excepção gravemente onerosa para os proprietarios; que, assim, em quanto os mineiros de South Wales, e dos outros districtos carvoeiros trabalhavão 8 horas por dia á razão de 3 shellings diarios, os mineiros de Nortemberland estavam gosando salarios de 6 shellings diarios, com o privilegio d'habitarem gratuitamente e de receberem distribuições semanais de carvão: e que alem d'isso com a organisação e systema actual o tempo de trabalho para elles escassamente excedia 5 horas de trabalho produtivo. Em presença d'esta resolução dos patrões, os mineiros decidiram a greve em massa. Esta decisão causou tanto maior impressão quanto desde muitos annos, todos os conflitos entre mineiros e proprietarios teem sido decididos por um tribunal d'arbitragem, composto de proprietarios e operarios.»

«O Tribunal d'arbitragem tem dado os melhores resultados sempre: as questões perdem logo todo o seu azedume, recahindo sob essa formula de legislação; as decisões não são abandonadas á paixão; os patrões não teem meio de forçar as suas pretensões, e os operarios não teem ocasião de dar ouvidos ás suggestões revolucionarias; e o tribunal estabeleceu entre ambos, uma egualdade, altamente moral. N'esta ocasião porem os mineiros recusaram-se a sugeitar a questão ao tribunal d'arbitragem.

Os proprietarios de minas apresentaram então novas proposições: a questão de casa e carvão gratuito era posta de parte, e addiada, para uma decisão ulterior: mantinhão apenas a necessidade da reducção de 10 por cento nos salarios, supplicando os operarios n'um espirito de concordia, a que se sugeitassem á arbitragem.

Os mineiros porem recusaram, — e contra os conselhos dos seus chefes, contra os principios que elles mesmo teem estabelecido, contra o espirito de todas as decisões da união mineira, resolveram fazer a greve: demonstrando assim, — que abandonando o principio da arbitragem querem recomeçar o antigo systema da lutta pela greve; e que o accordo e harmonia, que existia ha annos entre patrões e operarios n'este grande districto mineiro desappareceu para dar logar a um estado de desconfiança e hostilidade».

«Dezoito mil mineiros estão em greve — o que representa cincoenta mil pessoas sem meios.

«Todas as minas do districto estão ociosas.

«A reserva de carvão existente não pode durar mais de duas semanas. Portanto dentro em breve, repetir-se-ha, o que se chama a *fome do carvão*. O primeiro resultado será que o movimento maritimo no Tyne parará. Toda a frota carvoeira, que vinha aqui aos fretes de carvão, irá ao districto de Cardiff. A companhia carregadora das docas já despediu os seus homens, na perspectiva d'um periodo longo, sem trabalho. Todas as industrias

dependentes do carvão existentes no districto, sobre tudo as industrias do ferro terão um tempo de inactividade. E esta estagnação de trabalho, vindo n'uma epocha de depressão, causará um grave abalo economico em todo o norte d'Inglaterra».

«Eu todavia não creio que a greve se prolongue.

«A opinião, que na Inglaterra é a grande força motora dos successos, é profundamente hostil á attitude dos operarios: e os seus chefes fazem esforços desesperados para os trazer a um sentimento de conciliação. Mas o que os decidirá, é a miseria. Os ultimos annos tem sido maus annos e de certo os mineiros não poderam fazer economias para fazer face a esta crise: as Trade-Unions e a união mineira tem os seus coffres n'um estado quasi de penuria, e pouco auxilio podem dar aos grevistas: os outros mineiros do reino escassamente podem, n'esta epocha de salarios baixos, ajudar os seus irmãos de Northemberland; e a caridade publica, em geral, não se manifestará — por uma greve que lhe não é sympathica, e que mostra da parte dos mineiros um espirito irreflectido de revolta em que os homens mais liberaes veem um symptoma perigoso. Até hoje porem a greve continua. As negociações progridem todavia para se chegar a um accordo. Informarei V. Ex.ª do que occorrer n'este desgraçado episodio da historia do trabalho mineiro.»

Eça de Queiroz não descança. Seguem-se logo novas impressões:

«Desde os primeiros dias da greve os operarios mostraram um espirito d'animosidade, de resistencia e d'indisciplina que surprehendeu e desgostou: não só desattenderam teimosamente aos conselhos intelligentes dos seus chefes naturaes — os chefes da União Operaria—mas elles mesmo estavam entre si n'um desaccôrdo tumultuoso. Havia na multidão operaria uma tendencia desgraçada a não acceitar nem argumentos nem raciocinios, e um desejo de se vingar da reducção de salario que lhe era imposto (e que elles julgavão uma espoliação) por meio d'uma greve, que arruinasse a industria do Districto; esquecendo assim o seu interesse para não pensar senão na sua colera. O sentimento dos operarios nesse periodo, poderia expremir-se assim, graphicamente: *«nós morreremos de fome, mas elles farão bancarrota»*.

«Foi n'estas condições que se reuniram dois grandes meetings operarios,—um em New-Castle a que assistiram mais de 6.000 mineiros, outro fóra de New-Castle, a duas milhas, a que concorreram cerca de 10 mil homens. Era fatal de prever que no estado de sobre-excitação em que estavam os operarios estes meetings terião forçosamente um caracter de protesto tumultuoso, e não conduzirião a nenhuma resolução racional. Foi o que sucedeu. Os chefes da União Operaria, que vieram presidir aos meetings, desde as primeiras palavras em que, sup-

plicaram urgentemente os mineiros de se sugeitarem á arbitragem na questão de salarios—foram cruelmente apupados. Um operario, no meeting de New-Castle, explicou, com certa logica, a razão por que os homens se recusavão á farça da arbitragem: o tribunal d'arbitragem, argumentou elle, é composto de dous operarios e de dous capitalistas— e o desempatante,— que é, em resumo, quem decide a questão — é sempre um capitalista, ou pelo menos um homem que pelas suas relações, os seus interesses, a sua educação, pende mais para o lado do capital que para o lado do trabalho: e assim é que em todas as arbitragens a decisão do desempatante é invariavelmente desfavoravel aos operarios: e a arbitragem torna-se, assim, uma maneira hypocrita de legalisar a expoliação. Contra esta opinião fixa dos homens, toda a logica e toda a razão dos chefes, foi naturalmente impotente. Os meetings tornaram-se violentos: oradores exaltados vieram expôr, colericamente as queixas tradiccionais do proletario: ouviram-se as opiniões communistas dos peores dias revolucionarios: fizeram-se as propostas absurdas que a colera inspira ás multidões despeitadas:—que se organisasse uma greve geral de todas as industrias; que fossem cem mil operarios a Londres protestar perante o parlamento; que se arrancasse á força aos patrões o dinheiro e as propriedades, etc.:—e tendo um operario começado a ler uma ode em que cantava a conciliação, respondeu-lhe um grito geral: «Pão! o

que queremos é pão»! Isto tomava um caracter grave —e o meeting foi dissolvido.»

«De certo, nenhuma sociedade tão fortemente organizada como a Inglaterra, estas manifestações não são perigosas para a ordem: mas eram lamentaveis como symptoma: — por que era a primeira vez, que se via operarios inglezes perderem a sua confiança nas formas legaes—para se abandonarem a suggestões revolucionarias. Os chefes da União Operaria comprehenderam então o que deveriam ter comprehendido antes—que meetings d'operarios são sempre ou quasi sempre, um tumulto esteril: uns poucos de milhares de homens, reunidos n'um campo, com as suas musicas, os seus emblemas, as suas bandeiras, gritando, bebendo, exaltando-se, tem mais tendencia a confiarem na força do que na razão, e estão mais dispostos a resoluções violentas do que ás soluções legaes. O operario que, isolado, é rasoavel e intelligente; torna-se revolucionario, no enthusiasmo d'um meeting: a accumulação d'homens despeitados produz invariavelmente o desenvolvimento dos instinctos brutaes. O operario, que no seio da sua familia, vê as cousas e as questões sob o seu lado justo, que accolhe com boa vontade as suggestões da razão, ou as imposições da necessidade—não tem n'um grande meeting, no meio da excitação comunicada, e das vociferações dos turbulentos a mesma tranquilidade de reflexão. Seis mil homens que n'um descampado gritão e se exaltão, pensão naturalmente que o

mundo lhe pertence. Os chefes comprehenderam isto e tiveram uma idêa intelligente: — evitar o enthusiasmo, e recorrer á tranquilidade d'uma votação. Fizeram então uma especie de plebescito: cada um dos vinte mil operarios que estavão em greve recebeu um papel em que estava impressa a seguinte pergunta: «*E' pela arbitragem? Sim ou não?* Succedeu o que era natural: a exaltação do meeting tinha-se desvanecido. Cada operario, acalmado, tinha de responder, a esta pergunta terminante:—se votava pela greve—o que significava trez mezes ou quatro mezes de fome—ou pela arbitragem o que trazia o trabalho immediato e o salario, até definitiva resolução da questão. E os mesmos que tinhão vociferado no enthusiasmo do meeting contra a arbitragem, não se atreveram no meio da familia, e a sangue frio, a votar,—a greve, isto é, a miseria das mulheres e das creanças. Uma maioria esmagadora votou a arbitragem. O Tribunal installou-se e os seus trabalhos progridem.»

«Pode-se perguntar se os operarios teem inteira razão em julgar a arbitragem uma farça? Não. Em primeiro logar foram elles que a inventaram, que a pediram e que se associaram, para a obter, por meio de reclamações, jornaes, pamphletos, etc. Em muitos districtos d'Inglaterra e d'Escossia os operarios, apesar dos seus esforços, ainda não conseguiram este grande beneficio. A primeira vantagem da arbitragem—é que o patrão que propõe uma reducção de salario, tem de justificar perante os arbi-

tros a sua exigencia, mostrão os seus livros, a sua contabilidade, a extensão dos seus negocios e dos seus proveitos: isto faz que nenhum patrão, pode, caprichosamente, impôr reducções: como tem de as justificar publicamente, não se atreve a pedil-as gratuitamente. Em segundo logar a publicidade destas declarações, habilitam o operario a conhecer o estado dos negocios dos patrões, os seus lucros, o ganho do seu capital—e portanto a fazerem conformar o seu salario com a proporção d'esse lucro. E' verdade que nestes ultimos tempos, as arbitragens tem sido desfavoraveis para os operarios: mas desfavoraveis, d'uma maneira relativa: sempre que os patrões, tem querido impor uma reducção de 10 ou 15 por cento nos salarios—o tribunal arbitro não lhes tem permittido mais que uma reducção de 5 ou 7. E emfim entre a antiga maneira de reduzir os salarios — que consistia em pôr um aviso á boca da mina indicando a reducção com a alternativa, para os operarios, de aceitarem ou de serem despedidos — e a maneira moderna da arbitragem pela qual a contestação é, durante semanas, discutida entre patrões e operarios, segundo as leis da economia, do mercado, e do juro — ha toda a differença que vae da força á razão e do arbitro á lei. E emfim a arbitragem — que até aqui, neste periodo de crise commercial, tem servido apenas para decidir reducções de salarios, servirá um dia quando a prosperidade renascer, para decidir as augmentações de salario. O meio legal de que se tem utilisado os pa-

trões— para fazer baixar os salarios — será um dia o mesmo de que se servirão os operarios para os fazer subir.»

Estes casos preocupam Eça de Queiroz. Por vezes os seus trabalhos baseam-se sobre as complicadas questões dos mineiros ; mas, principalmente o que mais o absorve, é a impressão das desgraças dessas numerosas familias na miseria. Surge quasi sempre um sentimento de justiça nas suas palavras e um grande amor á ordem. Partidario da arbitragem, como o teem sido os maiores jurisconsultos desde a antiguidade, elle via na aceitação d'um tribunal arbitral, o regulamentador eficaz para todos os conflitos. E neste ponto, em que elle insiste por vezes, não tem mais que a previsão futura desse tribunal de arbitragem da Haya, que seria uma obra grandiosa e bela, se os homens pudessem ser justos, dignos e perder esse egoismo feroz que é a base das sociedades. Estas disenções, onde prepassam relampagos de comunismo e que Eça de Queiroz viu com sincero acerto, haviam de trazer mais tarde o desenvolvimento das Trade Unions; fortifical-as, organisal-as duma maneira poderosa para resistir á burguezia ingleza. E contudo, esse partido de trabalho em Inglaterra, estava latente na sua obra forte, e esse paiz, o mais amoravel das suas regalias e das suas tradições, iria ver numa evolução, feita por meios legaes, a transformação metodica para as esquerdas. A vida tragica dos mineiros trouxe sempre aos espiritos uma simpatia e um grande disvelo.

E Eça de Queiroz continua, numa outra comunicação:

«Estas lutas tão repetidas estão desorganisando a riqueza do condado e, o que é peor, creando entre as duas classes, sentimentos d'hostilidade e desconfiança e uma separação de interesses que podem, de futuro, trazer consequencias sociais bem mais graves que as consequencias economicas... As relações de patrões e operarios davão um grande exemplo d'harmonia, e provavão a lenta democratisação dos sentimentos e dos costumes: mas vê-se bem agora que esta fraternidade era apenas um resultado de prosperidade; quando a industria carvoeira dava cento por cento aos proprietarios e aos operarios, os mais altos salarios do reino,—o bem estar d'uns o enriquecimento dos outros produzião uma paz dourada. Mas apenas a crise veio,—a differença dos interesses trouxe logo a hostilidade das relações: ás concessões succederam-se os conflitos: a tregoa estabelecida pelo apasiguamento de ambições temporariamente satisfeitas findou; e o egoismo de classe reappareceu com os seus peores caracteres,—desconfiança mutua, e exageração intolerante d'interesses que se contradizem. Desde que começou a crise do carvão, todo o esforço dos patrões tem sido diminuir os salarios que, sobrecarregando o custo da producção, cerceão o juro do capital,—e isto sem nenhuma consideração pelo bem-estar dos trabalhadores: e por outro lado, o sentimento dos operarios tem sido resistir ao que

elles consideram uma indigna exploração do trabalho humano—e isto sem de modo nenhum querer reconhecer o jogo natural das leis economicas: de aqui estas sucessivas greves que trazem uma perturbação profunda a este districto—onde o carvão é a grande força elementar da industria. O negocio do carvão tem, indubitavelmente, atravessado uma crise severa; as origens d'esta crise são complexas e antigas, mas podem resumir-se assim:—quando ha seis ou sete annos, em virtude do estado politico e industrial da Europa, a Inglaterra, sobre tudo o Norte (Northemberland Durkam) se tinha tornado o grande, quasi o unico mercado de carvão, e estas emprezas davão um interesse extraordinario, toda a actividade e todo o capital se precipitaram naturalmente n'esta industria: a producção do carvão alargou-se, d'um modo maravilhoso; cada semana via a exploração d'uma nova mina: a affluencia dos pedidos era tal, que os compradores mais apressados, e que queriam o carregamento mais rapidamente despachado oferecião, sob a forma de premio, um tanto por cento sobre o preço; e uma enorme frota mercante enchia constantemente as docas do Tyne. A reacção não tardou. A grande agitação politica e militar de 1870-71 tinha passado; a Europa começava a serenar e a retomar o trabalho: os compradores continentaes principiarão a assustar-se dos altos preços do carvão inglez; o custo de produção que se elevava em Inglaterra diminuira no Continente, e a França,

a Belgica, a Italia, a Alemanha dedicavam-se á exploração dos seus proprios jazigos carboniferos. A America, grande freguesa de Inglaterra, fez o mesmo. Por esse tempo, e por essas mesmas causas, a industria do ferro, que é a mais forte consumidora do carvão, entrou na sua crise, e de repente o norte d'Inglaterra achou-se, com uma enorme quantidade de carvão e sem consumo. A crise definiu-se, os preços baixaram e algumas minas suspenderam logo os trabalhos. Na epocha de prosperidade os operarios por sucessivas ameaças de greves (no momento em que os braços eram mais necessarios) tinham obtido sucessivos augmentos de salarios: um mineiro de Northumberland fazia por esse tempo os proveitos d'um pequeno industrial: derramou-se nas classes trabalhadoras um conforto geral, pode-se mesmo dizer um luxo relativo, por que, ao que se me affirma, muitos pianos foram vendidos para as aldeias habitadas pela população mineira. Apenas a crise veio o primeiro cuidado dos patrões, foi, para diminuir o custo da producção, cercear os salarios:—e assim começou esta longa serie de conflitos que só teem trazido miserias e despeitos. As reducções impostas aos mineiros teem sido d'uma rapidez severa: em abril de 1874, 10 por cento de reducção; em outubro do mesmo anno, 14 por cento; em janeiro de 1875, 10 por cento; em outubro de 1875, 8 por cento; em agosto de 1876, 8 por cento; em maio de 1877, novo pedido de reducção de 10 por cento. Todas estas reduc-

ções criaram uma grande irritação entre os mineiros, deram logar a meetings, muito hostis, — e foram em definitivo, resolvidos sempre por um tribunal d'arbitragem.»

«Não era portanto d'esperar que a associação de proprietarios de minas no começo de dezembro p. p. intimasse aos operarios a necessidade d'uma nova reducção de 12 $^1/_2$ por cento. A surpreza foi grande e a indignação ruidosa. Uma deputação de operarios foi á associação dos patrões, pedindo as razões d'esta exigencia inesperada: a resposta era prevista:—que a industria do carvão estava n'uma crise arruinadora, que as maiores minas do districto estavam paradas; que as perdas dos proprietarios creseião; que com os salarios actuaes elles não podem continuar a produzir; que as minas ainda em operação terião de ser fechadas; e que a reducção era uma necessidade lamentavel mas inelludivel. Os operarios julgando que havia muita verdade n'esta declaração concordaram em acceitar a reducção—com tanto que segundo a longa pratica d'annos, ella fosse decidida por arbitros. Esta condição era da mais escrupulosa justiça—pois que tornou-se d'ha muito lei que todas as divergencias em questões de salarios, n'este districto, são entregues ao estudo e á decisão dum tribunal arbitrador. Mas, com surpreza geral, os patrões recusaram-se a aceitar a arbitragem! Os operarios immediatamente abandonaram as minas — e dez mil homens, com familias, um total de quarenta mil pessoas, estão

soffrendo as miserias d'uma greve, por este rigoroso inverno.»

«O procedimento dos proprietarios é inquestionavelmente injusto. Contra um precedente estabelecido, esquecendo todos os beneficios que trouxe ás relações do capital e do trabalho o pacifico e juridico systema da arbitragem, com uma precipitação e uma severidade que são incompativeis com a harmonia das classes—os patrões apresentão uma exigencia, cuja justiça ou injustiça, elles não admittem que se investigue, e em cujos termos insistem d'um modo despotico e arbitrario. Se se adoptou a arbitragem antes, porque se regeita agora? Porque se pretende impor pela força o que até aqui se deixava dicidir pela justiça? Se os patrões, invocavão a arbitragem, quando se tratava d'augmento de salarios, por que a repellem agora que se trata de se reduzir? Porque a reclamavão quando a julgavam a seu favor, por que se recusão a ella quando pensam que ella pode ser em favor dos operarios? A má fé é palpavel. Todas as reducções que os operarios teem soffrido, teem-lhe sido impostas pela arbitragem: não tem por isso razão para a ver com olhos affectuosos: e no entanto, estavam promptos a sugeitar-se á sua decisão esclarecida. Se por acaso as exigencias do commercio reclamão uma reducção—que se respeitem ao menos as formas legaes, e que ella seja imposta pelo tribunal d'arbitros; dá-lhe um caracter legal, tira-lhes a feição arbitraria: mas dizer *queremos uma reducção*

por força!—é adoptar um systema que não pode trazer senão desconfiança, hostilidade, e a inimisade d'uma classe. Eis o que dizem os mineiros.»

«A questão está n'estes termos—e a greve continua. A Associação Geral dos Mineiros do Reino está auxiliando os operarios de New-Castle, dando a cada homem 6 shellings por semana. Teem affluido donativos particulares, mas insufficientes: a estação é severa, os homens não teem economias e a fome começa a apparecer: algumas familias emigram outras dispersão-se procurando um trabalho casual. Como os mineiros teem casa e lume gratuitos—alguns patrões erão d'opinião que *se lhes tirasse o lume e a casa:* envergonho-me de ter d'escrever este promenor, mas é indespensavel, para representar com exatidão os sentimentos que prevalecem.»

«Qual seria a situação de milhares de familias tendo de viver ao desabrigo pelos campos, agora, que, quando não cahem diluvios de chuva, abattem-se tempestades de neve?

Como poderiam resistir as mulheres enfraquecidas pelas privações, os doentes, os velhos, as creancinhas?»

«Desejo bem poder brevemente informar V. Ex.ª sobre a terminação d'este conflicto—e communicar a reorganisação do trabalho sob bases que mantenham a equidade e garantão a prosperidade.»

Generoso e admiravel protesto! A alma cheia de bondade do nosso representante revela-se de

novo neste documento que, de nenhuma maneira, devia morrer nos arquivos. Paginas cheias de brilho. Se transcrevi varias impressões sobre greves, foi porque encontrei um Eça de Queiroz desconhecido.

A sua graça mordaz, a sua pena scintilante e por vezes fria, o seu ar de dandy, estavam longe de supor o coração generoso, o sentimental, o amor pelos pobres e pelos desabrigados, a impressão do frio destruindo esses lares, a piedade, a revolta mesmo contra a ameaça de retirarem o calor e a habitação a esses seres que vivem nas trevas, todo este poema compadecido aproxima o escritor dessas figuras iluminadas de apostolos. É um desabafo intimo o que ele escreve, porque o Ministério dos Negocios Estrangeiros, não aprecia, senão os factos á luz fria dos acontecimentos; não é uma nota oficial, cheia da formulas e de convenções que mandam todos os funcionarios; é um caso novo, unico talvez; descripção comovida, cheia de encanto, onde surge a garra do estilista, mas onde, sobretudo, aparece um grande coração. Eis um pouco da obra deste consul, que muitos disseram não estimar o seu cargo; eis um pouco, e bastante para enobrecer uma carreira que teve algumas figuras e que esta, com Guerra Junqueiro, mesmo depois da Republica, são de realce genial e ilustram um povo. Por vezes a doença já o minava. E coisa curiosa, nunca, abandonou o seu posto, sem afirmar que os negocios pendentes estão re-

solvidos e portanto se podia ausentar por algum tempo. Este cuidado que ninguem tem hoje, este espirito de dever poucos o compreenderam como ele.

A sua celebridade como escritor crescia. Mesmo em Havana, apesar dos numerosos afazeres que lhe dava a gerencia dum posto de onde irradiavam impressões varias, sobre a America Central, na necessidade de se expandir, o artista burila paginas. Na Gazeta de Portugal tinha publicado *O Milhafre o Senhor Diabo, Da pintura em Portugal, Mephistopheles, Memorias d'uma forca* que tinha trazido sobre o original prosador a atenção do publico. Estas paginas, profundamente interessantes, d'um Eça de Queiroz simbolista, destacavam-se num meio frouxo de inovações e de *prosas barbaras*. Contudo estas impressões originaes celebrisavam-no. O Districto de Evora, a Revolução de Setembro em que publicou a «Serenata de Satan ás Estrelas e a Morte de Jesus; o Diario de Noticias, em que publicára» *De Port-Said a Suez e as Singularidades duma Rapariga loira* tinha trazido ao nosso representante uma nomeada que crescia, mas sobretudo pelo seu romance «*O Crime do Padre Amaro* que aparecera a lume em 1876. Fechado no seu gabinete, nessas longas noites de inverno, logo que deixava prontas as suas obrigações consulares; ei-lo entregue á sua paixão: a literatura. Aumentavam daqui os pedidos de colaboração. Eça de Queiroz faz o possivel para atender as numerosas publica-

ções que querem que ele contribua para o seu renome e escreve. Encontram-se trechos dispersos aqui e alem. Quando não são originaes mandados pelo mestre, são transcrições, pensamentos. O seu nome cria aureola e grangeia admiradores. *As Farpas,* escritas em grande parte por esse ilustre Ramalho Ortigão, tambem abrigam a sua colaboração ilustre e essa «Campanha Alegre» de que depois se fez uma edição em separado, são a prova do seu humorismo e do seu espirito critico. Todos falavam ha annos, do sucesso obtido pelo romance «*Os Mysterios da Estrada de Cintra*» que apaixonára muita gente, discutindo-se a veracidade de certos factos nessa obra. Não admira pois a atenção que merecia ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros tudo que tinha da sua mão de esteta. E curioso, a analisar, era como este homem se desdobrava, tanto no assunto literario, como no campo economico, pendendo sobre estatisticas, confrontando-as, apreciando-as ; e assim oferecenos um exemplo raro de actividade, que, apesar do seu organismo fraco, e cuja saude precisava disvelos, empregava as suas melhores horas na sua meza de trabalho, não tendo prazer senão nessas ocasiões em que usava da sua pena, como o afirmou Silva Pinto.

A par do seu trabalho, Eça deixa sempre um caso de espirito. New-Castle, logo de entrada, marca um ironista.

O empregado ao fazer-lhe entrega do Consulado

mostrou-lhe, que tudo aquilo estava gasto; havia muitas faltas, a propria cadeira estava dezengonçada.

— Está muito bem, responde o consul, tem a vantagem de ser tambem cadeira de baloiço.

O vice consul ia-o ouvindo com espanto. A qualquer informação Eça de Queiroz tinha resposta pronta, para tudo achava remedio, para tudo arranjava solução.

— Mas ha mais, continuou o empregado, a bandeira portugueza, está toda rasgada.

— Magnifico, responde o mestre, toda rasgada. Assim é que deve ser a bandeira portugueza; varada pelas balas, é um simbolo da batalha.

— Mas objetou a medo o chanceler, é que esta bandeira não entrou em nenhuma batalha. Está velha porque ha trinta anos que a temos.

—Neste caso é uma relíquia. Assim é que está bem. Trinta anos em Inglaterra, é digna de ser mencionada. E sem pedir promoção?... E uma bandeira historica ... E que mais...

E continuaram assim no mesmo tom...

* * *

Transcrevo um dos melhores relatorios que arquiva o Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Apreciando este trabalho encontra-se sempre qualquer coisa de novo na sua factura. A disposição,

a opinião critica, o facto historico, nas impressões que se vão ler:

Newcastle, 20 de julho de 1875

Commercio e industria do norte de Inglaterra 1874-1875

Os inglezes costumam dizer que, industrialmente fallando, o norte da Inglaterra é o ponto mais forte da forte couraça ingleza. Esta imagem designa bem a importancia que tem o norte, os condados de Durham e de Northumberland, na fortuna da Inglaterra. Durham e Northumberland são com effeito, ha annos, os *leaders* de um grande movimento industrial e commercial; esta alta situação não é talvez bastante conhecida na Europa, porque o mundo industrial do norte da Inglaterra nem é vaidoso, nem alardeador; tem uma maneira de enriquecer e de progredir, singularmente pacata e calada. Um tal desenvolvimento, dado n'uma provincia de França ou em qualquer dos Estados da falladora America, seria uma origem interminavel de orgulhos, de artigos de jornaes, de estatisticas emphaticas. Aqui não: a modestia iguala a actividade, e este mundo tão rico, tão emprehendedor, tão forte parece que nem tem consciencia da sua vasta influencia sobre o commercio universal.

Algumas especificações resumidas dão-nos a feição geral d'esta riqueza:

O terreno carbonifero de Durham e Northumberland só por si produz mais de 30.000:000 de toneladas de carvão, por anno, o que é a quarta parte da producção geral da Inglaterra: Cambois em Northumberland e Ryhope em Durham são pela extensão, pela actividade, pela excellencia dos processos, as minas de carvão mais consideraveis do mundo. Cleveland produz no seu pequeno districto tanto ferro como todos os Estados Unidos, e entra por um terço na producção total de Inglaterra: as suas minas de Upleatham e Easton não têem no mundo rivaes pela grandeza da sua exploração e pela superioridade do seu minerio, nem se conhecem altos fornos mais productivos e mais poderosos que os de Cleveland. Bastariam estes vastos recursos de ferro e de carvão para dar ao norte de Inglaterra uma supremacia. Quem tem em taes proporções o carvão e o ferro, tem logicamente um logar dominante na civilisação industrial, sobretudo quando uma exploração vigorosa, uma sciencia aperfeiçoada e capitaes poderosos trabalham tenazmente em lhes desenvolver a producção: porque na ambição raciocinada e pratica de hoje, o carvão e o ferro representam o papel que na ambição idealista e errada do seculo XV e XVI representavam o oiro e a prata: é o mesmo ardor em os procurar, em os extrahir da terra, em enriquecer pelo seu commercio. Mas o norte de Inglaterra

tem ainda o primeiro logar em outras industrias subalternas. Durhan produz a quarta parte do chumbo de toda a Gran-Bretanha; as maiores fabricas de productos chimicos do reino estão no Tyne; o condado de Northumberland é o que dá mais prata; nada iguala no mundo as grandes fabricas de vidro de Wear; o Tees está ganhando uma supremacia nas manufacturas do sal; os tres rios do norte têem um terço dos estaleiros inglezes; o melhor *coke* que existe é o de Durham; aqui faz-se o melhor ferro trabalhado, e para todos os desenvolvimentos da sciencia metallurgica o norte é um centro e uma escola.

As cidades do norte desenvolvem-se com rapidez, que faz lembrar os progressos legendarios das cidades transatlanticas. Durham teve, nos ultimos dez annos, quasi um augmento de 20 por cento na sua população. O acrescimo no Tyne foi de 110:000 almas. Newcastle, ainda que é uma cidade velhissima, principal centro de defeza dos normandos contra as invasões dos reis saxonios de Escossia, só n'este seculo é que ganha uma preponderancia: ainda em 1801 pouco mais tem de 30:000 almas, e em 1874 a sua população approxima-se de 200:000 almas.

Na historia das invenções modernas o norte em geral, sobretudo Newcastle, tem um logar glorioso, aqui se fizeram a maior parte das descobertas industriaes e mechanicas que asseguram á Inglaterra a sua alta posição; foi em Newcastle

que Stephenson inventou a locomotiva, e a primeira via ferrea do mundo foi estabelecida no norte entre Darlington e Stocton. Aquella primeira locomotiva, que pesava apenas 4 toneladas, tinha a força de 40 cavallos e corria 13 milhas por hora, está hoje na estação central de Darlington, erigida sobre um pedestal como uma curiosidade archeologica, e em redor d'ella movem-se outras bem differentes que pesam 38 toneladas, tem a força de 1:300 cavallos, andam 70 milhas por hora! Foi em Newcastle que Stephenson inventou a lampada de segurança, foi aqui que se iniciou a factura do aluminio, aqui se estabeleceram as primeiras fabricas de vidros, aqui se inventaram os processos da desprateação do chumbo. Foi em Newcastle que Armstrong inventou os seus canhões, o que é apenas lamentavel, e que descobriu a sua machina hydroeletrica, o que é mais glorioso; é em Newcastle que se têem descoberto os grandes aperfeiçoamentos hoje introduzidos universalmente na exploração das minas de carvão, e é aqui que a metallurgia do ferro tem tido os seus progressos mais decisivos.

A importancia dos rios do norte é extraordinaria, sobretudo a do Tyne. Londres e Liverpool, com o seu prestigio commercial, têem feito quasi exclusivamente celebres o Tamisa e o Mersey; mas a posição que o Tyne occupa no commercio universal não é subalterna; um dado estatistico prova-o victorosamente.

Em 1872 sáem:

	Navios	Tonelagem
De Liverpool	13:742	5.569:793
De Londres............	18:248	4.602:762
De Tyne	19:101	4.885:412

Pensa-se geralmente que o Tyne não é mais do que uma passagem, uma via de saída para o carvão; nada mais inexacto. O carvão com effeito representa a base do seu commercio, mas as suas importações têem o caracter mais extensivo, e todos os paizes do mundo encontram aqui um vasto consumo aos seus productos. Da Allemanha vem o porco, o presunto, a manteiga, a batata, as aguas mineraes; de França as cebolas, o sulfur, a aguardente, os fructos; da Hollanda o queijo, as pyrites, o fermento de cerveja, o linho; da America do Sul o guano, o nitrato de soda, o sebo; do Egyto o esparto e o ferro; da Africa o chumbo e o lithargirio; da Hespanha as laranjas, os limões, o vinho, o sulfur, o maganez; da Suecia e Noruega as madeiras; de Portugal os minerios, o esparto, o grão. E este movimento de importação offerece uma progressão prodigiosa: em 1858 o Tyne não importava por exemplo esparto: em 1863 importava já 18:000 toneladas, a quasi totalidade da importação ingleza. Em 1869 o Tyne não importava mais de 6.000 toneladas de ferro: em 1874 impor-

tou 149:464; em 1869 tirava apenas de Portugal 172 toneladas, e em 1874 12:337! A importação do enxofre, que em 1869 era de pouco mais de 68:000 toneladas, alcança em 1873 a alta cifra de 124:573. A importação de cereaes e de madeiras tem tido um desenvolvimento parallelo. Emfim em 1869 entravam no Tyne com carregamentos de portos estrangeiros 2:350 navios, em 1874, 3:092.

Mas se a importação é grande a exportação é immensa: nenhum rio no mundo a não ser o Mersey em Liverpool tem um movimento comparavel. De 1854 a 1874 o numero medio de navios que saem annualmente carregados do Tyne é de 17:000. Mas o que mostra o grande progresso d'esta exportação é o numero crescente dos navios de alta tonelagem. Em 1854 sáem do Tyne 19:096 navios com uma tonelagem de 2.849:680. Em 1873 sáem apenas 16:799 navios com uma tonelagem de 4.611:358. Em 1863 havia apenas 19 navios de mais de 1.000 toneladas. Em 1873 havia 196. Com o movimento dos navios de alta lotação tem diminuido o numero dos pequenos carvoeiros: em 1863 ainda havia no Tyne 6:000 d'estes barcos de menos de 100 toneladas; o seu numero em 1873 está reduzido a 3:000. Esta larga exportação não se reduz ao carvão e ao coke. Um só dado prova o valor das exportações, carvão e coke exclusivamente, foi em 1864 de £ 778:472, e em 1873 foi de £ 3.151:701. Em nove annos um augmento de 2.500:000. Emquanto á exportação do carvão é

superfluo insistir na sua importancia. *Levar carvão para Newcastle* é um porverbio inglez que corresponde ao nosso *Ensinar o padre nosso ao vigario.* O terreno de Newcastle está tão cheio de carvão como póde um espirito de abbade estar saturado de catecismo, e os dois proverbios synonymos são a mais forte expressão da mesma superfluidade pueril *dar a quem tem demais.* A exportação de carvão com a sua alta importancia não é recente e improvisada pelos pedidos crescentes da grande actividade da industria contemporanea. Já em 1800, quando por differentes motivos a industria na Europa estava n'um periodo de abatimento e de tentativas, Newcastle exportava quasi 1.500:000 de toneladas de carvão; no ultimo anno a cifra de exportação sobe a 5.500:000 toneladas. em 1811 a exportação para o estrangeiro não era superior a 47:000 toneladas, em 1873 foi de 3.113:250.

Uma das causas d'este desenvolvimento é certamente o systema de empregar os vapores na exportação do carvão, substituindo a velha barca carvoeira, de madeira, arrastada, bojuda e vagarosa, e a outra causa, a maior, são as obras gigantescas emprehendidas no rio Tyne; um exemplo basta para as caracterisar, em 1850 a profundidade da agua na barra no Tyne era de 6 pés, hoje nas aguas baixas é de 20 pés. Ha quinze annos um navio de 400 toneladas não podia entrar no Tyne, hoje recebe facilmente navios de mais de 2:000 toneladas. Os commissarios que inspeccio-

naram em 1868 estas colossaes dragagens affirmam no seu relatorio tão curioso, que a quantidade da areia tirada ao leito do Tyne é igual á quantidade de carvão que passa e sáe pelo rio no mesmo periodo. Que espectaculo o de um pequeno grupo de constructores e de negociantes arrancando annualmente 5.000:000 de toneladas de areia do fundo de um rio para dar saída a 5.000:000 de toneladas de carvão.

Os outros dois rios do norte, o Wear e o Tees, se não têem um movimento tão brilhante, desenvolvem no emtanto uma riqueza solidamente progressiva. Sunderland, que é a capital commercial do condado de Durham, é o grande porto de Wear; era em 1851 uma povoação obscura de 50:000 almas, e é hoje uma cidade de 120:000 habitantes, com um grande prestigio commercial. Diz-se geralmente que é a mais americana das cidades inglezas. Estando, com effeito, fóra de todas as grandes linhas ferreas, que ligam o sul e o norte, deve todo o seu desenvolvimento á energia e á iniciativa nervosa dos seus habitantes, que têem alguma cousa do febril temperamento *yankee;* deve muito tambem á facilidade do seu porto e á excellencia das suas docas, que podem conter 500 navios, e das quaes *Hendon Dock* tem na maré alta uma profundidade de 29 $^1/_2$ pés, o que é uma profundidade superior á de qualquer doca conhecida. Estas docas concentram um movimento annual de 10:000 navios. Desde 1861 a exportação

do carvão, sem obter progressos violentos, mantem-se na alta cifra de 3.000:000 de toneladas, emquanto que a exportação do ferro duplica e mostra tendencias a uma riquissima extensão.

As importações têem tido um augmento consideravel, e as grandes minas de carvão que se estão abrindo junto a Sunderland, a reflorescencia que se espera no negocio do ferro, a actividade que se desenvolve nos estaleiros, tudo promette a Sunderland e ao commercio do Wear nos proximos annos uma alta situação.

O rio Tees, com os seus tres portos, Stocton. Middlebourg e os Hastlepool (éste e oeste), tinha, até ha alguns annos, arrastado um commercio difficil e embaraçado pela falta de docas. Os productos das suas grandes industrias tinham de ser conduzidos a portos de embarque mais facil. Esses obstaculos foram ultimamente removidos com um grande impulso; Middlebourg possue hoje um systema de docas admiravel, e Stocton terá dentro em breve completado um systema igual; as docas de Hastlepool foram estendidas e aperfeiçoadas com tal superioridade, que tornam aquelle porto um dos melhores da costa nordeste, como centro de commercio e como bahia de refugio.

Apesar porém de todos os obstaculos, os progressos commerciaes do Tees, segundo as estatisticas, foram sempre largos; o valor total das exportações de Middlebourg, que em 1864 era apenas de £ 390:650, elevou-se no ultimo anno a

£ 3.267:482; em dez annos *tres milhões de libras esterlinas.*

As exportações de Stocton têem no mesmo periodo decenal um augmento de £ 45:000, o que é consideravel, attendendo á estreiteza do seu movimento.

Hartlepool, sem progressos surprehendentes, mantem n'estes ultimos annos uma exportação de £ 2.000:000.

O Tees, apesar de estar chegado ao terreno carbonifero de Durham, tem uma exportação de carvão e de coke limitada; todo aquelle carvão é absorvido pelas industrias das margens do Tees, e o resto é mandado para Londres pelas linhas ferreas. A sua grande exportação é de ferro de primeira fundição e de ferro manufacturado; só de Middlebourg sáem semanalmente 40:000 toneladas de ferro de primeira fundição. O Tees é um dos rios onde as obras emprehendidas para melhorar a navegação têem tido resultados mais prodigiosos de uma corrente tortuosa, estreita, cheio de baixos, de pedras, quasi inaccessivel, a não ser aos temerarios, e que em muitos pontos se podia *passar a vau*, fez-se um largo rio, onde entram, com a mais perfeita segurança, *navios de* 2:000 *toneladas!* E isto em quarenta ou cincoenta annos!

Em resumo: uma riquesa inexcedivel de carvão e de ferro, uma grande superioridade de industrias, um desenvolvimento rapido de população, um commercio prodigiosamente progressivo, um admiravel

systema de docas, uma rede perfeita de vias ferreas, gigantescas obras de dragagem e de canalisação, um notavel aperfeiçoamento das sciencias metallurgicas, uma coragem inabalavel nas tentativas, uma actividade solida e bem organisada nas explorações, tal é o aspecto geral da civilisação no norte da Inglaterra.

Um estudo detalhado nas suas quatro grandes industrias—o carvão, o ferro, os productos chimicos e os estaleiros—mostrar-nos-ha mais especialmente a sua situação commercial e industrial nos annos de 1874-1875.

O carvão

Os recursos e a producção do carvão dos condados de Durham e de Northumberland não se imaginam facilmente; as minas de carvão mais antigas, maiores, mais ricas, mais bem exploradas, estão na área d'estes condados. O carvão produzido é de todas as especies: para uso domestico, para manufacturas, para gaz e para vapor. O comprimento do terreno carbonifero mede quasi 50 milhas, a sua largura varia de 6 a 24 milhas. Em nenhuma outra area de iguaes dimensões, se pode fazer uma extracção mais larga.

Em South Durham, segundo as estatisticas, de 1872 (as ultimas publicadas), a producção de 1872 foi de 17.395:000 toneladas; 45:300 mineiros estavam ali empregados, cada homem estrahindo 384

toneladas. A extracção em Northumberland e North Durham foi de 13.010:000 toneladas, estando empregados 26:321 homens, e tirando cada homem, termo medio, 417 toneladas.

A estatistica mineira de 1872 prova, pois, que os condados de Durham e de Northumberland entram na producção total do carvão inglez, que é de 123.497:316 toneladas, com a cifra de 30.405:000 toneladas. O districto que vem em seguida é Yorkshire com 14.576:000

Durham e Northumberland têem por si só uma producção superior á de qualquer nação da Europa.

O valor d'esta produção não se pode precisar com exactidão, em virtude das fluctuações constantes de preço do carvão; os ultimos calculos feitos, que são os do anno de 1872, attribuem ao carvão estrahido nos dois condados a valia de £ 20.000:000 a 25.000:000, custo á bôca da mina; no logar do consumo (na Inglaterra ou no estrangeiro póde-se calcular um terço mais); outros dizem o *triplo,* attendendo á elevação crescente dos preços de então, que fazia, por exemplo, que uma tonelada de carvão graúdo (steam coal) custasse á bôca da mina no paiz de Galles, 6 shillings e em Londres 18 shillings.

As causas do desenvolvimento extraordinario d'esta producção são differentes; é a qualidade do carvão superior ao de todo o resto da Inglaterra; a proximidade em que estão as bacias carboniferas dos portos de embarque; a existencia, no districto,

de trez dias de navegação, da importancia do Tyne, do Wear e do Tees; a vasta rede de caminhos de ferro, com os seus baratissimos transportes; a proximidade dos paizes do norte da Europa, os mais adiantados nas industrias, em que o carvão é uma base; e, emfim, o desenvolvimento universal das industrias metallurgicas, esta é, mesmo, talvez, a razão essencial d'este desenvolvimento. Só para os altos fornos de primeira fundição de ferro, o Yorkshire leva d'aqui 2.500:000 de toneladas, o South Strafordshire 2.000:000, e os restantes districtos de Inglaterra completam a alta cifra de 4.500:000. Calcula-se que outro tanto é absorvido entre o Tyne e o Tees no ferro forjado, nas manufacturas de *rails,* chapas, gusa, nos estaleiros, etc. E o carvão exportado para a Europa para trabalhos metallurgicos não é inferior a 4.000:000 de toneladas.

Pergunta-se muitas vezes: quanto tempo poderão durar ainda os recursos do carvão em Inglaterra, em presença das exigencias crescentes da industria? A comissão nomeada em 1869 para dar o seu parecer sobre a extenção e duração das bacias carboniferas, baseando o seu calculo em que a maior profundidade exploravel é de 4:000 pés, calculou o jazigo inexplorado de Durham e Northumberland em 10.036.660:236 toneladas. Se se ajuntar incidentalmente que a mesma reserva no South Wales é de 32.456.208:913 toneladas e na bacia de Middland de toneladas 18.172.071:433, sem contar os outros grandes districtos de Ingla-

terra, póde-se calcular a riqueza d'este paiz, que tem no seu solo, em taes proporções, a base e a força de toda a civilisação industrial. Os calculos sobre a duração d'estes jazigos são contradictorios. Mr. Hugh Taylor pensa que o carvão poderá ainda durar 1.700 annos, e sir William Armstrong calcula que em 212 annos a Inglaterra não terá uma tonelada de carvão; mas, pensa elle, antes d'isso a civilisação terá substituido o velho auxiliar—o combustivel mineral—por um novo poder— a electricidade.

A extensão destas minas é tão grande, a sua ligação tão cerrada, a sua exploração tão bem combinada, que sir George Elliot disse em 1870 á *Coal Commission*, que elle poderia ir de Newcastle a Durham por debaixo do chão, n'uma explendida galeria de carvão.

Não são todavia estes dois condados os que têem maior numero de minas, apezar de serem os que produzem mais carvão. O numero de minas em lavra parece em geral estar na rasão inversa da producção obtida. O Yorkshire com 426 minas produz 13.000:000 toneladas; o Yorkshire com 376 minas produz 14.000:000; South Durham com 304 minas produz 30.000:000. É que aqui a força da actividade e a perfeição dos processos chegam a fazer produzir diariamente 2:000 e 3:000 toneladas em cada mina, e uma tal extração não é igualada em parte alguma.

A maior parte d'este carvão, ou uma grande

parte (em South Durham, de 17.000:000, 10.000:000), é convertido em coke (para trabalhos metallurgicos), que vae para os fornos de Cleveland para as manufacturas; de ferro hematite de Cumberland, para as manufacturas de aço de Shefield, e que alem d'isso se emprega nas locomotivas, nas machinas a vapor fixas, nos usos domesticos em estado cru e no tratamento de quasi todos os minerios. Os proprietarios de minas cada vez vão tendo mais tendencias para converter o carvão de pedra das suas minas em coke; geralmente fallando, com effeito, o coke pode ser vendido pelo dobro do preço da hulha que se carbonisa para o produzir; mas alem d'isso succede que o carvão miudo, que por si tem um valor diminuto, póde ser reduzido a coke e adquirir assim preços superiores. Assim é que 70 ou 80 por cento do carvão de pedra, sobretudo em Durham, é convertido em coke. O coke de Durham é o melhor do mundo, e diz-se que é uma das origens da fortuna do norte da Inglaterra. Sem o coke de Durham, os altos fornos de Cleveland, trabalhando em numero inferior e impuro, não poderiam nunca produzir as qualidades de ferro, que são uma das riquezas do norte; a sua pureza, com effeito, é admiravel; não contém mais que um leve vestigio de sulfur, e nenhum phosphoro, o que o torna inegualavel, porque se o phosphoro é o *archi-inimigo* do fabricante de ferro, é, como dizem os inglezes, a mesma *peste e guerra* para o fabricante de aço.

Taes são as feições mais geraes da exploração do carvão do norte.

Os annos de 1874 e 1875, até ao momento presente, têem sido para o commercio do carvão uma epocha de depressão, de decadencia e de perda. É sem duvida uma crise passageira, que não affecta os grandes elementos da riqueza hulheira, mas que tem trazido graves prejuizos durante estes dois annos ás firmas mineiras e ás classes operarias. A historia curiosa e instructiva d'esta crise, cujos resultados definitivos não podem facilmente ser antevistos, remonta aos annos de 1872 e 1873, depois da guerra franco-prussiana houve em toda a Europa uma reflorescencia imprevista nas industrias metallurgicas, movimento accelerado e quasi febril, em que a America tomou uma larga parte. A Allemanha, no fim da campanha, encontrava-se com uma vasta somma, os cinco *milliards* da França, que a habilitavam a entrar na industria com um grande impulso. A França desenvolvia á pressa os seus maravilhosos poderes recuperativos e lançava-se, com uma energia desesperada, no desenvolvimento das suas industrias siderurgicas ; a Russia, a Turquia, os pequenos estados da Europa imitavam esta actividade, e assim o grande deposito de carvão e de ferro da Inglaterra viu-se cercado de um tal numero de pedidos e de encommendas, tão importantes, tão rapidas, que não teve elementos para os satisfazer. O mundo inteiro vinha buscar ferro ao norte da

Inglaterra; a industria do ferro reclamava carvão em tal quantidade, que uma lavra precipitada era impotente para completar. D'aqui nasceu o que se chamou em Inglaterra a *fome do carvão.* Os preços portanto subiram a cifras extraordinarias. A tonelada de coke, que era vendida com rasoavel beneficio até 1870, de 8 a 10 shillings, chegou a valer em 1873 de 45 a 50 shillings! Nos ultimos seis mezes de 1872 os preços eram quasi prohibitivos; o commercio do carvão com o estrangeiro era feito, por assim dizer, *debaixo de protesto.* A Europa comprava, escandalisada, porque não tinha outros meios de se prover. A Inglaterra fazia puramente um acto de pirateria. Improvisavam-se fortunas colossaes. Tenho ouvido de proprietarios de minas, que elevaram os seus rendimentos liquidos de 5:000 a 100:000 libras esterlinas. O que os consumidores do carvão inglez *pagavam a mais*, durante este periodo, é equivalente, segundo os calculos de Sir Amstrong, a um imposto extraordinario que se lhes tivesse lançado de £ 40.000:000! A reacção não podia tardar; esta tyrannia de preços, no carvão e no ferro, não podia deixar de produzir uma rebellião immediata.

Assim foi. Dentro de um anno todas as condições do mercado estavam mudadas. Uma depois da outra, as nações da Europa começaram a procurar nos seus proprios solos, e com uma actividade extraordinaria, os recursos de carvão e de ferro que a Inglaterra, pelos seus preços empha-

ticos, tornára quasi inaccessiveis: nações que vinham buscar todo o seu combustivel á Inglaterra tornaram-se independentes d'ella, pela exploração das suas proprias bacias carboniferas.

A Allemanha quasi duplicou a sua producção de carvão.

Os Estados Unidos, em presença dos preços inglezes, deram um tal impulso á lavra das suas minas de Pensylvania, que em 1872 chegaram a extrahir 41.000:000 de toneladas.

Mas o golpe maior no commercio do carvão foi a diminuição nos pedidos de ferro: naturalmente os preços do ferro tinham jogado parallelamente com os preços do carvão; o preço da fundição está na rasão directa do preço do combustivel.

A America e quasi todos os paizes da Europa obtinham ferro mais barato importando-o de Inglaterra, do que fabricando: mas os preços de 1871 a 1873 foram uma severa lição. Os freguezes de Inglaterra, avisados, começavam a olhar mais para os seus proprios recursos do que para os depositos inglezes. E assim é que, dentro de tres annos, a Inglaterra, viu os seus pedidos da America e da Europa, e das posssessões britannicas, diminuir gradualmente.

A Belgica sobretudo, a França em seguida, começaram a fazer-lhe uma concorrencia formidavel.

O commercio do ferro, portanto, abateu como uma véla a que falta o vento, e parallelamente, o com-

mercio do carvão, depois dos seus proventos fabulosos, encontrou-se diante de uma baixa temerosa. O coke caíu da sua alta cifra de 45 a 20 shillings a tonelada, e dentro em poucos mezes de 20 a 15 shillings, que é o seu preço actual; as outras especies de hulha soffreram uma depreciação igual. Parece no entanto que, em definitiva, havia um ganho geral no mercado.

Se em 1870-1871, antes dos altos preços da *fome do carvão*, o preço da tonelada do coke por exemplo (tomando o coke como typo), era de 6 shillings, e se no fim da crise, passada a infatuação dos preços, a tonelada se mantem a 15 shillings, o resultado apparentemente é favoravel.

Aqui, porém, tem logar uma grande consideração, *que é o custo da producção*. É que de 1870 a 1875, se o preço do carvão duplicou, o custo da producção fez *mais que duplicar*, e n'este ponto é necessaria uma narração concisa das fluctuações e alterações que teve durante a crise o custo da extracção.

É facil de ver, que em presença dos beneficios prodigiosos dos proprietarios, que se elevavam a 300 e 400 por cento, os operarios não poderiam deixar de pensar em aproveitar com esta alta, e *colher alguma cousa d'esta grande colheita*. As reclamações começaram logo em seguida á elevação dos preços; n'aquella epocha sòb a urgencia crescente de pedidos anciosos e de uma accumulação nunca vista de encommendas; os patrões não

podiam, por uma recusa ás exigencias dos operarios, expor-se ao desastre de uma *grève.* Todas as reclamações foram satisfeitas, parte sobre a pressão das circumstancias, parte por um espirito louvavel de equidade, e de mez a mez, por exigencias successivas e correspondentes á gradual elevação dos preços, os salarios foram augmentados em 58 por cento. Foi o bom tempo para os operarios.

Chega porém a depreciação dos preços: é claro que os proprietarios não podiam manter a elevação dos salarios; mas é evidente que os operarios não cediam facilmente os augmentos obtidos. D'aqui nasceu a *grève dos patrões*, que occupou quasi todo o anno de 1874.

Os patrões fizeram a primeira demonstração em março, creio eu, de 1874, pretendendo reduzir os salarios de 20 por cento; como o augmento fôra de 58 por cento, ainda restava aos operarios um acrescimo nitido de 38 por cento. Esta reducção tornava-se urgente para os interesses dos patrões; uma tonelada de carvão, custava, de producção, á bôca da mina, 6 shillings e 6 dinheiros, e a mesma tonelada, posta no logar do consumo, nãó seria paga por mais de 7 shillings e 6 dinheiros. Assim os beneficios do patrão estavão reduzidos a *1 shilling* por tonelada.

Os ganhos no coke eram ainda relativamente menores. De tal sorte que a reducção de 20 por cento nos salarios era urgente; depois de longas deliberações, os operarios consentiram em ceder a

uma reducção de 10 por cento. Mas logo depois exigiram, como compensação d'esta concessão, uma diminuição de horas de trabalho, e perante a resistencia dos patrões, o periodo das *grèves* começou, com os seus consequentes desastres. Não tem logar aqui a historia detalhada d'esta grave e protrahida lucta, entre os proprietarios e os operarios; é ella todavia profundamente instructiva, e mostra como todas as questões d'esta ordem, que em muitos paizes, em quasi todos, são a origem de conflictos lamentaveis ou de duras injustiças, encontram aqui uma facil solução, n'aquelle systema de conciliações, arbitragens, com promessas mutuas, que tanto está nos habitos do genio inglez e que é a essencia mesma da sua constituição e da sua politica. Basta dizer, que depois de uma longa e protrahida disputa, os operarios terminaram por acceitar uma reducção de 20 por cento. Mas a depressão do commercio tornava-se tão grave, que os patrões não tardaram em pedir uma nova reducção nos salarios, de outros 20 por cento. Esta exigencia encontrou uma resistencia decidida. A questão foi sujeita ao tribunal de arbitragem, o qual, entre os patrões que pretendiam que do augmento de 58 por cento feitoe m 1871, se reduzissem 40 por cento, e os operarios que pretendiam que apenas se reduzissem 20, decidiu uma reducção media de 28 por cento.

Assim é que, se os preços do carvão, em *definitiva*, eram em 1874 o dobro do que eram em 1871

(antes da *fome do carvão*). nem por isso havia um ganho *definitivo*, porque os salarios tinham no mesmo espaço de tempo obtido uma elevação de 30 por cento.

Mas não era só este augmento de salarios o que tornava o custo da producção em 1874 superior á de 1871; é que durante esse periodo o *regulamento de minas* tinha sido publicado, e algumas das suas disposições traziam como consequencia um augmento de 20 por cento no custo da producção hulheira, segundo os calculos mais justos. Estas disposições, prejudiciaes aos proprietarios, eram as que se referiam sobretudo ás horas de trabalho; assim o regulamento reduzia, muito justamente, o trabalho de rapazes menores de dezeseis annos, a cincoenta e quatro horas por semana.

O costume nas minas de Northumberland e Durham era que o trabalho de um homem fosse de cinco dias e meio por semana, e de onze horas por dia; a lei de minas estabeleceu que o trabalho fosse de cinco dias por semana e dez horas por dia, e produziu assim uma diminuição de vinte e quatro horas de trabalho por quinzena, por cada homem. Acresce que alem de se terem elevado os salarios de 58 por cento, houvera necessidade de augmentar o numero de braços em consequencia da diminuição das horas de trabalho; a producção correspondente a cada homem em 1871 era de 4^{ton},67 por dia, e em 1873 de 4^{ton},02, havendo assim por cada homem uma diminuição de produc-

ção, no valor de 14 por cento; em geral a producção das minas em 1873 mostrava uma reducção de 6 por cento em comparação com 1871.

Assim é que o effeito liquido, da elevação dos salarios a 58 por cento, da diminuição das horas do trabalho e do augmento dos braços empregados, foi elevar o custo da producção de 92 a 101 por cento. Assim é que, se depois de passada a grande epocha da *fome do carvão*; o preço do carvão se achava *quasi* duplicado, o custo da sua producção achava-se *mais que* duplicado, e em definitiva o que havia era uma perda.

A estas causas de baixa, veiu juntar-se no meiado de 1874, a grande *grève* dos mineiros de ferro de Cleveland. Durante quasi dois mezes os trabalhos das minas estiveram suspensos. Sem mineiros, os altos fornos tiveram grandes interrupções de trabalho; alguns poderam sustentar-se a meia força, com as importações apressadas de minerio, que então se fizeram; a maior parte, porem, teve de apagar os seus fogos.

Assim as minas de Durham e de Northumberland, que forneciam de carvão os altos fornos, virão-se de repente sem consumidores. A depreciação dos preços cresceu, e o carvão accumulou-se inactivamente á bôca das minas. Muitos proprietarios teriam de certo cessado os trabalhos, se fosse facil suspender uma exploração de carvão; mas nas bacias carboniferas, a interrupção da lavra é sempre seguida de taes transtornos, que

impedem posteriormente toda a continuação de trabalhos; os poços alagam-se de agua, enchem-se de gazes impuros, e d'aqui a necessidade de continuar a lavrar mesmo em condições desvantajosas.

Assim, quando chegou o fim do anno de 1874, o commercio do carvão, soffria uma verdadeira crise; a producção cara, os preços baixos, os pedidos raros, e o commercio do ferro decadente, e portanto diminuido o seu consumo principal. Só os carvões para uso domestico e para gaz, o que é a minima parte do commercio, não tinham soffrido naturalmente baixa, não tendo havido alteração no seu consumo regular.

Esta crise, porém, não abateu a coragem nem enfraqueceu a iniciativa; os proprietarios de minas, comprehendendo que este periodo de decadencia devia ser curto, que o commercio do ferro devia fatalmente ter uma reflorescencia enorme, e que assim os pedidos do carvão deveriam affluir, com a antiga abundancia, vão-se preparando por um desenvolvimento e extensão de lavra na bacia carbonifera, para fazer face ao grande consumo, que as necessidades crescentes da industria hão de necessariamente trazer.

Assim, durante o ultimo quartel de 1874, e nos mezes decorridos de 1875, as explorações da bacia de Durham e Northumberland têem tido um rapido incremento. A lista das minas lavradas, dos poços abertos, das extensões dadas ás obras antigas,

encheria muitas paginas d'este relatorio; entre estas emprezas novas, ha algumas colossaes, e a resenha que tenho presente mostra, entre as mais consideraveis, a lavra começada em Kylton Castle, pertencente a Mr. Palmer M. P., que poderá dar brevemente 1.000:000 de toneladas por anno.

No emtanto esta mesma actividade, salutar em si, não deixa de ser considerada com alguma inquietação pelos mais prudentes. Uma tal extracção de carvão é feita, na esperança de um consumo correspondente nos dois ou tres annos que se vão seguir; é sobretudo feita, em vista da reflorescencia das industrias metallurgicas; mas se não houver taes necessidades do consumo? Se o commercio do ferro não reviver? Se os pedidos estiverem muito áquem d'esta vasta producção? Então ter-se-ha tornado improductivo um capital enorme, as lavras terão de ser suspensas, muitos trabalhos inutilisados, uma população operaria será lançada nos embaraços do desemprego, uma desmoralisação geral desorganisará o commercio, e o norte de Inglaterra ver-se-ha em presença de uma crise temerosa.

Dar-se-ha tal catastrophe? É difficil suppol-o; uma cousa porém é certa, é que o norte de Inglaterra deve contar de menos, como seus consumidores regulares, um grande numero de firmas e alguns governos europeus. Como eu disse, depois da *fome do carvão* e dos seus altos preços, a maior parte das grandes nações industriaes da

Europa abandonaram o mercado de Inglaterra e deram-se á exploração dos seus proprios recursos. Outra cousa é igualmente certa; é que desde fevereiro ou março de 1875, o commercio de ferro mostra uma tendencia para declinar, e os pedidos do carvão têem consequentemente tido uma larga diminuição.

Por mim, penso, que todas estas alterações são transitorias, e que vistas mais tarde e no seu *ensemble* estas fluctuações, serão tão imperceptiveis, no poderoso e vasto impulso industrial do tempo presente, como um pequeno redomoinho é invisivel n'uma grande corrente de um rio.

O ferro

Depois da producção do carvão, a manufactura do ferro é a mais importante industria no norte de Inglaterra. Até ha vinte annos esta industria era insignificante; só desde a abertura e lavra das minas de Cleveland é que o ferro começou a sua gloriosa carreira na historia industrial do Norte.

Até então, trabalhava-se sim o ferro entre o rio Tyne e o rio Tees, mas de um modo tão debil e com recursos tão estreitos, que a producção annual até 1850 nunca pôde exceder a cifra modesta de 100:000 toneladas.

Não vem para aqui fazer a historia pittoresca e scientifica da descoberta do ferro nas collinas de Cleveland; nunca uma industria foi impellida com

uma actividade tão firme, nunca uma empreza animosa encontrou recompensas mais ricas: em 1852 as minas de Cleveland produziram 50:000 toneladas de ferro, em 1874 produzem 6.000:000 de toneladas!

No mesmo periodo o norte passou de uma fundição de ferro de 4:000 ou 5:000 toneladas por anno, a fundir em 1874 2.000:000 de toneladas!

O valor d'esta producção é calculado hoje em £ 10.000:000! Só entre o Tyne e o Tees ha 141 altos fornos em trabalho.

Para dar uma idéa do vasto movimento de capital que ha n'esta industria, basta lembrar que cada forja custa accesa e em operação £ 20:000; assim em levantar ao ar estas vastas fundições empregou-se um capital de £ 2.750:000!

Por outro lado a lavra e exploração das minas, sobretudo nos primeiros tempos, custou sommas colossaes; antes que se encontrassem os jazigos das minas de Kelton, gastaram-se £ 100:000. Póde-se calcular o que custariam a pôr em via regular de exploração as 40 minas de Cleveland.

É difficil avaliar com precisão o numero de braços empregados n'esta industria; fluctuações subitas e consideraveis fazem variar constantemente a população operaria.

Mr. Bell, n'um relatorio sobre o assumpto, calcula em 20:000 os homens empregados nas forjas de ferro, em 9:000 os mineiros de Cleveland, e em 6:000 os operarios nos altos fornos, o que dá um

total de 35:000 homens occupados; se a isto juntarmos os 30:000 operarios que em Durham manufacturam o cobre para as industrias do ferro, os 2:000 operarios que trabalham em Weardale para fornecer os altos fornos de *limestone*, temos quasi 70:000 operarios vivendo d'esta industria.

O minerio de ferro que alimenta os altos fornos do districto não vem unicamente de Cleveland, mas em verdade Cleveland fornece a quasi totalidade.

Weardale dá um minerio conhecido pelo nome scientifico de «rider».

Rosedale dá um minerio magnetico, riquissimo, contendo 48 a 50 de ferro metallico, emquanto que o minerio de Cleveland dá mais de 33 por cento. Rosedale está tendo uma extracção de 2:500 a 3:000 toneladas por dia.

A extensão das obras e das operações realisadas por as firmas industriaes que exploram o ferro é extraordinaria. Bolckon, Vaughan & C.º, por exemplo, que foi um dos iniciadores do movimento mineiro de Cleveland e possue os maiores fornos do districto, tem um capital nominal de £ 3.410:000! Alem dos altos fornos de Middlesbourg, Eston e Wetton Park, das grandes minas de Eston e Skelton, possue as maiores minas de carvão de Inglaterra e as maiores manufacturas de aço de Manchester. Emprega 12:000 operarios, e paga de salarios semanaes £ 16:000. Extrahe annualmente 1.500:000 toneladas de carvão. A sua ultima em-

preza são as grandes minas de Bilbáo, cujo minerio é transportado para as suas minas de Middlesbourg por uma frota de vapores que lhe pertence. O numero de wagons que emprega no transporte do seu trafico, excede o material rolante de algumas companhias de caminho de ferro. E para simplificar e centralisar o seu movimento, tem toda uma rede de vias ferreas entre as suas minas e as suas fabricas!

A actividade mineira em 1874-1875 tem sido extraordinaria. Apesar da *grève* de maio e junho, a extracção de ferro em 1874 teve um desenvolvimento pouco vulgar, mesmo na historia industrial de Inglaterra.

Cada firma mineira parecia antever n'um futuro proximo, uma formidavel accumulação de pedidos, e tratava de preparar uma producção correspondente de modo a evitar uma *fome de ferro*. A lista dos trabalhos projectados, começados, continuados com mais extensão, enchem as columnas de um grande jornal inglez que tenho presente.

Basta dizer que, se os restantes mezes de 1875 e o anno de 1876 virem um progresso igual, o norte de Inglaterra terá em tres annos duplicado a sua producção de ferro, o que seria um facto sem precedentes na historia da industria nacional.

É possivel, porém, que os pedidos de ferro fundido não sejam tão prosperos, e que todo este minerio extrahido, não encontre emprego e utilisação.

Nos fins de 1874 tudo parecia mostrar, que á abundancia da extracção correspondia um acrescimo de consumo, porque só em Cleveland se tinham levantado mais de 12 altos fornos, correspondendo a um consumo de 600:000 toneladas annuaes.

Nos primeiros mezes de 1875, porém, a perspectiva é desfavoravel: os trabalhos de fundição não progridem: os pedidos não vem, e o mineral estrahido não encontra uma collocação facil.

Um dos grandes factos da industria mineira do anno, foi a *grève* dos mineiros de Cleveland. Os proprietarios pretendiam, em vista da baixa de preços, reduzir os salarios dos mineiros, em 2 dinheiros por extracção da tonelada, e o dos trabalhadores *dalal hands* em 12 $^1/_2$ por cento. Os operarios fizeram *grève,* que durou desde a segunda semana de maio até ao fim de junho.

Os altos fornos viram-se sem minerio para trabalhar; importou-se muito e á pressa de Northamptesshire e de Lincolnshire, mas ainda assim, muitas das fornalhas tiveram de ser apagadas.

A *grève* estendeu-se a todas as minas de Cleveland, excepto uma, e affectou, em maior ou menor grau, todos os trabalhos industriais do norte. É impossivel, por ora, precisar em cifras a perda occasionada por esta *grève* desastrosa; patrões e operarios soffreram consideravelmente; e os ultimos tiveram de ceder; nem podia deixar de ser, diante da baixa do mercado que se tornava opressiva.

Diz-se geralmente, que uma segunda *grève* d'esta ordem arruinaria muitas das industrias do districto, e, que, repetida duas ou tres vezes, faria totalmente perder ao norte de Inglaterra a sua actual posição industrial.

O anno de 1874 e os mezes decorridos, de 1875 têem sido uma epocha de decadencia para o commercio de ferro.

A historia é a mesma do carvão; fortes pedidos em 1871 e 1872, quasi impossibilidade de os satisfazer, elevação prodigiosa dos preços, elevação dos salarios parallelamente, e emfim a crise, isto é, a descontinuação dos pedidos estrangeiros e nacionaes, e a sucessiva baixa dos preços.

O ferro de primeira fundição (Cleveland) era cotado em janeiro de 1874 a 85 shillings a tonelada; em dezembro do mesmo anno tinha caido a 61 shillings.

No anno de 1871 o seu preço chegava a ser 130 shillings por tonelada.

O ferro forjado, o *finished iron,* soffre egualmente uma grande depressão. Duas causas simultaneas concorriam para isto; em primeiro logar o negocio dos *rails* está em perfeita estagnação. As companhias estrangeiras não estenderam as suas redes, e os caminhos de ferro projectados na India e nos Estados Unidos, e que promettiam ao norte de Inglaterra grandes pedidos de *rails,* foram momentaneamente abandonados, em consequencia do alto custo do trabalho e do material.

Em 1872 exportaram-se d'aqui 410:000 toneladas de *rails* para a America, e em 1874 a exportação não chegou a 100:000.

A maior parte das fabricas de *rails* pararam; das 1:000 que existem no Tyne e no Tees só uma terça parte trabalha, o que representa 7:000 operarios sem trabalho. A outra causa foram os altos salarios, o que impedia as firmas manufactoras de acceitarem contractos por preços onde o proveito seria quasi nullo, e fez com que todas as encommendas affluissem para os districtos do sul, onde os salarios são menores, ou para os mercados estrangeiros.

Esta questão dos salarios foi uma das grandes preoccupações do anno passado. Reducções nos salarios eram inevitaveis, e temiam-se portanto *grèves* desastrosas; mas uma grande moderação prevaleceu; e patrões e operarios mostraram-se dispostos a acceitar os beneficios da arbitragem em todas as alterações de salarios, que o estado do mercado tornava urgentes; e foi assim que todas as modificações se obtiveram, sem suspensão de trabalho, e sem as suas dolorosas consequencias.

Em 1873 os operarios dos fornos *puddler* eram pagos a razão de 13 shillings, 3 dinheiros por tonelada; em julho de 1874 estes salarios foram reduzidos a 11 shillings, 6 dinheiros, e em outubro do mesmo anno, a 11 shillings, 5 dinheiros, tendo ainda posteriormente havido reducções, combinadas por arbitragem e realisadas sem luta.

A concorrencia estrangeira na industria do ferro tem sido n'estes ultimos dois annos uma das rasões de depreciação actual do commercio inglez do norte. A America, o freguez mais consideravel da Inglaterra, está dando uma grande extenção, á sua industria do ferro; no fim de 1873, 662 altos fornos nos Estados Unidos, e nos seis primeiros mezes de 1874 completavam-se 11, e estavam em via de construcção 51, e começavam-se 61. A capacidade annual da producção d'estas fornalhas calcula-se em 4.500:000 toneladas. Assim a America poderá produzir quasi tanto ferro como a Gran-Bretanha.

E este facto é tanto mais grave para o commercio de ferro no norte, quanto os Estados Unidos tinham por costume vir buscar aqui todos os seus *rails*. Mas gradual e systematicamente a America tem desenvolvido o seu fabrico de *rails*; em 1862 a producção de *rails* na America foi de 213:912 toneladas, em 1872 foi de 850:000 toneladas.

A Belgica está igualmente fazendo ao norte da Inglaterra uma aspera concorrencia, *running a hard and close race.* Todas as informações sobre o estado actual da industria belga mostram que ella póde produzir por preços sufficientemente mais baratos que o norte da Inglaterra: os salarios são mais baixos e a materia prima mais em conta. Todo o anno passado se esteve vendendo em Liége excellente coke a 18 shillings, 4 dinheiros, quando as qualidades mais superiores em Inglaterra não se podiam obter por menos de 21 shillings.

Os esforços da Belgica tendem sobre tudo para attrahir os consumidores de *rails*. E n'este ponto a concorrencia é tanto mais sensivel para o norte de Inglaterra, quanto de todo o ferro manufacturado aqui, os *rails* representam 70 por cento. E esta concorrencia vem justamente na peor epocha, isto é, no momento em que as companhias de caminhos de ferro mostram uma tendencia geral para substituir os *rails* de ferro pelos *rails* de aço, abandonando portanto no norte de Inglaterra Cleveland, o centro das industrias de ferro, e indo levar as suas encommendas para Barron e Shefields, centros das industrias de aço.

Em geral a situação do negocio do ferro no norte é esta: o ferro de primeira fundição mantem uma forte producção, ainda que os seus preços são baixos; o *finished iron* (ferro trabalhado), está em depressão, e d'estes, o fabrico de *rails* quasi em estagnação.

Que esta crise é passageira é incontestavel: o ferro é o pão da industria; e com os desenvolvimentos crescentes, o emprego do ferro é cada dia mais largo. Os jornaes inglezes, é verdade, vem cheios de longas e desoladas queixas sobre o estado decadente do negocio do ferro; mas isto provém da surpreza que lhes causa uma baixa commercial depois de quatro a cinco annos de uma prosperidade sem exemplo.

É realmente uma severa prova para os proprietarios de carvão e de ferro; depois de alguns

annos de extraordinario lucro, verem-se obrigados a conservar o trabalho das suas minas e das suas manufacturas debaixo de perda; e não é menos forte provação para os operarios serem obrigados a ceder perante esta crise parte dos seus salarios. Mas é certo que, encarando-se com uma critica justa a situação, não se pode deixar de considerar desafogadamente que um districto como o norte de Inglaterra, com taes riquezas de ferro e de carvão, uma tal actividade na exploração e uma tal perfeição nos processos de mão de obra, póde soffrer um obscurecimento de fortuna, um, dois annos, mas no fim ha de forçosamente retomar no commercio universal a situação que lhe dão naturalmente os recursos do seu solo e a intelligencia do seu trabalho.

Productos chimicos

O commercio e industria dos productos chimicos tem ganho a sua importancia em Inglaterra unicamente nos ultimos cincoenta annos, sobretudo no Tyne. Muitos vivem ainda de certo que viram as margens do Tyne vasias de todo este vasto e tormentoso apparato de fabricas e productos chimicos.

No começo d'este seculo a industria dos alkalis estava em taes condições, que não se lhe podia antever nenhum desenvolvimento favoravel: o processo de manufactura era cru, custoso, incompleto,

e muitos productos derivados da decomposição do sal eram então desconhecidos. William Losh, que tinha vivido em Paris durante a grande revolução, e que tinha estudado como chimico a producção artificial da soda, começou em Walke, em 1797, uma serie de experiencias sobre o *tratamento dos saes neutraes para obter alkalis.*

A este tempo os direitos sobre o sal eram extraordinarios, de 10 a 36 libras por tonelada; mas Losh tinha obtido, por influencia do seu associado, o conde de Dundonald, a suppressão de direitos, nas fabricas de Walken para a manufactura da soda. Póde dizer-se que esta foi a origem de toda a industria de productos chimicos no Tyne.

Com o desenvolvimento da chimica, naturalmente os processos das fabricas de alkalis do Tyne augmentaram em numero e em extensão. Entre 1800 e 1820 entraram em operação as fabricas de enxofre. As primeiras tentativas sobre o acido sulphurico vieram em 1815. Em 1821 começou-se um processo novo para a manufactura da soda. Em 1823 extinguem-se os direitos sobre o sal, e a industria do alkali tomou desde então desenvolvimentos mais serios. De anno a anno novas fabricas se ergueram, novos processos se ensaiaram, e a industria dos productos chimicos tomou no Tyne esta larga importancia; com excepção do condado de Lancashire, o Tyne é o que possue esta industria em maiores proporções. É certo que Glasgow possue importantes centros chimicos, mas que não

podem igualar em força productiva ás fabricas do Tyne, sobretudo as de Alhusen e as de John Lomas & C.º

Nos ultimos sete annos não se têem feito estatisticas exactas dos productos chimicos do Tyne. Das informações dispersas póde-se no emtanto formar o seguinte mappa approximativo:

	Toneladas
Producção de crystaes de soda....	86:000
Alkali..............................	74:000
Bicarbonato de soda..............	11:000
Sulfato de cobre..................	200
Sulfato de soda...................	2:400
Cloruro de cal....................	27:000
Oleo de vitriolo..................	9:000
Cloruro de manganez............	2:000
Soda caustica....................	3:720

Taes são os principaes productos. Não merece porém inteira confiança esta enumeração, porque a tenho visto repetida em muitas descripções de productos chimicos do Tyne, tornando-se assim uma especie de classificação typica, que tem sido successivamente copiada e nunca rectificada.

O que isto demonstra em todo o caso é a extenção que tem tomado esta industria. Em 1800 fabricavam-se annualmente 10 toneladas de crystaes de soda, hoje produzem-se 86:000. A tonelada, que então custava 50 libras, custa agora 45.

Calcula-se o valor das materias primas empre-

gadas nessa industria em 1.600:000 libras. O valor dos productos manufacturados em libras 2.860:000.

O capital fixo e fluctuante d'este commercio é calculado em perto de 2.600:000 libras.

O numero de operarios empregados na fabricação 10:000

O valor dos salarios 100:000 libras por anno.

O anno passado e o primeiro semestre de 1875 não teem sido excessivamente prosperos para a industria chimica, que se tem resentido da depressão geral do commercio. A não ser o cloruro de cal, todos os mais productos têem tido poucos pedidos e os preços têem baixado.

Algumas fabricas teem diminuido a sua força de producção, e ha um consideravel numero de operarios despedidos. Uma das causas genericas d'esta baixa é realmente o estado de transição em que se acha um grande numero de processos de fabricação. Assim a manufactura da soda está nas vesperas de soffrer uma radical transformação ; está-se ensaiando um novo processo para produzir o carbonato de soda por um terço menos do seu custo actual.

Não ha nenhum dos productos chimicos que não tenha esperanças de uma alteração igual, e numerosas experiencias estão n'este momento em acção. Assim é que a maior parte das fabricas receiam estender os seus elementos de producção pelos processos actuais, com medo que processos novos venham tornar inuteis as despesas e os avanços

feitos. No emtanto o futuro da industria chimica no Tyne é dos mais largos e dos mais ricos.

Os grandes depositos de sal descobertos no Tees, junto a Middlebourg, serão uma das causas, do seu grande desenvolvimento. O consumo do sal na industria do alkali é extraordinario; as manufacturas chimicas do Tyne absorvem metade de todo o sal inglez empregado em fabricas chimicas. Ha firmas cujas operações resolvem a decomposição de 500 a 700 toneladas por semana.

Até agora a maior parte, a quasi totalidade d'este sal era trazido de Cheshire em barcos ou *rails*. Ora este sal sáe quasi 3 shillings mais caro do que o sal trazido do Tees, dos novos depositos descobertos. De sorte que a concorrencia chimica do Tyne encontra n'estes novos depositos de sal um grande elemento de prosperidade. Junte-se a isto a facilidade de embarque que tem a industria chimica do Tyne, as vantajosas condições com que póde importar sulphur e outras materias primas, a proximidade de uma tão vasta bacia carbonifera, e comprehender-se-ha facilmente que, sejam quais forem as crises transitorias, o Tyne occupará sempre a primeira posição, como centro das industrias chimicas de Inglaterra.

Os estaleiros

Ha poucas cousas tão notaveis nos annaes do commercio e da industria como a rapidez com que

a construcção de navios de ferro passou de ser uma tentativa duvidosa e sem credito a ser uma das industrias mais poderosas da Inglaterra.

A esta mais que a nenhuma outra das industrias modernas, é applicavel a pittoresca phrase de Locke: «O primeiro que usou o ferro póde chamar-se o pae da abundancia».

O rio Wear, que por muitos annos foi o rio onde se construiram mais navios em todo o mundo, só em 1852 é que lançou á agua o seu primeiro navio de ferro. Antes d'isso, e já desde 1835, o ferro entrava como material importante nas construcções de navios de Clyde; no Wear, porém, toda a construcção era de madeira, e mesmo até 1856 poucos navios de ferro sairam dos seus estaleiros.

No emtanto o Wear era famoso pelos seus navios, e só tinha em todo o mundo um rival, e bem distante, o rio de New-York; mas a comparação das duas actividades constructoras era toda a favor do Wear, porque, emquanto New-York construia 60 navios, construia o Wear 160

No Wear no emtanto havia, sobretudo da parte dos operarios, um grande prejuizo contra o uso do ferro; e esta opposição era tão activa, que a industria arrastava-se com uma grande incerteza, e ainda no anno de 1862 não houve mais que 20 navios de ferro saidos do Wear.

N'essa epocha era o Clyde que construia quasi todos os navios de ferro. Hoje o Wear, porem, tem

na construcção de ferro a grande posição que tinha outr'ora na construcção de madeira. Ha justamente um anno, em 1874, a 30 de Junho, achavam-se em construcção nos seus estaleiros 46 navios de ferro!

Nos ultimos dez annos antes de 1873 a construcção do Wear póde deduzir-se da seguinte estatistica:

Anno	Numero de navios	Toneladas	Anno	Numero de navios	Toneladas
1863........	171	70:040	1869........	122	72:420
1864........	153	71:987	1870........	103	70:084
1865........	172	73:134	1871........	97	81:903
1866........	145	62:719	1872........	122	136:507
1867........	128	52:249	1873........	100	90:763
1868........	138	70:302			

Como se vê, apesar de fluctuações consideraveis o desenvolvimento é grande e gradual, não no numero dos navios, o que nada significa em definitiva, mas na tonelagem, o que indica que á construcção de barcos de lotações de cabotagem succederam os navios de alta tonelagem.

Com effeito em 1863 a tonelagem de cada navio termo medio, era de 400 metros cubicos, hoje é de

1:000! O uso do ferro hoje nos estaleiros do Wear é geral; o uso da madeira diminue gradualmente, e tudo indica que dentro em poucos annos será totalmente abandonada.

Em 1872, dos 122 navios construidos no Wear, apenas 12 eram de madeira, com a tonelagem de 4:528.

Em 1863 o valor total dos navios construidos no Wear, equipados e promptos, calculava-se geralmente em 250:000 libras; hoje, em 1874, com os systemas, de ferro o valor, das construções no Wear sobe a libras 2.500:000!

Não se conhece com precisão a quantidade de ferro empregado n'estas construcções; tenho apenas uma cifra exacta para o anno de 1863. Os navios de ferro construidos n'esse anno sommaram uma tonelagem de 15:608, e consumiram 9:360 toneladas de ferro. Póde d'aqui calcular-se o que se empregaria de ferro em 1874, em que se construiram navios de ferro com uma tonelagem total de 130:000.

A historia das construcções navaes do Tyne, anteriormente á introducção do ferro, é obscura e insignificante; a maior parte, senão a totalidade, dos barcos construidos eram os *carvoeiros,* destinados ao transporte costeiro do carvão.

As construcções navaes do Tyne só receberam um impulso difinitivo quando se iniciou a substituição do ferro ao pau. A Mr. C. M. Palmer, o maior constructor do Tyne, se deve a iniciativa d'esta

industria e o prestigio que n'ella adquiriu posteriormente o Tyne. A celebre construcção do seu *John Bowes,* um carvoeiro a vapor, marcou uma data importante e feliz nas construcções de ferro, e promoveu a total reconstrucção da frota carvoeira do Tyne, substituindo as antigas barcas de madeira pelos admiraveis *steamers* actuaes.

Desde então o Tyne ganhou uma situação superior como centro de estaleiros, e a construcção do *Terror,* da *Defeza,* do *Cerberus,* do *Triumph* e do *Swiftsure* e do *Gumma* provam a importancia que o almirantado dá aos constructores do Tyne.

Não são senão deficientes as estatisticas relativas a esta industria; no emtanto pode dar-se credito á seguinte tábua da tonelagem dos navios construidos no Tyne:

Annos	Tonelagem
1863	29:714
1864	29:968
1865	33:087
1866	31:463
1867	16:224
1868	25:694
1869	33:158

Esta tábua, que mostra um progresso gradual, ainda que lento, póde ser completada por outra

relativa aos ultimos annos, que encontrei n'um jornal, e que é afiançada como exacta:

Annos	Tonelagem
1871	52:844
1872	55:886
1873	57:538

Ainda que esta tonelagem relativa ao Tyne seja inferior á do Wear, mostra todavia progressos fecundos, attendendo-se ao numero diminuto dos estaleiros do Tyne comparado com a grande obra de construcção que encheu o Wear.

O Tees não tinha um unico estaleiro ha quarenta annos. Parece que se construiam alguns pequenos barcos na antiquada e obsoleta aldeia de Varm, 5 milhas acima de Stocton. Mas as construcções serias do Tees remontam ao anno de 1852, e tiveram por origem o desenvolvimento do commercio do ferro em Cleveland, e as facilidades da sua vizinhança. Hoje o Tees tem seis estaleiros, dois em Stocton, dois em Middlebourg e dois em Hartlepools.

Em 1872 o Tees deitava á agua 60:000 toneladas de construcção no valor de 1.500:000 libras!

É difficil calcular o numero de operarios empregados nas construcções navaes dos tres rios do norte, Wear, Tyne, e Tees. As condições do negocio produzem constantemente uma fluctuação dos braços. Para produzir, porém as 280:000 toneladas,

que em 1872 se deitaram á agua. conjunctamente no Wear, Tees e Tyne, póde calcular-se, diz um artigo de revista que tenho presente, que foram necessarios pelo menos 24:000 homens.

O futuro d'esta industria é dos mais prosperos; collocada ao pé de uma bacia carbonifera, rica e barata, tendo á mão recursos inegualaveis de ferro e com facilidade de navegação que têem produzido as colossaes dragagens e outras obras dos tres rios, a industria naval do norte da Inglaterra, se não fôr perturbada por complicações incidentaes, póde tornar-se uma das solidas bases da riqueza ingleza.

Taes são as feições geraes do commercio e das quatro grandes industrias do norte. Este trabalho não é mais do que um resumo de informações condensadas; de modo nenhum um estudo critico. É a descripção concisa de alguns factos, a exposição comprovada de alguns resultados, com o fim de servir de introducção a um estudo mais especial das industrias e commercio de Newcastle em 1874-1875.

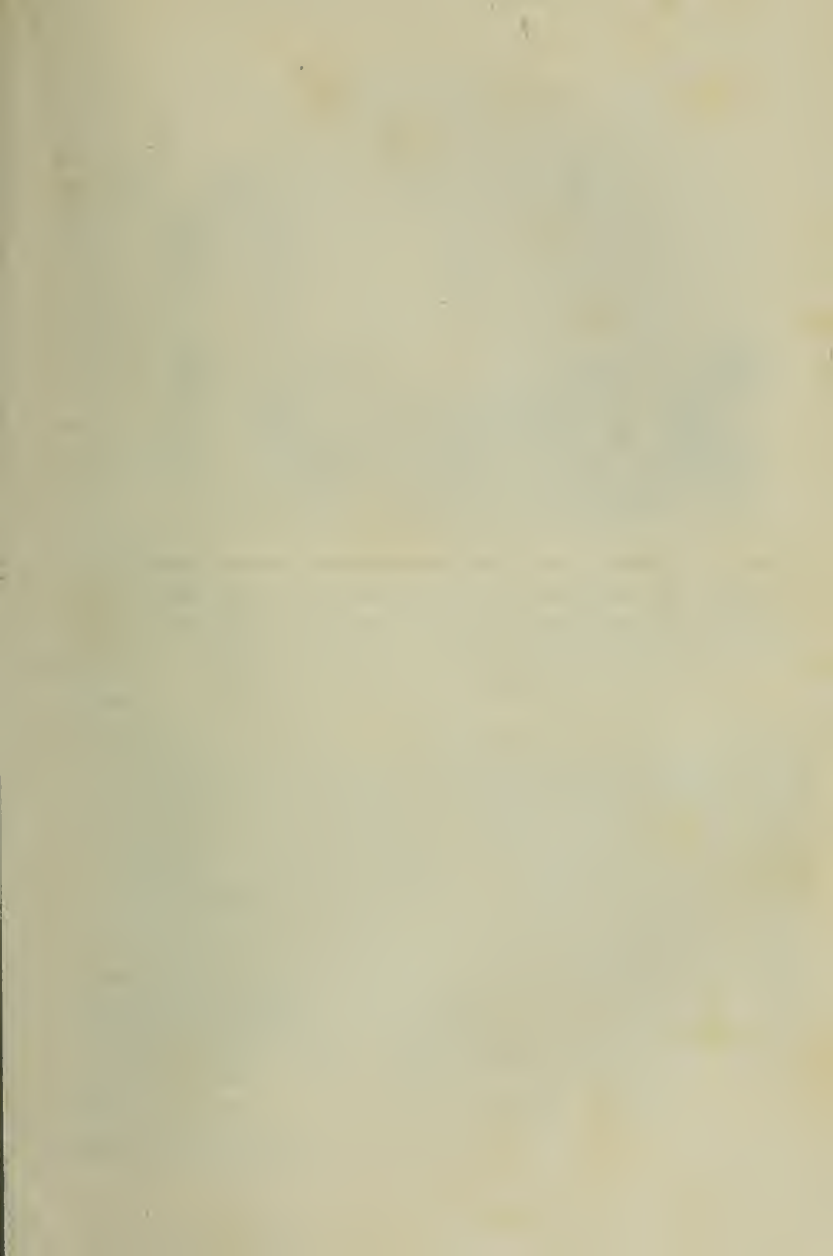
José Maria Eça de Queiroz

X

— Bristol.

Necessidades imperiosas de serviço e a sua competencia levarão o Ministro dos Negocios Estrangeiros a ordenar a Eça de Queiroz, a sua ida para essa cidade ingleza. Em 25 de Abril de 1878 recebeu-se a comunicação que diz «assumo nesta data a gerencia do Consulado.» Os seus trabalhos continuam na mesma coerencia; a sua actividade é enorme — note-se esses mapas do movimento comercial entre Portugal e os portos deste distrito, feitos pela mão do ilustre escritor, que só afirmam a sua prespicacia e estudo das feições regulares e tradicionaes, em comparação com os anos antecedentes e as observações que sugére, que não tenham sido anteriormente feitas, no ramo do comercio, no desenvolvimento da industria e no inicio de permutações. A analise dos produtos agricolas e industriaes — as frutas importadas no porto de Bristol, o minerio importado no porto Sewansea — merecem-lhe atenção. Estuda o solo que, pela sua situa-

ção climaterica abunda em fruta e em vinho, para uma região onde toda a actividade está fatalmente concentrada na produção de carvão e do ferro, a natureza das permutações, tudo lhe merece um especial cuidado; afirmando que «pela constituição particular do seu solo rico em mineraes Portugal manterá com vantagens que todos os dias augmentão, a sua exportação regular, o cobre, ferro e chumbo para o districto de South Wales, onde estão concentradas as grandes industrias do aço e do ferro fundido.»

Faz um longo confronto e exame dos mapas comparados com os anos estatisticos anteriores; compara as exportações principaes de vinho, fruta, cebola, minerio, laranjas, ananazes, relatando que «durante os ultimos annos uma grande crise commercial e industrial pezou sobre a Inglaterra: os seus effeitos, que ao principio se fizeram sentir sobre tudo na Escossia e no norte de Inglaterra, estenderam-se ultimamente aos districtos do sul: a maior parte das industrias atravessaram um periodo de paralisação quasi total: as grandes fabricas que se não fecharam, trabalharam com perda: milhares d'operarios estavam sem trabalho. A isto veio juntar-se um anno de más colheitas: todos os generos encareceram: fallencias consideraveis lançaram a perturbação no mercado monetario: a diminuição de trafico nos caminhos de ferro trouxe naturalmente uma diminuição nos dividendos das acções — que constituem a principal fonte de ren-

VASHNI — Casa d'Eça de Queiroz em Bristol. Interessante «croquis» feito pelo Sr. Conde de Ficalho, por ocasião d'uma visita ao Romancista, em companhia do Conde d'Arnoso. No reverso d'este desenho está o autografo, que segue, assinado «Bernardo» nome do Sr. Conde d'Arnoso.

É certo, façamos esta concessão, que ha m.tas cousas boas na Inglaterra, entretanto a optima, a deliciosa é este alegre cantinho de Portugal que aqui vim encontrar!..

Vashni 26 d'Abril 1886

Bernardo

dimento para milhares de familias em Inglaterra: o pequeno commercio vio bem depressa diminuir os seus lucros. D'aqui proveio em cada casa, em cada familia, um panico vago, um susto do futuro e por consequencia um systema immediato de economia rigorosa. Cada um se privou o mais possivel dos mais pequenos lucros da vida...»

«Ora, deve considerar-se e todos os que teem experiencia da vida ingleza o sabem que se importa do nosso paiz, sobre tudo os dois grandes artigos vinho e fructas são em Inglaterra, para a massa geral dos consumidores, não objectos de primeira necessidade, mas pequenos luxos». N'estes tempos difficeis, o commerciante, o homem de negocio, a vasta classe media, a quem uma sensata previdencia impõe uma coarctação de despeza, abstem-se severamente d'estes superfluos casos: não bebe vinho do Porto, contenta-se com cerveja; não come a sua sobremeza de tangerinas ou ananazes, limita-se ao queijo de Chester. Portugal fornecendo, por assim dizer, *superfluos luxuosos*, ou que são considerados taes n'um periodo em que a economia mais stricta é o equilibrio dos orçamentos domesticos, soffreu d'estas restricções a que a depressão industrial forçou as classes medias da Inglaterra — exactamente como soffreu o joalheiro, o estoffador, o mercador de sedas, os negociantes de vinhos, todos os que trazem ao mercado artigos que não são de primeira e indispensavel necessidade».

Este exemplo que transcrevi propositadamente para mostrar a uma sociedade repugnante como aquela em que vivemos actualmente, a maneira como um grande povo zela pelos seus interesses— é uma nota frisante do estimulo inglez e da maneira digna de encarar as situações. Na inversão de valores que se dá actualmente em Portugal sendo guindado a posições altas, tudo que era miseria e mediocridade hontem; a inversão de valores, esses homens de bem, classe anormal neste momento, e os homens de aptidão e valor, afastados, enojados, e com repugnancia até, de verem o seu paiz entregue a tal miseria moral e mental; esses, raros apenas, longe de isso que era escumalha hontem, e hoje tem situações de destaque, comprehenderão quanto é justo e belo este quadro que nos dá Eça de Queiroz.

Quem se poderia comedir, no nosso meio perante a crise pavorosa, de todo esse luxo, de toda essa ostentação que surge sobre um vulcão?! Dissipa-se o que se tem e o que se não tem. Aparecem em grandes senhores, os serviçaes de hontem; e a fidalguia morre nas ultimas figuras gradas, vendo de longe a derrocada.

Tudo isso que foi honra e pugnou pelo caracter, desapareceu quasi. Espétaculo estranho neste desmanchar de feira, em que cada um apanha o que pode. Tenho ainda fé na minha raça e na cultura de espiritos de eleição que um dia hão de pôr cobro a este lixo, enxotando os vendilhões do

templo, um paiz que tornaram em mercado sob a bandeira da patria; que encheram de lama em nome dum regimen que alguns idealistas trabalharam e entregaram criminosamente a mãos profanas; tudo isso que impede o caminho, que não deixa passar, élos de uma corrente de infamia, ligados todos no mesmo mercantilismo, na mesma ganancia, na mesma averção ao ideal de trabalho, de justiça e de humanidade.

Quando li esta pagina de Eça de Queiroz lembrei comovidamente a minha patria cheia de miseria e no declinio da sua beleza moral; anteolhei o passado cavalheiresco dos portugueses: Egas Moniz surgiu-me como um louco; Nuno Alvares como um anormal; que se hoje vivessem sofreriam o riso e o escarneo dessa gente que passa e atira lama para nós, do alto das suas falsas situações, na vertigem desordenada do abismo que nos despedaçará.

*

O nosso representante dá-nos em quadros gigantescos, outras vezes em cartas, admiraveis impressões de interesse: tanto incita o governo para levar ao conhecimento dos productores para o que se deve fazer; preocupação que se encontra quasi sempre nos seus estudos, como delinea a maneira de se produzir. A critica feita no trabalho «As alfandegas inglesas» é precioso.

«O que fere o espirito, do primeiro exame, é que a Gran Bretanha, patria do livre-cambio é de todos os Estados da Europa aquelle que recebe das suas alfandegas um rendimento mais consideravel. Isto poderia parecer paradoxal sem a indiscutivel affirmação dos numeros.

«Assim por exemplo se examinar-mos, em cifras redondas, o rendimento das alfandegas dos differentes paizes da Europa no anno de 1876 encontramos este resultado: a Suissa, e parallelamente a Hollanda, percebem das suas alfandegas a somma de 2.160 contos de reis. A Belgica 3.960 contos. A Dinamarca 5.040 contos. O imperio Austro-Hungaro 9.000 contos. A Hespanha 11.800 contos. A Italia 18.000 contos. A Allemanha 27.000 contos. A Russia 43.200 contos. A França 47.700 contos. Emfim a Inglaterra 90.000 contos. O que surprehende é a superioridade d'este rendimento sobre o da França cujo movimento commercial não é muito inferior ao da Inglaterra, sobretudo desde o prodigioso renascimento de trabalho e d'actividade que succedeu aos desastres de 1870. E' verdade, que, desses 90.000 contos que rendem as alfandegas inglezas, ha 36.000 contos provenientes dos direitos de tabaco cujo regimen fiscal, assenta sobre bases totalmente differentes das que regem o consumo do tabaco em França. O clima de Inglaterra seria totalmente improprio para a cultura do tabaco: em todo o caso ella é prohibida por lei; tudo o que os ingleses fumam é producto estran-

geiro e é portanto sob forma de direitos de entrada que o tabaco paga tributo ao thesouro Inglez. Mesmo diminuindo do calculo esses 36.000 contos, o rendimento das alfandegas inglezas é superior ao das alfandegas de França e de todos os outros Estados da Europa. E todavia a pauta ingleza é bem modesta em comparação com as pautas continentaes. A pauta franceza, geral e convencional, com os seus commentarios, sem os quaes seria innintelligivel, enche dous in-folios.

A pauta ingleza cabe toda n'uma pagina: nos ultimos cincoenta annos tem ido sempre deminuindo; em 1840 comprehendia mais de mil artigos; em 1859 ainda contava perto de quinhentos; hoje restam apenas cincoenta—e se não fosse o perigo das fraudes poder-se-hiam amanhã supprimir trinta ou quarenta, sem causar uma diminuição appreciavel na receita total.»

«Com effeito n'um paiz, em que a funcção das alfandegas é puramente fiscal, ha mais inconvenientes que vantagens em multiplicar os direitos: é pequeno o numero de ramos d'importação aos quaes o orçamento pode pedir um rendimento serio, sem que d'ahi resulte immediatamente para a producção nacional um onus directo ou uma indirecta protecção. Admitindo livremente as materias primas e os objectos manufacturados, resta apenas impor alem das substancias alimentares sujeitas no interior aos impostos de consumo, os productos coloniaes ou os que são d'origem exclusi-

vamente estrangeira. E tal é com effeito a economia da Pauta actual d'Inglaterra. Os direitos com que fere á sua entrada as cervejas e os licores não são mais que o equivalente exacto dos direitos a que no interior estão sugeitos os *malts* e os alcools.

Se as detestaveis aguardentes de batata e de cereaes distilladas em Inglaterra pagam ao fisco 10 shillings e 5 dinheiros por gallão, é claro que não poderia deixar de se sujeitar ao mesmo regimen o rhum das colonias e os cognacs francezes. É assim que os direitos percebidos sobre os espiritos estrangeiros dão d'ha muito ao Thesouro, entre 20 e 25:000 contos.»

«Como receita aduaneira os vinhos que pagam á razão de 1 shilling e dois shilling e meio por gallão, seguindo a proporção alcoolica deram ao Thesouro em 1877 — 11.300 contos e apenas 6800 contos em 1878. O chá cujo direito de entrada é ainda de 6 dinheiros por libra produzio em 1877 — 16900 contos e 17.640 contos em 1878. O café trouxe ao Thesouro perto de 1.000 contos. As fructas deram o seu rendimento regular de 2000 contos. Este exame do systema fiscal d'Inglaterra traz-nos naturalmente ao espirito duas conclusões promptas. A primeira d'interesse geral para a sciencia economica, é que, sejam quaes forem as valiosas razões que se invoquem em favor do systema proteccionista não se pode rasoavelmente appresentar a alta razão do interesse do orçamento. A Ingla-

terra prova-n'o-lo victoriosamente, sendo o paiz, onde os direitos de Pauta são absolutamente menores—é o paiz onde o rendimento aduaneiro é relativamente maior. De resto egual exemplo nos offerece o rendimento das alfandegas francesas em 1878: para não citar, em parallelo eloquente, senão dous artigos—temos que os direitos insignificantes do café deram ao Thesouro francez 15.000 contos, ao passo que os enormes direitos dos algodões tecidos e dos ferros de consumo tão universal, apenas deram de rendimento 1500 contos. A segunda conclusão que nos interessa mais particularmente é que se não devem fundar demasiadas esperanças em que o governo inglez diminua os direitos da escala alcoolica nos nossos vinhos em Troca das mais vantajosas concessões. A Inglaterra vio n'estes ultimos annos o rendimento dos seus impostos diminuir sensivelmente ao passo que a politica imperdoavel dos Tongs, cada dia mais activa, mais emprehendedora e mais complicada, impoz ao paiz despezas extraordinarias. O augmento recente do *incometax* e dos direitos sobre o tabaco não bastou até agora a cobrir o deficit. E não é decerto no momento em que os gastos d'armamentos augmentão, em que ha a pagar as contas das guerras distantes no Afagnistan e no Cabo, em que novas complicações se preparam na Asia Menor, na Romelia, em que grande parte do paiz presiste em manter por uma politica bellicosa o prestigio do Imperio e em que a depressão commercial conserva as industrias n'uma

penosa inactividade—não é n'este momento, creio, que um governo conservador ou liberal, consentiria em prescindir mesmo parcialmente d'um rendimento que, como o dos vinhos estrangeiros, representa na sua totalidade uma das mais importantes receitas do Orçamento do Reino.»

Os seus conceitos, a sua critica é digna de registar-se. Em tudo que envia, ha um comentario, uma nota, sua que fere interesse. Em todos os campos em que o vamos apreciar, em toda a sua actividade, a mesma concordancia de ideias, o mesmo confronto, a mesma critica justa. Trata-se dum portuguez, ele vae em pessoa, por dias tristes e desabridos, inquirir do que se passa. Veja-se esse caso do marinheiro portuguez José Figueira, encontrado nas docas d'aquele porto, em que as suas investigações provam como exerce o seu cargo com distinção: assiste ao exame medico, verifica-lhe os papeis, estuda a sua identidade; tudo é feito com um meticuloso escrupulo, enviando o seu espolio. Este caso, é dos muitos que citaria, como exemplo moral, e quando se ausenta, é sempre com uma justificação digna. Assim começa um pedido de licença: «Tendo resolvido algumas questões pendentes que aqui me retinham (como a da Shipping association e outras), e não havendo aqui, agora n'esta epoca de ferias commerciais assumpto algum que reclame a minha presença, ou a que ella possa ser util...» Esta justificação e outras dignificam um funcionario. Eça de Queiroz pela sua situa-

Eça de Queiroz em 1882

ção, celebridade já no meio literario, podia afastar-se do seu cargo, esquecer a sua profissão. Não se vê isso ao percorrer a sua vida oficial. Tudo ali tem uma justificação. A apreciação que faz dos seus proprios vencimentos, sem pedir nada, são prova duma isenção moral digna de registo.

Mas Eça de Queiroz vivia numa epoca em que o caracter não tinha falido, em que havia gente cheia de supremacia moral que encantava, e não admira que assim fôsse. Cuidadoso em tudo, só entregava a gerencia do consulado em quem confiava inteiramente. De uma vez, perguntando-lhe porque não tinha entregue o consulado a um vice-consul qualquer, Eça de Queiroz responde: «conservando a inteira responsabilidade da sua gerencia, tendo constante intervenção nas questões suscitadas, seguindo o movimento do seu expediente, e permanecendo na realidade para todos os effeitos á testa da sua direcção: n'estas circunstancias era-me licito de legar provisoriamente o serviço diario da chancellaria a um empregado meu, empregado que fosse da minha confiança.»

O que se vê em toda a sua obra de funcionario, é uma maneira que tem, especial, de encarar as questões e de as expor. A burocracia—nota-se em muitos documentos—não vae á sua indole de artista e não podia deixar de ser assim. A simplificação das questões, o modo de as narrar, nada tem desses oficios que pouco representam na papelada que o Estado arquiva, e de onde, não tira pro-

veito. A maioria das vezes os consules fazem ou observam as ordens que lhe mandam, limitando a sua ação a essas instruções, que, na maioria, e nesta epoca, erão dadas por uma velharia agarrada ás formulas, fechada entre chavões, enviando instruções como quem envia ordens, e que geralmente nada apresentavam para o desenvolvimento comercial ou industrial de uma nação. O Ministerio dos Negocios Estrangeiros neste tempo estava apegado a estes moldes que faziam sorrir Eça de Queiroz. As mais das vezes elle procedia como o seu criterio ditava, e ganhavamos com isso. Foi num destes momentos, em que Eça tendo ido a Londres, deixára o vice-consul no seu logar, que, no dia seguinte, recebeu um telegrama instante pedindo a sua comparencia. Isto fez scismar o nosso representante sobre o assunto de tanta urgencia, quando ficára tudo a marchar; mas temendo qualquer facto anormal, partiu para Bristol, mostrando-lhe o seu substituto, uma dessas circulares que nada diziam.

—Então foi para isto que me chamou a Bristol?

—Mas bem vê V. Ex.ª esta circular da Direcção dos Consulados.

—Olhe, meu amigo, lá no Ministerio ha uma velharia que lhe dá de vez em quando para embirrar com os consules e nada mais.

O vice-consul teve ainda um mas, temendo que houvesse novo officio. Eça nem lhe deu tempo. Voltou-se para a secretaria e deitou o oficio para a cesta dos papeis dizendo:

—E' o melhor destino que lhe posso dar.

Como se vê todos os seus actos são regidos por um alto criterio. Mesmo afastado do seu cargo, um zelo inexcedivel o obriga a entregar o seu posto a alguem a quem elle dirija de longe, que se mantenha sob a sua grande inteligencia. Todas as suas afirmações nascem dum grande zelo á carreira, todos esses mapas comparativos de importação e exportação são deliniados com um cuidado enorme, fincando observações uteis, introduzindo comentarios a esses documentos que são suficientemente desenvolvidos. As feições tipicas das industrias e do comercio merecem-lhe especial atenção, obedecendo á regularidade de movimento e mostrando as diferenças nas proporções, na sua essencia; e é nessas variações de quantidade que faz varias reflecções. Aprecia quasi sempre a decadencia da exportação «que tem a sua causa na insuficiencia da producção e em parte no facto de que os navios empregados no transporte para esse porto, tendo pouco a pouco cahido em estado de inavigabilidade, não foram ainda substituidos, afirmando que «as casas que aqui teem negocio de fructa preferem fazer dirigir os seus carregamentos sobre Londres e trazel-a d'ahi por trem de mercadoria: isto é, mais rapido, mais economico e conserva melhor a fructa do que o complicado e laborioso processo de descarga nas docas de Bristol.»

«No outro importante ramo da nossa exportação para este porto, o vinho, nota-se este anno um

augmento: em 1880 entram 984 pipas e 21 caixas e em 1881 recebem-se 1138 pipas e 22 caixas, no valor de 230:940$000. Este progresso, apezar de pequeno é caracteristico, considerando que as vindimas de 2880 em todos os districtos vinicolas, com excepção do Xerez, foram desastrosas, peores talvez que as de 1879. Isto eleva o valor dos vinhos genuinos e puros; e, tendo havido n'este ramo de commercio uma total ausencia de especulação, as compras significão strictamente urgencias immediatas do consumo.»

«Para os nossos vinhos de pasto o mercado inglez está naturalmente fechado pela escala alcoolica»; mas eu penso que não vem remoto o periodo em que desapparecerá este obstaculo ao pleno desenvolvimento da nossa riqueza vinicola. A opinião em Inglaterra, começa a manifestar-se evidentemente contra a permanencia da «escala alcoolica»: já, quando, no seu orçamento de 1880, entrando de novo no poder o Snr. Gladstone prometeu uma radical alteração nos direitos sobre os vinhos, a satisfação foi grande; essas promessas porem ficaram no estado vago; outras preocupações, d'ordem politica, obsorveram o publico e o parlamento; e foi necessario que viesse a renovação do tratado commercial com a França chamar de novo a attenção para esta consideravel questão. Hoje não é só Portugal, a Hespanha, a Italia que reclamão contra a «escala alcoolica»; são os governos coloniaes, como o do Cabo, o da Australia,

onde cada dia se desenvolve a cultura da vinha, é sobre tudo a grande massa dos consumidores inglezes. São estes principalmente os interessados. Com effeito a «escala alcoolica» que foi estabelecida com o fim de dar ao publico os vinhos mais genuinos pelos preços mais acessiveis—teve como resultado, ao fim de alguns annos, a introducção no mercado d'esses *cheap clarets,* vinho de pasto barato beberragens artificiaes, em que não entra um unico bago de uva, e que são fataes á saude publica : e era isto precisamente o que se pretendia evitar. A «escala alcoolica» nasceu da supposição erronea, mas commum então em Inglaterra, de que todos os vinhos que continham uma certa força alcoolica, não podiam ser naturaes e sãos : traçou-se pois esta linha divisoria e todos os clarets, os vinhos de pasto que excediam este ponto arbitrario d'alcoolisação concedida foram sobrecarregados de direitos, virtualmente expulsos do mercado inglez. Reconheceu-se bem depressa que havia aqui um erro — é que muitos vinhos genuinos, são, generosos de facto. Todos os vinhos dos climas meridionaes, melhores que o claret francez, tão baratos como elle e mais saudaveis no seu estado puro, excediam este limite aduaneiro de força alcoolica, e estavam por isso fatalmente excluidos do consumo inglez.

O favor da tarifa recahia todo sobre vinhos mais fracos; a França, os districtos da Gironda e da Loire, recebiam assim o rico previlegio de encher

o copo inglez. Mas succedeu que estes districtos foram devastados pelo *orduin,* depois pela *philoxera;* e ao mesmo tempo que a sua producção diminuia prodigiosamente augmentavam os pedidos d'Inglaterra, onde cada dia se generalisava o habito de beber *claret.* O resultado era previsto: esses districtos instigados pelo lucro, não podendo arrancar ao solo todo o vinho que se lhes pedia, passavam a manufacturar vinho artificial. Em Bordeus o vinho deixou de ser uma cultura, para ser uma industria. Importavam-se dos visinhos districtos de Hespanha e d'Italia, os vinhos indigenas, crús, grosseiros, mal maduros, mal feitos e transformavão-se nos Medoc, S. Julien, Margaux, Panillac, Leoville, que a Inglaterra teve, e por que paga altos preços. Alem d'importarem vinho feito, trouxeram a Bordeus e aos outros centros, a uva. Este negocio da uva tomou proporções collossaes. No norte de Hespanha e no norte de Italia os proprietarios acham mais lucrativo exportar a sua uva para França, do que fazerem elles os seus vinhos. Nos districtos de Marsale não se fez este anno vinho de Marsala.»

«Isto é de certo uma fraude: o consumidor inglez pagava, recebia e bebia como bom S. Julien o que era na realidade apenas um crú e aspero Tarragona; — mas emfim ainda tinha no seu copo uma certa proporção do sumo da uva. Este copo porêm, insaciavel, reclamava taes quantidades — que os districtos do Sul da França, não podendo

satisfazer a vastidão dos pedidos, nem com os vinhos extrangeiros preparados, nem com a uva extrangeira, manufacturada, começaram a fornecer á Inglaterra um claret que não contem o menor bago d'uva, seja de França, seja de Hespanha, seja d'Italia. Figos e *currants* são as materias primas d'esta beberragem; Marselha é um dos seus grandes centros de falsificação. O que succede com os vinhos francezes repete-se com os vinhos allemães. Em Hamburgo entra uma prodigiosa quantidade de rhum da Jamaica que sae como bom vinho de Johannisberg. Paris é famoso tambem pela producção dos Borgonhas artificiaes. E a Inglaterra está innundada por estes liquidos. Nos restaurants baratos de Londres paga-se dous ou tres shillings por uma garrafa de S. Julien ou de S. Elimion, não só como gosto infinitamente inferior ao nosso mais grosseiro *carrascão*, mas de tal modo preparado, com taes quantidades d'acido tartarico, d'outros ingredientes ainda, que um simples calice pode ser a origem de perturbações gastricas. Na provincia, onde o paladar é menos educado, e está endurecido pelo habito dos alcools, os vinhos que se encontram nos hoteis e em restaurantes, com nomes ricos de Leoville, La Rose, Beaune, Pommar, são triagas repulsivas, que custam por garrafa 1200 rs. — 2000 — 2500.» O publico começa a revoltar-se com este estado fraudulento de cousas tão prejudiciaes á saude, e tão facil d'eliminar. Pergunta-se, com indignação por que é que a In-

glaterra, com os seus portos quasi francos, o seu immenso consumo, o seu ouro prompto e abundante, não pode beber vinho genuino e puro — o vinho que é uma das suas fortes necessidades? Ha em todo o mundo vastos districtos vinicolas, onde a terra pela sua abundancia, o proprietario pelo seu interesse, estão preparados a fornecer á Inglaterra vinhos sãos, generosos, e baratos: na exposição de Vienna, como na de Paris, os vinhos das colonias inglezas do Cabo, do Natal, da Australia, foram considerados pelos homens mais competentes, como eguaes aos melhores productos dos melhores vinhedos da Europa. Portugal tem excellentes *clarets* para prover a Inglaterra; a Hespanha e a Grecia tambem; — somente estes vinhos, tão baratos como os de França, teem a vantagem para o consummidor, mas a desvantagem perante a alfandega de serem mais fortes; mais generosos, mais saudaveis, e excedendo assim os 26 graus da escala alcoolica, são excluidos do mercado — em quanto a França, e em parte a Allemanha continuam a mandar á Inglaterra uns liquidos de cor escura em que entra preeminentemente o figo e o acido tartarico.»

«Dado este movimento d'opinião que se vae tornando popular, sobretudo não se realisando o tratado commercial com a França, eu não duvido de que em breve o governo proponha expontaneamente uma modificação radical d'essa perniciosa e antieconomica «escala alcoolica».

«Passando aos productos inglezes exportados d'este consulado e suas dependencias para os portos de Portugal, encontramos, como usualmente, o carvão, o coke e o ferro, fazendo a base d'este movimento commercial. Este anno as remessas de carvão para Portugal augmentaram em 28:548 toneladas. Bristol que em 1880 exportou apenas 60 toneladas mandou em 1881 — 2.580 toneladas; — e quando se terminar a grande reforma do serviço de docas d'este porto, e estiver concluido o tunel de Severn, pondo Bristol em mais directa communicação com South Wales, formar-se-ha aqui sem duvida um vasto centro d'exportação carvoeira. Em Newport, cidade cujas relações commerciaes com Portugal augmentão cada dia elevou tambem consideravelmente a sua exportação: em 1880 sahem de lá 13.072 toneladas de carvão e em 1881 sahem 68.927. No ferro houve este anno um ligeiro accrescimo de 590 toneladas exportadas a mais».

«Tal é, nas suas linhas geraes, a situação das relações commerciaes entre Portugal e os portos do Canal de Bristol no anno estatistico de 1880-1881 e tendo em vista que a diminuição d'importação dos nossos minerios (unico facto desfavoravel que mostram estas Estatísticas) teve a sua origem na depressão d'atividades das industrias de metaes d'este districto—depressão excepcional transitoria, tendo quasi já desapparecido — pode-se affirmar que estas relações se manteem n'um satisfactorio progresso».

Todos estes trabalhos que se alongam em varios detalhes que não vem a lume transcrever, são escritos pela mão de Eça de Queiroz. E' um facto curioso, o observar a aplicação que o nosso compatriota dá a certos casos — o do vinho tem a sua nota risonha. Eça não é um consul, que faça relatorio, com mais ou menos gramatica, neste estendal de supôstos funcionarios que muitas vezes tem tido o Ministerio dos Negocios Estrangeiros, por varias paragens e para representar o nosso paiz—é um escritor que apanha em flagrante aspectos de vida. Não enche a sua exposição, de pautas cortadas á tesoura, de citações transcritas dos jornaes — fecha-se dentro do seu modo de ver. Não se encontra na sua carreira um unico acto de cabotinismo, que não podia ser dele, impossivel para um homem de tal estrutura e porte; não, Eça de Queiroz nunca enviou um jornal que dele falasse, quando tantos o apreciavam com honra para Portugal; nunca pagou o seu retrato em apagadas publicações para fazer supor cá em Lisboa considerações supostas — tudo nele é grave, simples honesto.. Quando toda a vulgaridade enche o peito de condecorações, supondo que algo lhe vale e de cerebro nada teem, ele não possue senão a sua casaca, limpa, e honrada. Exemplo admiravel: ninguem lhe conhece a farda, nem um chapéo de bicos, nem um espadim. Só a sua Arte era para ele grande.

Quando o agraciaram com a legião de honra,

muita gente supoz, que o veriam no dia seguinte com o botão na lapela do casaco. Puro engano: a alguem que lhe perguntava porque não fazia uso da fitinha vermelha, ele respondeu: «Não tenho logar na minha boutonnière senão para as minhas flores prediletas».

Nem podia deixar de ser assim. Como seria possivel encontrar, deste homem que foi grande, que pertenceu a essa epoca em que Antero de Quental, o maior poeta do meu paiz, Oliveira Martins, Camilo, Ramalho, Junqueiro ilustravam a patria, fisgar na sua correspondencia qualquer coisa que não respirasse uma alta nobreza, que não puzesse em realce a sua individualidade? Chega a ser um caso anormal para o tempo em que vivemos. Efectivamente hoje, se estas figuras surgissem de novo, que alarmadas ficariam. Eles que deixaram atraz de si, um rasto de luz, que espalharam caracter ás mãos cheias, que nunca se mancharam, como diriam hoje, o que o nosso historiador Alexandre Herculano disse outrora: «Isto dá vontade de morrer». Estas impressões ocorrem-me ao passar comovidamente a sua correspondencia com o ministro. Ha momentos em que a nossa sensibilidade se sente satisfeita de ser portugueza.

Eça de Queiroz, em muitas ocasiões, se pede para voltar, mostra sempre o caso que o aflige: —por vezes é a sua esposa doente; noutras, surge o enternecimento do pae. Alma dotada de altas

qualidades moraes, exemplo no seu lar; como nos sentimos bem emquanto nos prende estas horas a este passado nobilissimo. A sua carreira é toda de trabalho: outro qualquer teria feito o possivel para fazer constar que as suas funções eram exercidas com amor. Este homem nunca fala de si, nunca pede nada, nunca requer honras. Passa muitas vezes dificuldades com o seu ordenado. Pois bem. Envia o que faz sem uma palavra de desconsolo, dando ao Ministro uso de apreciar, de fazer uma analise da sua situação. A imprensa portugueza aprecia o escritor; cita-o; transcreve paginas cheias de brilho, fala da sua ilustração, da sua elegancia,—dandismo que ele tambem cultiva, como o Marquez de Soveral, e nesse grupo dos Vencidos da Vida, são estes dois que marcam porque Ramalho tem uma elegancia especial, Junqueiro e Oliveira Martins sem preocupações de traje; um pouco de elegancia tambem nos dão o Conde d'Arnoso e o Conde de Ficalho—trata dessa sua celebre viagem no Oriente, feita em 1869, em que a sua emoção estetica guarda gratas recordações. A sua vida é profundamente discreta, profundamente moral. E senão aprecie-se como calava a sua celebridade: um diplomata estrangeiro que muito se deu em Inglaterra com Eça de Queiroz, nunca ouvira dizer que ele fosse escritor. Passados anos, tinha-se inaugurado o monumento de Lisboa e vendo-o reproduzido em jornaes, perguntou a um colega meu: «Este snr. Eça de Queiroz merecia uma

estatua». Ao que lhe responderam: «É um dos maiores escritores de Portugal». Ficou muito admirado e acrescentou: «Nunca me disse nada». Em Paris mesmo, nos arredores do consulado e da sua casa ninguem o conhecia como romancista. Era refractario ao reclame. Até o seu barbeiro, em Paris, quando soube, depois da sua morte, que era um grande literato, ficou pasmado.

Imaginem, numa barbearia, onde se sabe tudo, onde passa toda a vida dos clientes; desse elegante, não sabiam senão que trajava bem, dum gosto *raffinné,* e nada mais. Por isso não o podia interessar tudo isso que vinha até ele, principalmente do Brazil, onde o incensavam como um Deus. Atirava as homenagens para o lado, perdido na sua visão radiosa de beleza.

Alguem ouviu da sua boca, quanto o principe de Galles, depois Eduardo VII, apreciava o seu convivio, chamando-lhe amigo?

Rarissimos. Esse principe teve um amigo portuguez: o marquez de Soveral; todos o sabiam na Europa, mas que Eça de Queiroz convivesse na sua intimidade creio que poucos o sabem, a não ser a propria familia Queiroz. É que todo o incenso que se erguia em redor dele, nunca o impressionou.

Eça responde aos elogios com um agradecimento cheio de modestia, fazendo ver que nunca está satisfeito do que faz, numa sede enorme de perfeição que o acompanhou até á morte. Sonho de perfeição, nunca um portuguez o teve mais profundo, mais

constante; sonho de perfeição que ia da sua vida publica á sua vida particular, neste ser que precisava viver cheio de cuidados, dada a delicadeza da sua organização; sonho de perfeição que vive no idealismo dessa alma, no gosto estetico do estilista, para raros apenas, porque amou com enternecida afeição a forma e o ideal da beleza, e poucos artistas a teem comprehendido como ele.

Eça de Queiroz tem por vezes a mesma visão de Junqueiro. E' de ver que Guerra Junqueiro (1), nosso representante em Berne, depois da Republica, vivendo ilusões que desapareceram breve, trabalhando na Suissa para que o bom nome de Portugal e do novo regimen fosse respeitado, viu-se a braços com obstaculos grandes, nos actos que os governantes iam semeando e destruindo uma lenda de prohibidade e de bem estar que tinham prometido ao povo antes do 5 de Outubro. Contudo a visão da patria une-os em muitos pontos. Junqueiro procura pelas suas interessantes conversações trazer simpatias a Portugal; noticia como se proclamou a Republica dando tons de sinceridade; faz poesia em tudo; visita os estudantes, vae até eles e o seu verbo encanta. A uma oferta que lhe fez o Governo Suisso responde com os Luziadas dizendo que era o melhor que tinha para dar da sua patria; cria a celebre festa de Camões e o seu

---

(1) Guerra Junqueiro, Diplomata, a publicar.

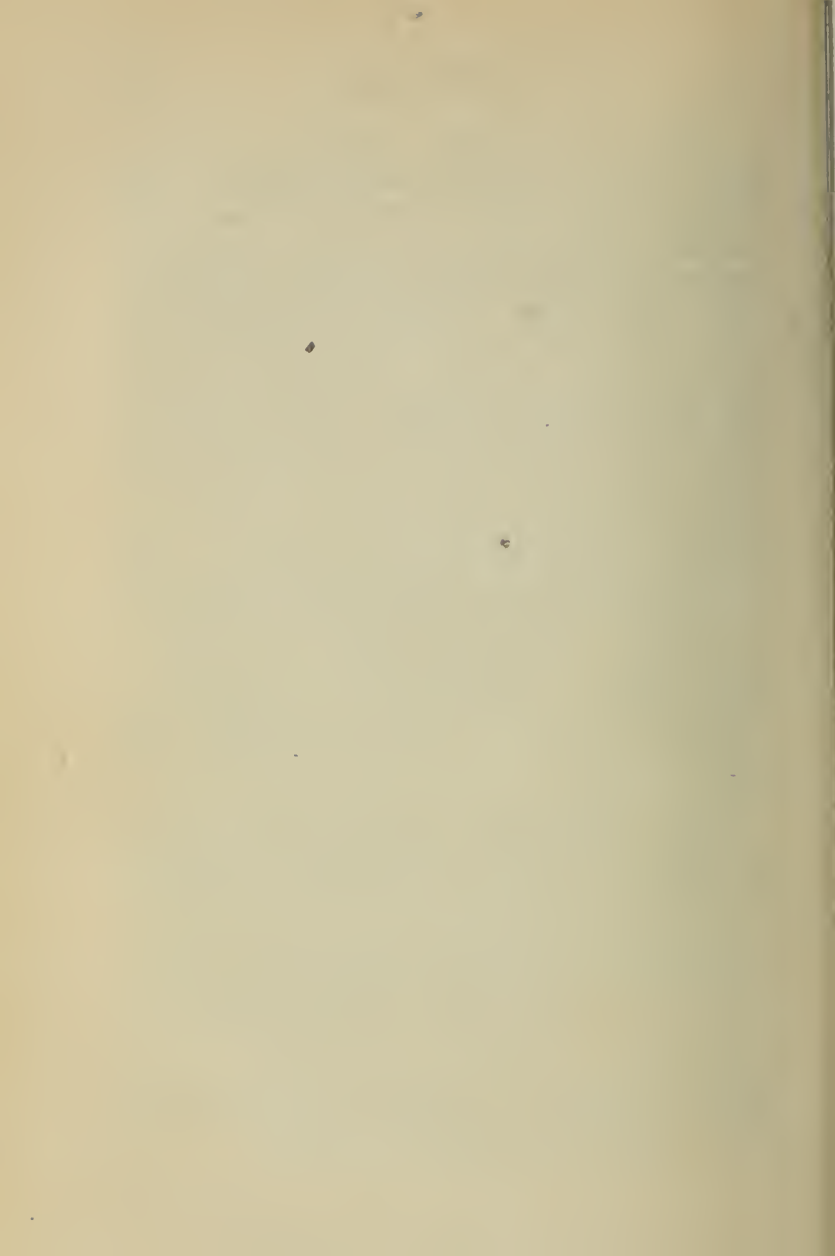
nome grande e nacional, impõe sempre o respeito ; e debaixo disto, a preocupação pelos nossos valores, o carinho pelos pensionistas portuguezes. Vae á exposição de Geneve glorificar o nome portuguez ; mostra uma grande satisfação na abertura do curso de lingua portugueza: tudo nele fala de patria; e volta, deixa a carreira, afastando-se de tudo, sentindo quanto o seu trabalho foi improficuo, querendo até renegar muita coisa que escreveu. Eça de Queiroz morreu a tempo : fechado no seu gabinete de trabalho, o resto não o interessa já, como se tivesse a previsão de quão inutil é labutar por um paiz onde pelo trabalho e honra nunca se triunfou. O mal vinha de longe, aparecia em prenuncios desde os tempos de D. Luiz, em que a *paz podre* não podia ser duradoira. Rivalisavam uns e outros por destrui-la ; e, hoje, tarde, muito tarde, muitos voltarão os olhos cheios de lagrimas pelas horas de vida serena e espiritual que tivemos e que mais não voltarão. Parece que morreu em nós, qualquer coisa de muito carinhoso. A vida tornou-se um tropel de crises, de anciedades, de miserias. Esse bem estar perdeu-se, e já não podemos viver mais essa poesia de Portugal. A guerra transformou tudo, derruiu tudo. Esse barbaro espirito americano invadiu o nosso paiz e transformou-o como os outros.

Começou um mercantilismo ignorado, latente talvez, que muitos desejariam, mas que guardavam na sua miseria. Uma vertigem louca, uma pressa injustificavel, invade as sociedades modernas: a sede de

enriquecer num mez, sem o severo trabalho de anos, passando por cima de todos os escrupulos, servindo-se de todos os processos, subindo a soco, a pontapé: como fazendo de todo o esforço, um ataque belicoso. Quem se não adapta, morre, disse um grande escritor. Eu creio que no meu paiz ha um grande numero de homens que se não podem adaptar a este desastre e á crise do ideal. Por isso, ao percorrer estes papeis amarelinhos pelo tempo, uma saudade infinita enche as nossas almas : o que eles contam, o que eles expoem, é toda uma vida que já não podemos ter, é todo um processo de trabalho que se esqueceu, porque estamos a dois passos desses homens que conhecemos, que foram nossos chefes ; e, por um caso estranho, que distancia vae deles até nós, á nossa vida de hoje! Abrem-se abismos, passam-se seculos num limitado periodo de existencia. Eça de Queiroz, Junqueiro, Ramalho Ortigão, Silva Pinto: isto parece um cemiterio, onde passamos diariamente recordando o que tivemos deles. As ruas são outras. Os teatros são outros. Quem pode olhar esse Martinho sem lembrar o antigo café, com a sua salinha no fundo, com Fialho d'Almeida, D. João da Camara, Marcellino Mesquita e tantos outros. Quem pode olhar esse Café de la Gare, sem recordar a antiga Livraria Tavares Cardoso, com Gomes Leal fazendo blagues. Como de tudo isto só fica a saudade! A Livraria Ferreira transformou-se num banco ; tantos bancos, tanto comercio e tanta miseria!

RETRATO DE COLUMBANO — Pertence à série d'homens celebres em que se contam essas obras primas que são os retratos de Taborda, Guerra Junqueiro, Sousa Martins, etc.

Lisbôa era um Bordéus, dizia Eça de Queiroz; talvez: mas havia carinho, havia amizades, havia dedicações. Hoje o que se encontra é o odio, um mal-estar irritante, uma nevrose louca, uma falta de educação que nunca ninguem imaginou que pudesse haver. Como poude o meu paiz transformar-se assim? Como foi possivel a esta terra de sentimento, esquecer as suas mais bellas tradições para cair nesta falta de respeito, nesta incoerencia, neste sarcasmo? Onde vive o desinteresse do passado, a honra—isto a muitos dá vontade de rir—neste salve-se quem puder; interre-se a patria mas salve-se o egoismo duma materia ignara? E' por isso que encher de luz, constantemente, estas grandes figuras, e sonharmos um pouco a sua grandeza, é revivermos um Portugal melhor e generoso; pender sobre os seus trabalhos, é irmos buscar o ensinamento honesto e elevado, a lição que não devemos esquecer e que é um legado para aqueles que são portuguezes.

Eça de Queiroz fecha em Bristol o seu transito por Inglaterra: vae ter o que desejou; a sua ambição ia vel-a realisada, tão justa era, para homem de taes meritos; tão merecida, para um português de tal feição. As suas ultimas impressões de Inglaterra são já o preparo para as novas investigações, para os novos comentarios. O seu horizonte, cheio de previsões vae encontrar-se num grande meio, a capital de todos os que estudam, que amam a arte, que prestam culto á sciencia: a França.

Casa de Neuilly — É um pequeno pavilhão encravado nos terrenos ajardinados d'um outro grande predio que se aluga aos andares. Esta espécie de construções é peculiar no suburbio de Neuilly. A pequenez d'estes pavilhões é compensada pela abundancia de luz e ar, e pela absoluta tranquilidade preciosa para um escritor.

XI

— Paris.

Numa tarde em que se falava de Eça de Queiroz, o Ministro dos Negocios Estrangeiros, que era um grande admirador seu, mandou lavrar o seguinte decreto: «Por conveniencia de serviço hei por bem em nome d'El-Rei transferir a José Maria Eça de Queiroz, consul de primeira classe de Portugal em Bristol, para egual cargo no Havre e Paris.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Belem em 28 de Agosto de 1888.

PRINCIPE REGENTE

(a) *Henrique de Barros Gomes*

*

Ultima étape e ultimas paginas duma obra maravilhosa.

Logo em 20 de setembro do mesmo ano, Eça de Queiroz tomava posse do cargo ambicionado; mas a sua saude vem já abalada; a sua figura pende mais para a terra, nesses ultimos anos de vida; uma palidez mais acentuada, vinca nesse rosto, traços de uma tristeza infinita. O seu labor ia em plena efeverescencia. Essa ideia de uma publicação literaria e historica, que tivera já em Lisboa e de que falára muitas vezes a Ramalho Ortigão, vae po-la em pratica: essa curiosa «Revista de Portugal» ia deixar desse grupo de intelectuaes que o acompanharam sempre, numa amizade nunca desmentida, uma chama de genio; assim como no Almanach Encyclopedico ele procura dar ensinamentos literarios e esclarecer muitos pontos historicos.

Eça está em pleno azul. A sua celebridade sae de Portugal, vae até á França: Zola proclama-o um dos maiores escritores contemporaneos: começa a ser rodeado de carinhosas homenagens.

«O Primo Bazilio», «O Mandarim», «A Reliquia», «Os Maias», «O Crime do Padre Amaro», contos dispersos, paginas de critica, reunem dele bagagem extraordinaria, cheia de genio; prova rara de um cuidado artistico e ritmo singular realçam o estranho engenho do escritor. Em Paris já não é um consul, na

sua banalidade de funções: é o embaixador da intelectualidade portugueza. A maneira como Valbom lhe dá posse e lhe entrega o consulado, é uma prova.

Constitue mais uma homenagem, que um simples acto regido pela lei consular. Quando lhe perguntam como vae, tem um encolher da hombros triste, um olhar vago dessa poesia estranha dos seres que morrem pelo peito. E coisa curiosa, nos primeiros documentos que o funcionário manda, encontrou-se uma participação da morte dum empregado consular. Relata com tristeza. A sua pena tem por vezes dolencias, pensamentos dolorosos que o atormentam. Esse Eça que fazia blagues, esse Eça dos «Vencidos da Vida», encantando nesses agapes semanaes os seus companheiros, vae desaparecendo: só resta o fulgor dum espirito que se dilacera ante a morte que se aproxima. Os Vencidos da Vida! hoje sim, se vivessem na sociedade presente, seriam positivamente vencidos, postos á margem, escorraçados por que eram independentes e tinham caracter; olhados com despreso porque nunca se poderiam subordinar a esta queda moral. «Cheguei emfim a Paris, mas cheguei tarde». Eduardo Prado ouve-o na sua melancolia, por essas tardes violetas, em que passeiam no vae-vem desse meio cosmopolita. E a sua mascara traduzia um debate de estados d'alma, a ambição de acabar uma nova obra. A esposa rodeia-o de cuidados enormes; os filhos enchem-no dum carinho desve-

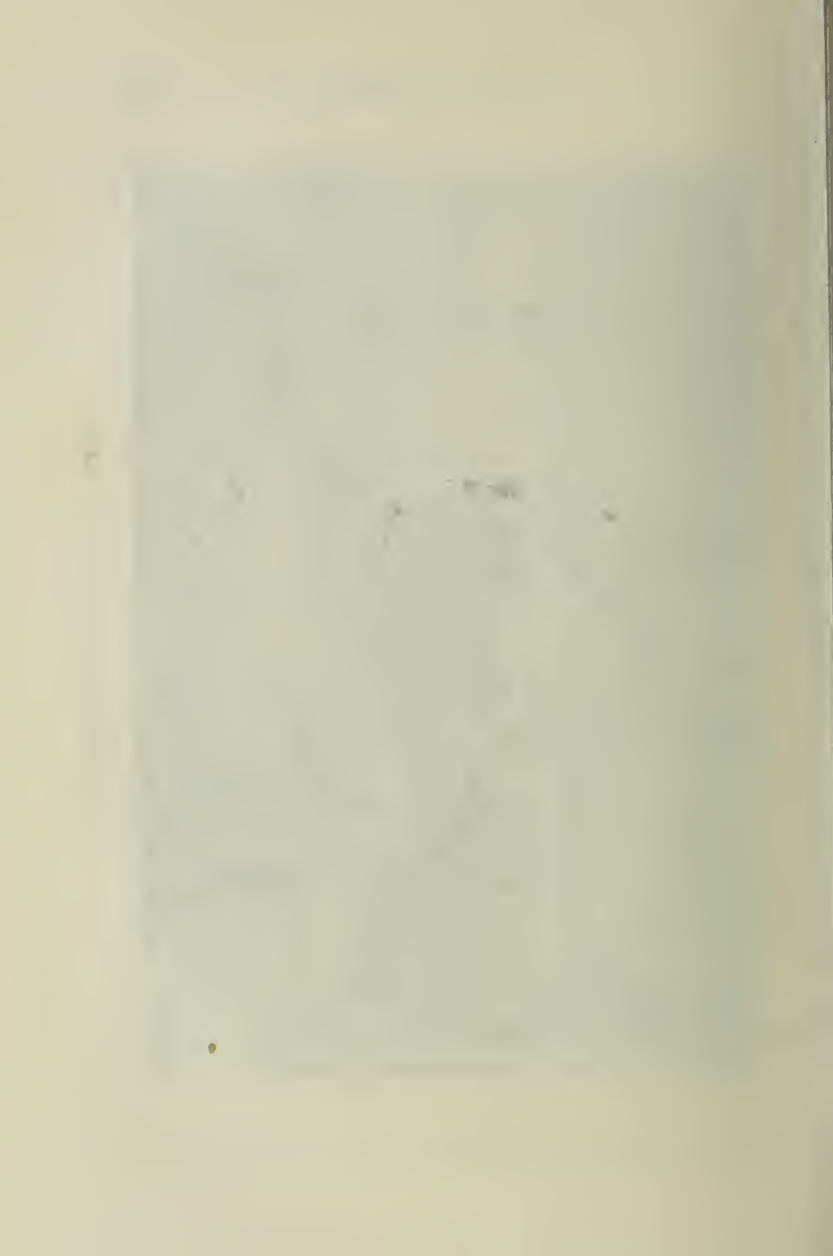
lado e ha quem o observe, por vezes, no seu silencío, olhando comovido essas creanças que correm no jardim de Neuilly.»

Que pensamentos passariam nesse cerebro ante a adoração de pae? Que presentimentos viviam nesses silencios em que cada um se absorvía numa contemplação intima? E' em Paris, quando estudante, que eu encontro pela primeira vez o mestre; porque a minha familia lhe pede para me entregar uns cobres necessários. Vejo-o ainda na minha frente, no seu sorriso benevolo, incitando-me a que trabalhasse. E o seu constante pensamento, é sempre de generosidade para nós. Eça de Queiroz teve invariavel, como Junqueiro em Berne, uma predileção pelos estudantes. Incitava-os a produzir. Quando sabia que sonhavam a literatura, via-se o seu agrado, dizia ás vezes «façam prosa, mas do bom e mandem». E no seu gabinete, onde viviam sempre flores, havia de tudo, livros e revistas que comprava pelo caminho. E' esta figura que lembro enternecidamente ao ocupar-me hoje desta biografia. Eça de Queiroz estava em Paris numa epoca de beleza e arte, momento que fica na historia da França como uma visão de resurgimento. Debatiam-se grandes problemas. Vivia-se do simbolismo de Verlaine e de Mallarmé, dos prazeres do opio que Baudelaire chamava os paraizos artificiaes e que Theophilo Gantier, com o seu grande cachimbo adorava. Na rue de Seine, em pleno bairro latino, havia ateliers orientaes, que recebiam a mocidade que

tinha horror pela Europa civilisada. Zola, atacado pelos romanticos, batia-se pelo realismo e quebrava lanças pelo pintor Manet, sofrendo injurias por ter escrito Naña e La Terre. Catulle Mendes e Edouard Shuré falavam de Bayreuth, inaltecendo Wagner que nos subjugava e cujos concertos eram como batalhas; Peladan dizia mal do filho do compositor chamando-lhe mercador. Todo esse bairro latino divinisava Paris: estava cheio de figuras que esperaram a sua hora de sol, perdidos num ideal de estetica e em bellas emoções. Viam-se passar, nesse boulevard Saint Michel, como sombras admiraveis: Rodin, na sua figura forte, rodeado de novos que já proclamavam o seu genio; esse interessante Felicien Rops, ilustrador estranho, que deixou admiraveis trabalhos nas obras de Octave Uzanne e em outras, e que deu azo a que José Maria de Heredia escrevesse o maravilhoso soneto «*La Messe Noire*», o pintor Carrière; a figura tragica e admiravel de Paul Verlaine; esse grandioso poeta Stephane Mallarmé por quem havia um culto e de quem se falava, das suas reuniões na rue de Rome; Stanislas de Guaita, isolado palido, e alheio na sua elegancia aristocratica... Tudo isto passou, deixou brilho de sol e elevou-se. Ha vinte e tantos anos já. Ruskin era para muitos um Deus. Jean Moréas proclamava-o no café Valois; e o simbolismo triunfante entrava na historia literaria, apezar dos ataques; e o Mercure de France e La Plume onde se deram festas famosas, marcam nas publi-

cações dessa epoca, um logar destaque, assim como a Revue Wagnerienne.

Eça de Queiroz atravessou um tempo em que a literatura franceza evoluciona, ataca o romantismo e cria o realismo em que o satanismo de Baudelaire influenceia a juventude. Eça confessa que nesse tempo todos eram satanicos. Em todos os ramos d'arte, desde o salão dos independentes em que pintores como Renoir e outros surgiam numa nova concepção; na escultura, no teatro — basta citar as lutas admiraveis sustentadas por Antoine, com o seu Teatro Livre que deixa na historia teatral a mais linda pagina de esforço e amor pelas obras fortes de Ibsen, Strindberg Tolstoi, Hauptmann, Bjorson, Suderman, Curel, e surgindo no fundo, com a sua cabeça loura em caracóes, esse interessante Brieux, a quem muitos negaram talento, passeando os seus manuscritos, anos, pelos teatros e encontrando emfim em Antoine, o predestinado que lhe abria as portas da gloria merecida. Em todos os ramos, uma emoção renovadora fazia fremir a mocidade numa alta visão artistica e Eça, com certeza, artista complicado e cronista de genio observaria, na sua avidez com que lhe interessavam todas as manifestações modernas do espirito, toda esta revolução estetica; apezar do seu amor por Flaubert e Maupassant, de quem por vezes se quer tornar discipulo, mas nunca esquecendo o seu logar, absorvido sempre nos nossos interesses e ajudando-nos sempre que lhe era possivel recomen-dar-nos.

Eça de Queiroz na sua sala de trabalho

Os estudantes e os artistas quasi sempre, encontravam muito Eça de Queiroz pelos caes, principalmente no Quai Voltaire, por ali andava até á Livraria Vanier e por ali se perdia em buscas bibliograficas. Havia um alfarrabista, na rue de Seine, chamado Brimeur, onde muitas vezes foi visto, com o monocolo em ar de lente, pendido sobre grandes pastas de gravuras, procurando não sei quê. Era por ali, as mais das vezes, que o apanhavam. Quando iam ao consulado e o sabiam em passeio, já se imaginava que ele se divertia nesses labirintos de alfarrabios. Quando estava máo tempo, todo embuçado — porque mesmo em dias de muito frio foi visto por ahi,—levava os livros guardados sob o pardessus, como dando-lhes calor — lá ia quasi sempre só; e mesmo por esses lados, o perseguiam, pedindo-lhe auxilio. Já lhe conheciam o espirito e muito abusavam. Eram as suas horas de ocio, destinadas em parte á paixão do livro. Eça tinha por força de ser um colecionador. Intelectual como o teem sido raros portuguezes; na obra prima, encontraria lenitivo, até á doença que o minava e que dia a dia o ia tornando da côr da cera. Varias vezes o levaram ás festas dos estudantes e a ateliers de pintores e escultores portuguezes, por lá muita vez jantou, ouvindo os projetos, animando-os com a sua beleza espiritual.

Do espirito deste homem era longo narrar os episodios e as blagues, coleção que seria curioso juntar principalmente nas suas horas de humorismo.

Entre os estudantes, que passaram a França nesse tempo, ha imensas. De uma vez em que eu me encontrava doente e por dias não tinha mandado noticias á minha gente, para Lisboa — alarmados pelo meu silencio, mandaram-lhe um telegrama pedindo novas do meu estado. Eu vivia então na rua du Sommerard perto do Museo de Cluny, ao lado do boulevard Saint Michel. Uma tarde estava na cama, rodeado de alguns amigos e lia alto essa poesia de Baudelaire «L'Homme et la Mer» quando á porta surgiu o mestre. Esperou que eu acabasse e chegou-se á mim, perguntando-me se era a literatura que me impedia de dar noticias á familia, se era a poesia que se tornáva avarenta de mim. Despediu-se sempre com esse sorriso agradavel e mandou para Lisboa o seguinte telegrama: «Doente sem novidade, somente febre baudelairiana». Minha mãe alarmada queria partir para Paris e foi meu pae que era um grande amigo de Eça de Queiroz que explicou a blague.

Noutra ocasião em que se falava do Bussaco, um estudante que tinha a mania militar e falava muito da sua familia, contou que seu avô, se batera como um leão e até tinha perdido um braço na contenda. Logo Eça de Queiroz retorquiu: «Na minha familia tambem tenho um parente que perdeu lá o relogio!»

Um outro estudante, apaixonado por astronomia, que reunira na sua casa vasta biblioteca sobre esses assuntos, contou ao mestre a grandeza dos

seus livros onde se podia estudar tudo relativo aos astros, perguntando-lhe o que podia ele ambicionar mais, desde que se sentia rodeado por tudo que quizera ler. Eça de Queiroz disse: Para estar completo, devia ambicionar um cataclismo cosmico.

A um outro, que partia e se foi despedir do mestre, dizendo que se ia dedicar á literatura, e ler as cronicas, Eça de Queiroz aconselhava: «Comece pela cronica da rua no Diario de «Noticias».

Longa seria a caminhada para tudo narrar, se disso se tratasse nesta obra.

*

De toda essa nova serie de impressões e de actos relevantes, Eça de Queiroz continua a sua missão: aqui é o interesse que mostra por João do Rego e Teixeira Dias que pereceram num naufragio; mais alem descreve o bublo rachidiano, dando relato das comunicações do Dr. Roux, que então era uma das grandes celebridades francezas e dirigia o Laboratorio Pasteur; ao mesmo tempo, o interesse é constante por coisas artisticas e pelos artistas nacionaes: refiro-me ao celebre caso Alves Ferreira.

Eça de Queiroz conta:

«Um portuguez, o Snr. Dr. Alves Ferreira, ha longos annos, residente no Brazil e possuidor d'uma enorme fortuna, achando-se em Paris por occasião

da Exposição Universal, manifestou a varios amigos o desejo de dar um premio de vinte mil francos a tres dos principaes e mais meritorios expositores da Secção Portugueza.»

«Para dar a este desejo um começo de realisação, o Snr. Alves Ferreira, alem de o annunciar officialmente em carta a um dos commissarios da Exposição Portugueza, sollicitou uma reunião do Comité Portuguez em Paris, para n'ella fazer a declaração publica da sua dadiva, e para ouvir quaesquer opiniões ou suggestões que pudessem concorrer a tornal-a mais equitativa e efficaz.

«Nessa reunião do Comité, depois de trocadas algumas observações, ficou definitivamente decidido pelo Snr. Alves Ferreira que os premios fossem tres de vinte mil francos cada um, a distribuir pelos Snrs. Raphael Bordallo Pinheiro, José Antonio Galache e Liga dos Lavradores do Douro. O Snr. Alves Ferreira tomada esta decisão, pretendeu logo fazer ao thesoureiro do Comité Portuguez a entrega d'um cheque de sessenta mil francos, valor total dos premios. O Comité porem exprimio o desejo de que essa entrega fosse addiada, para se realisar, com mais publicidade e solemnidade, n'um banquete que os membros do Comité e alguns amigos, queriam offereer ao Snr. Alves Ferreira. Dias depois, nas vesperas de se effectuar essa festa, e n'ella a distribuição dos premios, o Snr. Alves Ferreira morreu subitamente, de noite, n'um quarto do Grand Hotel.»

Eis a brilhante forma como defende a teoria que do espolio sejam pagos os premios:

«Resta agora um ponto de interpretação legal, que devo submetter á apreciação de V. Ex.ª:

«O sr. Alves Ferreira deixou, depositada, no *Credit Lyonnais* uma somma importante que, fazendo parte do seu espolio, foi arrecadada pelo consulado, nos termos da convenção consular entre Portugal e a França. D'esse espolio, nos termos da mesma convenção, devem sahir as sommas necessarias para satisfazer todas as dividas contrahidas pelo sr. Ferreira em Paris, onde falleceu.»

«Devem porem ser considerados como dividas contraidas no pais, e portanto pagos pelo espolio, estes tres premios por elle concedidos aos tres expositores portuguezes?»

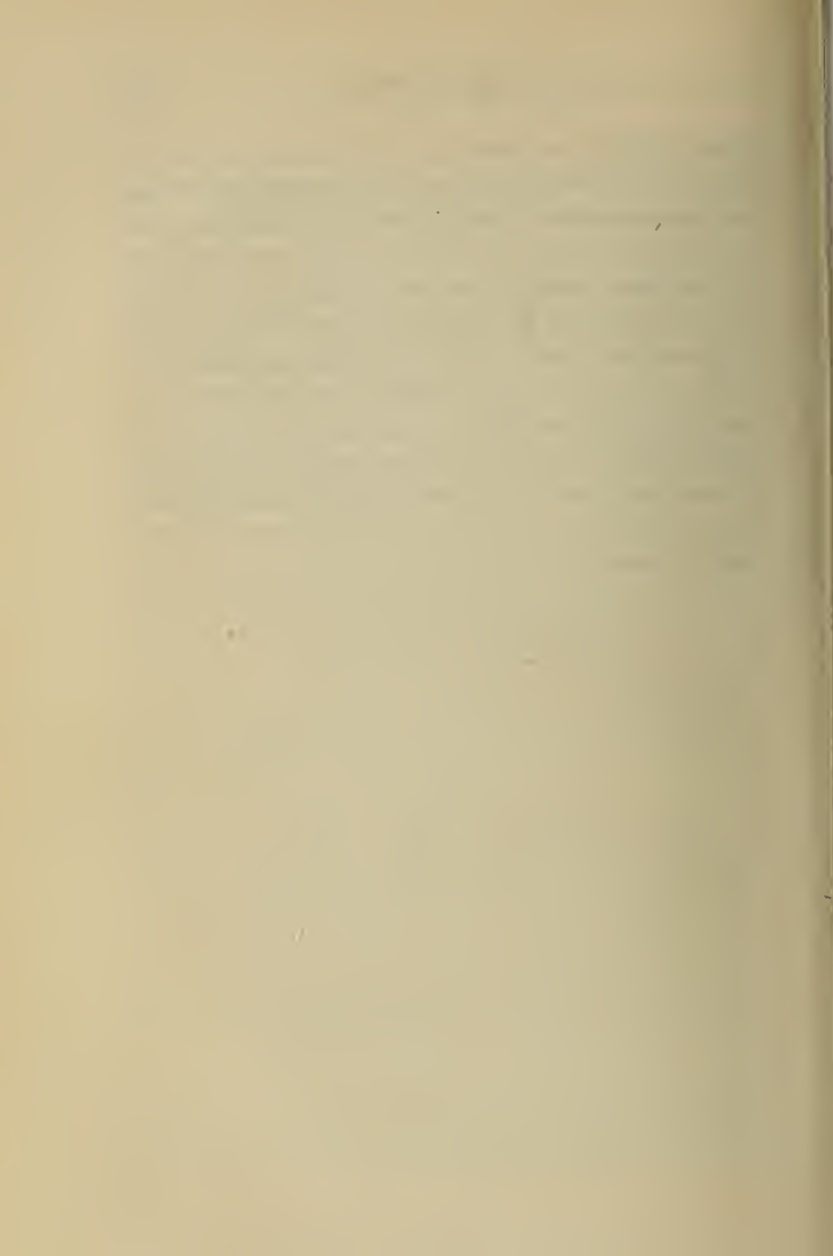
E depois mais longe continua a brilhante defeza:

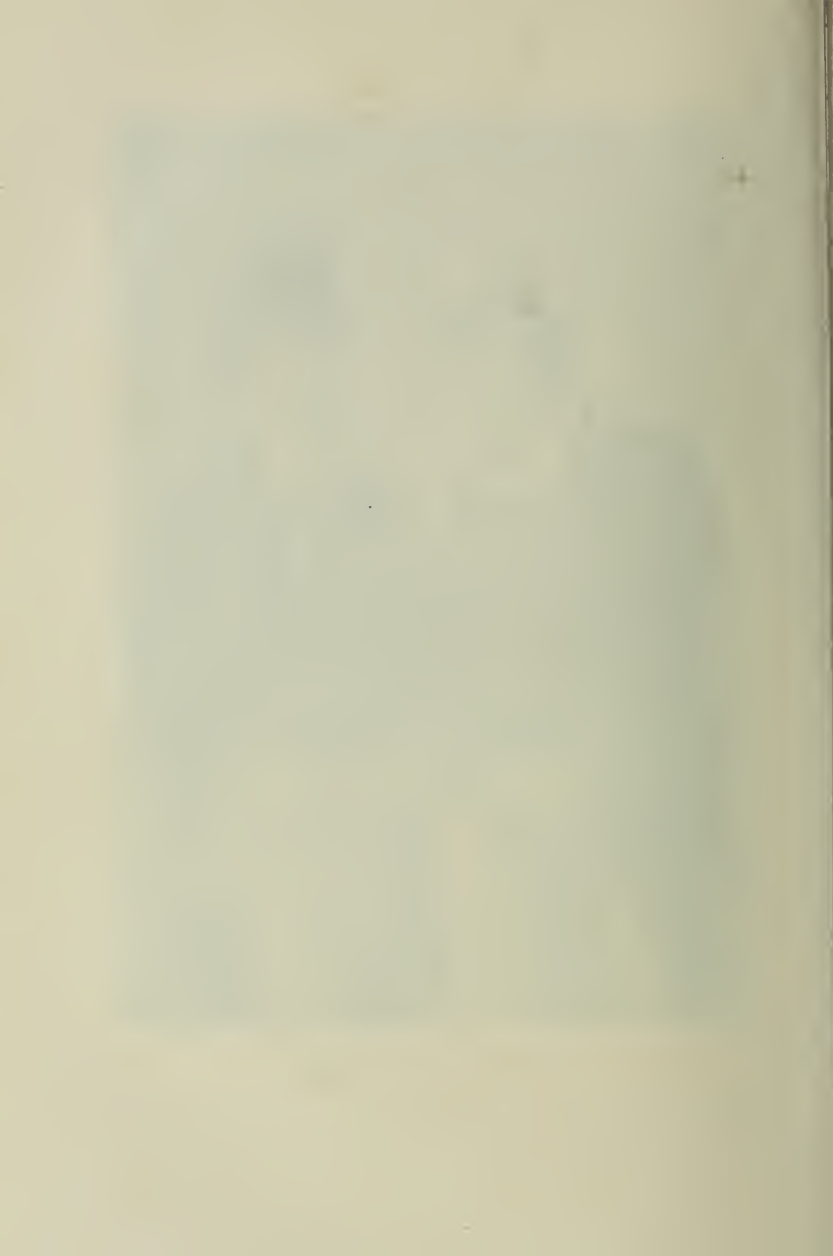
«Factos tendentes todos a provar que o sr. Alves Ferreira fizera na realidade uma *doação inter-vivos* a tres individuos, doação comprovada por testemunhas, por cartas e declarações do doador, e contrahira portanto para com elles uma *verdadeira divida* da natureza d'aquellas que a convenção consular auctorisa a pagar pelos fundos do espolio.»

«As declarações verbaes do sr. Alves Ferreira perante o Comité Portuguêz; o acto de querer entregar o cheque de sessenta mil francos ao thesoureiro do comité—constituem o mais completo reconhecimento de divida que legalmente se pode exigir. E perante os factos que comprovam esse re-

conhecimento de divida, agora pela primeira vez, postos perante V. Ex.ª, tenho a certeza que V. Ex.ª me habilitará a fazer justiça á justificada reclamação, que, em nome dos comtemplados com os premios do snr. Alves Ferreira, me faz o director-thesoureiro do Comité Portuguêz da Exposição.»

Esta interpretação, como muitas outras, mostra a justiça que Eça de Queiroz prestava ás suas questões. A sua defeza foi attendida por Barros Gomes que a achou justa. O nosso representante consular tinha por Raphael Bordallo uma sincera estima e mostrou-lhe muitas vezes quanto era sincero o seu apreço; como este caso, ha muitos outros, em que Eça de Queiroz, não só em Paris, junto das autoridades, como officiando para aqui, advogava com alta inteligencia, os direitos dos artistas. Estava nas suas tendencias. Quando se tratava de exposição dum pintor portuguez: o seu estimulo estava assegurado; tudo fazia para dar-lhe facilidades. Os intelectuais encontraram neste homem de grandes qualidades um amigo. Quantas vezes a sua bolsa se abriu em proveito deles, mas a sua bolsa particular, sem que ao Estado mandasse contas dos socorros que dava. A Paris afluiam, como sempre todos esses apaixonados da arte, com a esperança de puderem colher impressões nessa capital do mundo e sabiam que lá encontravam sempre um auxilio. Que a vida no Bairro Latino era barata, nas suas refeições a um franco e meio, com dois pratos, fruta, pão á descripção e um litro de cerveja; mas ás vezes o dinheiro

faltava: Paris tem distrações caras, perversões que atraem os intelectuaes e a que as magras bolsas não podem chegar. Apezar disso, o jantarzinho com champagne a trez francos e cincoenta era da praxe —agora tudo mudou, parece uma visão terrivel e negra, esta vida em que todos nós entrámos, que já não interessa, nem pelos homens, nem pela arte. Tudo está hoje numa miseria que nos dilacera e o que previra Silva Pinto, na sua misantropia, dá-se hoje. Cada um, que viveu uma hora deste passado não se conforma a receber a jornada, como ella nos aparece. Por isso, recordar e voltar atraz é sentirmonos melhor.

Ramalho e Eça em 1875

XII

O seu nome ilustre concorreu muito para o que de bom e util publicou o *Figaro* sobre Portugal, para não especialisar outros jornaes francezes; e como saia do quadro restricto de consul, o seu papel preponderante — basta a missão diplomatica de que o encarregaram em 1891, em Londres, para frisar bem a nota de quanto a sua tactica era apreciada.

Emygdio Navarro está então em Paris. A estreita amisade que une estes dois homens — Navarro foi um dos mais extraordinarios jornalistas do seu tempo e ninguem o egualou — era seguro penhor dum labor inteligente e prestavel para Portugal.

Nota-se na imprensa franceza uma campanha dirigida com acerto sobre a nossa situação, num momento grave para nós — de um lado o ultimatum e do outro a revolta do Porto, fazia prever em Paris, que o regimen atravessava uma grave crise e que essas tentativas revolucionarias, não eram mais que a vontade popular na sua ambição de liber-

tar-se. Esse trabalho em que muitas vezes Navarro pediu a Eça de Queiroz a sua colaboração,—porque já pelo seu nome, já pelo muito que o Brasil o considerava e como os seus jornaes o apreciavam — eram para o chefe de missão, cuja inteligencia era fulgurante, segura garantia de triunfo.

Não é só nestes factos que a sua actividade se desdobra — veja-se essa celebre subscripção aberta pelo consulado de Paris, a favor dos pescadores naufragados nas costas de Portugal que atingiu avultada quantia — os seu actos humanitarios são constantes; a sua generosidade está sempre ao lado dos que sofrem.

Já quando agradecia a Barros Gomes os muitos favores com que o honrava e a sua vinda para Paris, Eça de Queiroz escreve:

«Esta prova de que o Governo de S. M. e particularmente V. Ex.ª me continuam a sua confiança não podia deixar de me ser altamente lisonjeira e grata: e exprimindo por ella o meu reconhecimento asseguro a V. Ex.ª o meu desejo de pôr nas novas funcções a que sou chamado todo o zelo e interesse que em mim caibam.»

E o ilustre funcionario, que todos sabiam ser apaixonado por Paris, não se importa de se sacrificar, ficando ainda algum tempo em Inglaterra para resolver as altas questões que lhe tinham sido entregues.

E continua dizendo:

«No interesse porem do serviço, lembro respei-

tosamente a V. Ex.ª a vantagem de que eu aqui permaneça até que se resolva definitivamente a difficuldade que tem havido com a British Shipping Association e outros proprietarios e companhias de vapores, relativamente á maneira de formular os manifestos de carga.»

«A solução d'esta questão tem sido retardada por que a ultima quinzena d'agosto e a primeira de setembro são a epocha official dos feriados commerciaes; ha então uma consideravel suspensão de negocios e a maior parte dos negociantes e chefes de firmas, acham-se dispersos pelo campo e praias. Em todo o resto do mez espero porem chegar a um accordo, que seja definitivo, e que conjunctamente resalve os nossos interesses e os interesses commerciaes dos portos do canal.»

Eça de Queiroz logo pensa, ao chegar a Paris em reformar o consulado. Tudo ali lhe parece fóra da ordem. Nesssa ocasião escreve a Barros Gomes, pedindo leis e regulamentos que faltam e diz:

«Chamo a valiosa attenção de V. Ex.ª para a lista dos moveis que formam a installação material da chancellaria. Por ella se certificará V. Ex.ª que os objectos de mobilia, pertencentes ao Estado, alguns completamente inutilisados, são de todo insufficientes para as mais simples necessidades d'uma installação. Faltam cadeiras, meza para um dos empregados, armario e estante para arrumação dos archivos e livros—sem mencionar os requesitos miudos de escriptorio, e sem mencionar ainda

tudo o que é indispensavel para guarnecer, dar um aspecto de decencia e d'ordem, a uma chancellaria diariamente frequentada por estrangeiros.»

«N'estas condições, e com certeza que vou de harmonia com o proprio sentimento de V. Ex.ª a quem evidentemente repugna que a chancellaria do Consulado de Portugal em Paris dê ás pessoas de todas as classes que a frequentam, uma impressão de desarranjo e miseria—venho respeitosamente rogar a V. Ex.ª se digne authorizar-me a fazer as despezas necessarias para installar os escriptorios d'este consulado d'um modo conveniente e digno.»

«As tres peças de mobilia que já existem, a relativa facilidade em guarnecer as pequenas salas que a chancellaria occupa, o escrupuloso cuidado e economia na acquisição do que nos é ainda necessario—habilitar-me-hão de certo a não exceder a modica somma de mil e quinhentos francos na completa organisação dos escriptorios: e com esta definitiva installação, feita a expensas do Estado e tornada propriedade do Estado, se evitam de futuro os consideraveis inconvenientes de estar uma Repartição Publica arranjada e montada com moveis e objectos pertencentes ao funccionario que a dirige.»

Eis um documento que mostra como Eça de Queiroz poz a casa em ordem e a honrada clareza das suas intenções. E mais longe comenta com espirito noutra carta:

«Em todos os consulados que conheço, em todas as nações civilisadas (incluindo a Bulgaria) os moveis são sempre propriedade official.» E segue dizendo: «Eu de resto farei tudo com a maxima economia, comprando moveis em segunda mão, etc.» E ainda: «É necessario pois que haja uma chancellaria decente, limpa, hospitaleira, com uma cadeira ao menos onde se possa sentar um forasteiro fatigado.»

As refleções são curiosas e justas. Eça de Queiroz tem o amor das coisas no seu logar e o seu consulado foi sempre tido como um dos melhores, em organisação.

Eça escrevia nesta ocasião da rua de Berri, n.º 16, em pleno coração de Paris. O seu estado de espirito por não ver organisada a sua repartição com o esmero que lhe era particular, dá-lhe azo a uma critica amena e por vezes funda. Essa preocupação vinha já de Inglaterra: ali reformára tudo, tinha dado uma disposição moderna aos seus escritorios; em Paris, surge a mesma tendencia, nem a residencia, nem o que o rodeia, o satisfaz. Manda logo procurar outra casa, por que o seu consulado estava metido numa residencia particular e sae imediatamente, instalando-se num rez--de chaussée mobilado pelo qual pagava 12 libras por mez. Eça de Queiroz afirmava com rasão que «os motivos para não ter o consulado na morada particular do consul são tão numerosos que gastaria folhas de papel a enuncial-os — e ao mesmo

tempo tão obvios que é desnecessaria a sua enumeração.»

Efectivamente tinha razão. A moradia do consul junto da chancelaria é sempre um erro. Não se repetisse aquela scena dum colega meu que morava na chancelaria e que uma tarde, um homemzinho entrou, um tanto animado e perguntou ao chanceler: «O Snr. Consul?» Responderam-lhe: «Não está.» O homem continuou: «Qual não está. Eu quero falar ao Snr. Consul, já disse.» Continuaram-lhe a repetir o mesmo. O homem enfurece-se, grita: «Está cá, já disse!» e começa a gritar para dentro: «Ó seu consul! Ó seu consul venha cá, não fuja, que eu não lhe faço mal.» Ameaçam-no que o mandam prender e o homem vocifera sempre «Qual prender! Eu cá estou na minha terra e quero o consul. Ó seu consul, venha cá!» E foi preciso po-lo fóra. As numerosas scenas nos consulados, principalmente no Brazil, davam centenas de episodios curiosos que seriam interessantes narrar: ameaças, injurias, insultos graves, a tudo vão, para ver se conseguem os seus fins.

Imaginem Eça no seu tedio que o feria muitas vezes, assediado sempre por uma multidão que o requeria á força! Que nem por ele morar em Neuilly deixavam de o preseguir, porque Eça de Queiroz só quando estava doente, é que não aparecia na chancelaria. E como o sabiam protector de muitos desgraçados; como conheciam que matava a fome a dezenas de pessoas, iam procura-lo,

conhecendo que dava tudo quanto tinha na bolsa, sem presupor se o individuo a quem auxiliava, merecia ou não essa esmola: por isso vinham ter com ele, até espanhois, até judeos, italianos, russos brasileiros e outros. Quando aparecia um necessitado Eça queria reagir, tentava negar-se, mas o seu coração cheio de bondade conduzia-o, e depois duma reprimenda ao intruso se era estrangeiro, lá metia a mão ao bolso, encontrando sempre uns francos, sabendo de antemão que nunca lhe pediam auxilio sem que ele fizesse o possivel para o dar. Esta caracteristica de fazer bem, vinha-lhe talvez das suas tendencias libertarias na arte e na filosofia — vejam-se muitas das suas cronicas na Revista Moderna—a par do sentimento nato de portuguez. A sua admiração por Zola nascera tambem desse amor que tinha pelo trabalho e da justiça que dava aos seus subordinados a quem tratava com verdadeira delicadeza, procurando ajuda-los, servindo-se até do seu espirito para conseguir um pedido.

De um, sei eu, — que era chanceler ao tempo que Eça estava chefiando o consulado,—que, precisando uma licença e como não vinha rapida Eça escreveu uma carta para Lisboa dizendo:

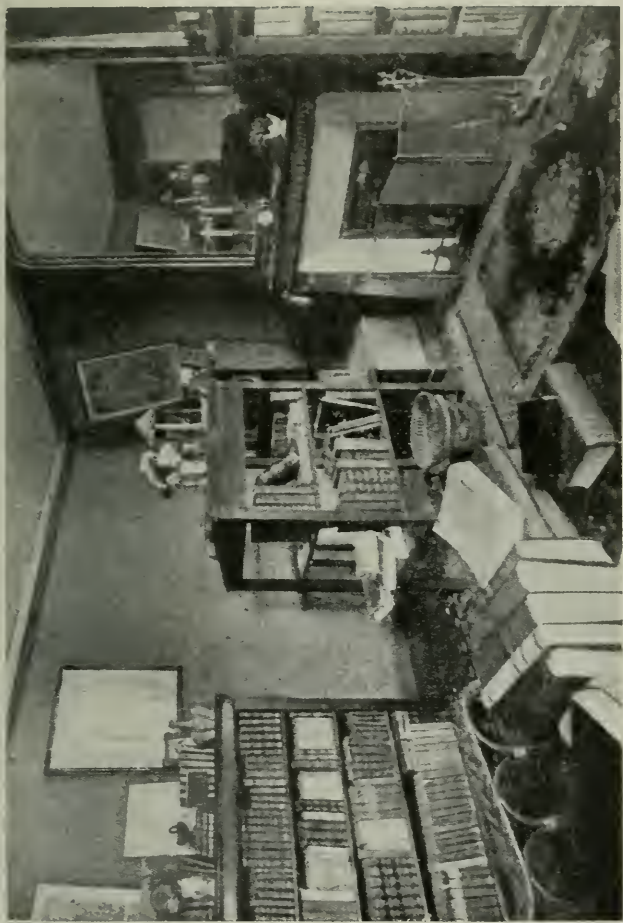
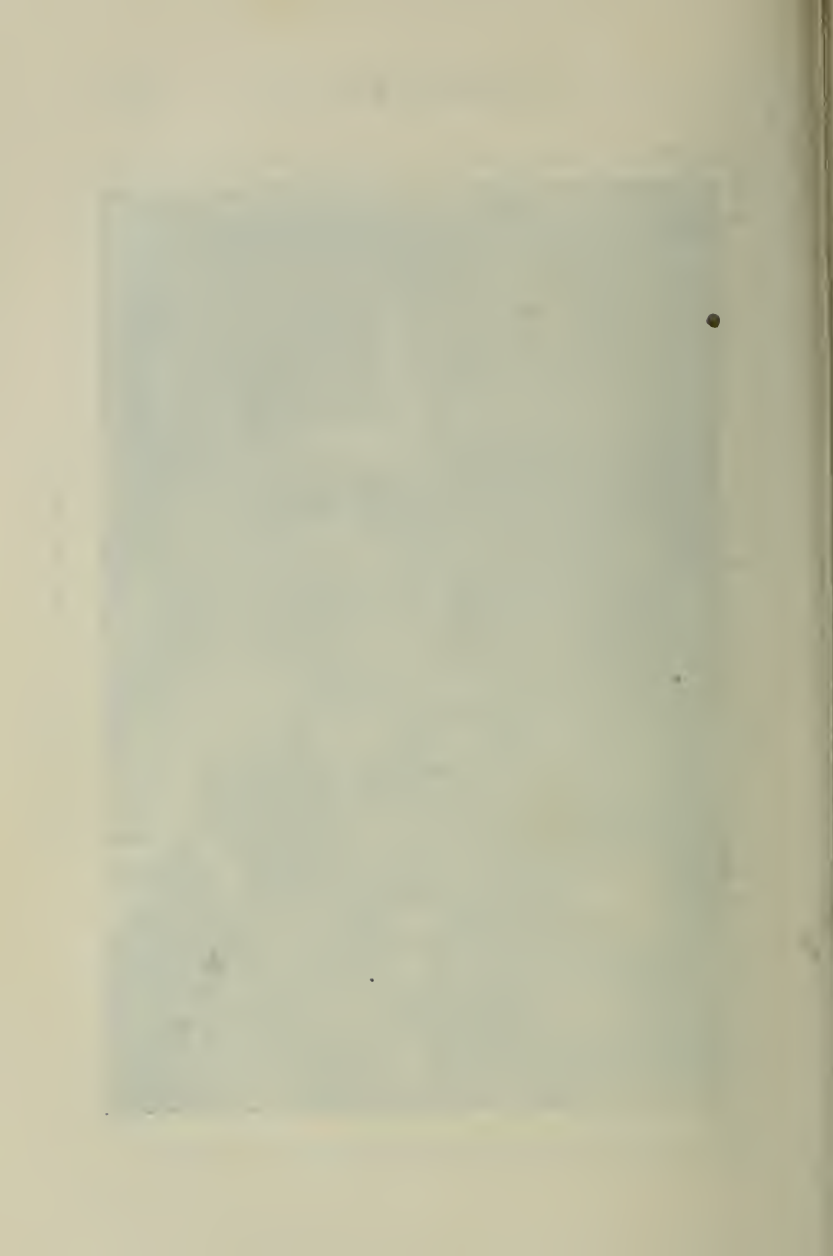
«O nosso... pede-me para recomendar o requerimento que elle remette para a licença de dois mezes. A licença está bem justificada; o que se implora é a urgencia, toda a urgencia! Basta que lhe diga que o nosso... vae casar no dia 25 para

o meu caro amigo, apezar de solteiro, comprehender que é necessario que elle, por falta d'uma licença e d'um telegramma, não vá ficar arriscado a *manquer son voyage de noces*!»

Como esta, outras mais. Na verdade, não ha como o espirito para tudo se conseguir. Numa frase, num dito, está o segredo duma carreira, principalmente quando se sabe escrever e defender os interesses duma classe.

Sobre o papel do consul escrevia Eça:

«As funcções do consul apresentam uma circumstancia especial que não se encontra em nenhuma outra funcção publica: é que ao consul não é possivel, como aos outros funccionarios, o restringir as suas despezas nas proporções exactas em que são diminuidos os seus vencimentos. Representando, ou concorrendo para representar o seu paiz no estrangeiro (e não só o paiz mas uma consideravel somma de interesses particulares) elles são forçados a um certo decoro material de vida, a uma dignidade de apparencias, que não podem ser restringidas sem que isso prejudique a propria efficacia das funcções que exercem. Quando elles soffrem portanto reducções nos vencimentos ficam n'uma situação de singular embaraço; porque o Estado por um lado exige, e muito justamente, o ser representado com um ineterrompido decoro exterior, e por outro lado retira os meios de manter esse decoro.»

O seu brio não lhe deixava dar um passo sem

Casa de Neuilly — A sala de trabalho

que Portugal fosse respeitado. Nestes recortes aprecia-se a feição de Eça de Queiroz nos seus variados e até hoje imprevistos aspectos. O respeito da sua carreira, limpa e briosa; a maneira como fazia justiça nos seus actos—ha centenas de casos passados na chancelaria — a defeza que dava a todo aquele que lhe merecia justiça, ganharam a este homem, um justo louvor. Sousa Rosa chegava a consultal-o em muitas ocasiões. Eça de Queiroz nascera para mais e pouco se serviram, do muito que este funcionario se podia ocupar em multiplices questões. Para muitos, Eça era um literato, e isto queria dizer, alheio á compreensão de certas formalidades sobre que ele teria de pender a sua cabeça eureolada de genio. Efectivamente, o esteta de raro engenho, o cultor do Belo, havia muitas vezes, de se encontrar fechado entre a formula antiquada. E é curioso como se liberta de toda essa engrenagem, que na opinião de Fialho d'Almeida, só pode servir aos que falham. Eça só faz arte, nunca a abandona é um paisaista, um pintor. De cada paiz manda quadros, carvões, desenhos arquitétonicos: o que escreve são exposições criticas, esquecendo o ramerrão dos costumes e a tendencia a manter dificuldades de elaboração na rapida resolução de assuntos. As suas narrativas acumulam factos, desdobram ideas, enchem-se de comentarios, por vezes pitorescos em que ha sempre uma nota de espirito. Não, este consul, foi um dos raros que saiu da miseria mental duma vida sem visão que ha-de desapa-

recer, e que não pode compreender a Arte. Junqueiro, dizia-me uma tarde, que não sabia o que era um oficio. Sentado no meu gabinete, comentando a vida, esse interessante espirito e meu grande mestre, definia o seu papel de diplomata, no espalhar o nome da sua patria e fazer conhecer o seu genio. Justo que a consideração nasça, quando se conheça que um paiz tem grandes espiritos cheios de elevação — e que vão desaparecendo, por desgraça nossa—para que não se faça ideia, só pelos erros que os governos espalham sem ponderar as consequencias duma errada interpretação do nome portuguez no estrangeiro.

Guerra Junqueiro defenia-o assim:

«Eça de Queiroz é um inspirado, dentro d'aquelle romancista há uma pythonisa: antes de fazer romances, fez apocalypses. Os contos da «Gazeta de Portugal», a sua primeira phase literaria, são obras primas d'uma phantasia convulsa e desgrenhada. Pode-se defenir d'esta maneira a epilepsia do talento.

E mais longe:

«A critica, acostumada n'esse tempo á proza discreta e comedida dos bons engenhos nacionaes, uma proza pacatinha e conspicua, que não fazia desordens, que não se metia em barúlhos, que se deitava á noitinha, ás trindades, que se confessava e ia á missa, e que organisava as suas pandegas

domingueiras com um bulle de chá, uma lampreia d'ovos e licor de canella; a critica, quando viu aparecer Eça de Queiroz como uma especie de sonambulo e de vidente, fazendo jogos malabares com um punhado de seixos e um punhado de estrellas; quando o viu saltar por cima das tradições da litteratura nacional, como um gravoche por cima d'um frade; a critica, a excellente critica, a impagavel critica portugueza, começou a rir-se d'elle, a troçal-o, a apedrejal-o e houve quem quizesse vestir-lhe uma camiza de força e mandar-lhe fazer um chapeu alto na fabrica de gelo no Aterro. Foi nesse momento que Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz começaram a mondar, á tesoura, todas as orelhas sumptuosas que subissem mais de dois palmos acima das cabeças respectivas.

Eça de Queiroz quando não vê a olho nú, põe a luneta, quando não vê com a luneta, pega no microscopio; e se a noite é tenebrosa, transforma-se em tigre; e se o olhar felino não é ainda bastante perspicaz, transforma-se em vidente, em illuminado...»

E dos aspectos que vincaram o ilustre escritor, na serenidade da sua vida em Neuilly — como Eduardo Prado os descreveu já e justo — revelemos esta pagina:

«Todas as tardes, das quatro ás sete horas no ultimo andar de uma casa escondida entre arvores que restam do que foi o parque que os Orléans tiveram em Neuilly, Eça de Queiroz aproxima-se

da meza alta, sobre a qual estão, ao lado de um vaso cheio de flores da estação, muitas folhas de um grande papel cuidadosamente cortado e dobrado com largas margens. No verão, as janellas abertas dão para a frescura verde da folhagem dos castanheiros e das tilias. No inverno, atravez da vidraça, vê elle a trama de finos galhos negros das arvores despidas; e os pardaes veem em revoada, pousar e saltitar no rebordo e na grade de ferro do balcão. Quer entre pelo quarto a luz quente das tardes longas do estio, quer cedo se accenda a pequena lampada d'azeite, misturando a placidez da sua luz, á claridade do lume; quer sobre a mesa haja lilazes d'abril rosas de julho, chrysantemos de outubro ou violetas de janeiro—as mesmas horas, a mesma meza, com a mesma penna, o escriptor começa a escrever. Cada phrase, em letra aberta e egual, sem grossuras de tinta nem complicações de rabiscos, desce sobre o papel. Entre as linhas há grandes claros; entre as palavras, os pontos e as virgulas, largos espaços. Os graphologos que examinam a letra de Eça de Queiroz dizem todos que ella revela, antes de tudo—ordem e imaginação. As leituras de Eça de Queiroz são rapidas e multiplices. Ás vezes, são feitas em voz alta e de tal modo, que não ha vérsos que pareçam máos, quando elle os lê com boa vontade; e prózas bem incolores tornando-se eloquentes. De vez em quando faz dessas leituras, tendo em mão um volume de Victor Hugo. E' um delirio.»

«Quando conta a sua narração é a scena mesma que descreve. A voz, o gesto, a expressão, dão a qualquer anedocta um interesse, uma vida e um vigor que difficilmente se podem imaginar.»

«Na simplicidade da sua vida de Paris são-lhe absolutamente indifferentes as seducções de uma notoriadade estrangeira e facil. É inacessivel; não vae a jantares litterarios, não vae a congressos, nem a almoços, não procura os homens celebres de hoje nem os de amanhan; e recusa-se, com tenacidade, ao envenenamento da má cozinha das donas de casa que, em Paris, cultivam o bas-bleuismo internacional...»

No consulado em Paris recebiam-se muitos convites, aos quaes Eça de Queiroz, polidamente, agradecia; mas ás vezes, em certos casos, via-se apanhado para qualquer festa e voltando-se para C. Dominguez, que era o vice consul dizia:

— Vá o meu amigo.

— Eu não sou o consul, Snr. Dr.

— Vá e diga que é o consul, que eu não me importo! e abrindo uma gaveta, de onde tirou uma roseta da legião de honra, acrescentou:

— Ponha a legião de honra, assim passa melhor.

São muitos os episodios passados nessa sala de receber do consulado de Portugal, e de variados aspectos. Sabia sempre dar uma lição sem se alterar.

Numa tarde em que Eça de Queiroz escrevia e o vice-consul não estava ali, entrou um homem com ares de importancia, que não tirou o chapeu. Vinha reclamar qualquer visto no passaporte. Aproximou-se da meza e começou a falar. Eça de Queiroz levantou a cabeça e ao vê-lo assim, continuou pendido sobre o seu trabalho. O homem falava, com o seu ar altivo. De novo Eça erguia os olhos, baixando-os de novo sobre o que estava escrevendo.

Nesta ocasião, apareceu a uma das portas do interior uma velha serva, perguntando-lhe qualquer coisa e Eça de Queiroz, sem dar atenção ao visitante que continuava falando e ficou atonito, começou dirigindo-se á velhota, inquirindo-lhe o que estava dizendo e o que queria, fazendo-a sentar perto dele.

O homem, creio que reconsiderou, porque saiu sem insistir no seu pedido.

A um negociante de vinhos que convidára Eça para ir a sua casa, falando-lhe no gosto que teria em receber o grau de Cavaleiro de Cristo, respondeu:

— No meu paiz, para os vinhos, só temos premios nas exposições e quando as ha.

Num dos seus mais curiosos relatorios, enviados de Paris, Eça de Queiroz estuda o comércio apezar

de «não existirem estatisticas especialisadas do movimento commercial de Paris» e observando que os productos «ou são transportados como encomendas postaes, escapando assim á verificação das estatitiscas, ou, comprados directamente pelos estrangeiros que visitam Paris, se tornam desde logo objectos do seu uso, e como tais, sem possivel constatação de quantidade ou valor, saem silenciosamente nas bagagens.»

E esta nota curiosa:

«Assim os mapas officiaes registam cada anno o pezo e o valor declarado da «joalheria falsa» que se exporta em proporções sempre crescentes, e que, graças á democratisação do luxo e aos habitos de uma ostentação que se contenta de apparencias, occupa hoje um logar consideravel na industria de Paris (para Portugal no anno de 1898 foi este artigo exportado pelo valor de 554.000 francos); mas que outras largas quantidades de joias falsas compradas pelos estrangeiros nas lojas dos boulevards e logo uzadas ou guardadas nas malas, deixam Paris sem que as estatisticas as possam inscrever.»

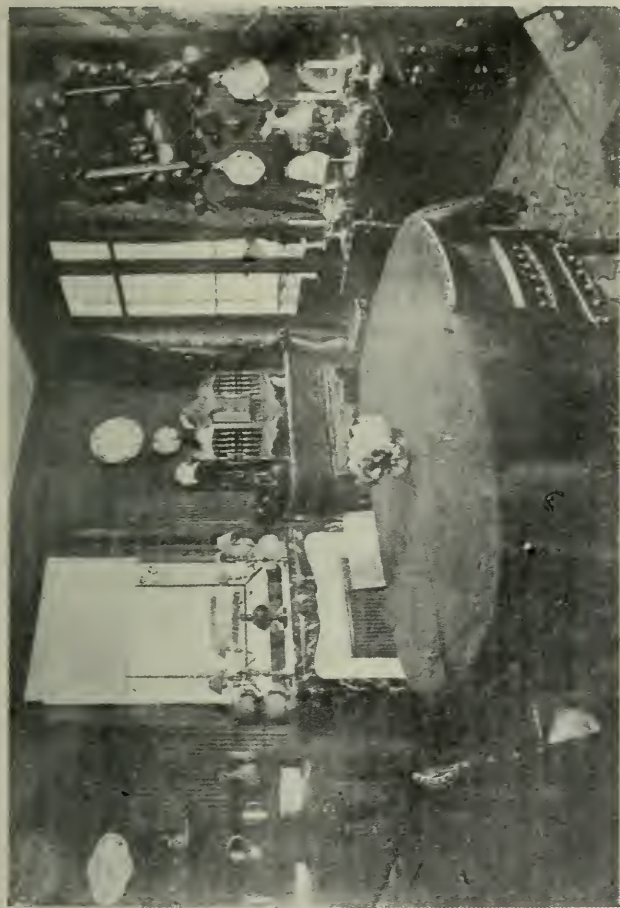
«A natureza das exportações de Paris não varia marcadamente com os annos — a não ser quando uma invenção, uma inesperada applicação industrial, uma moda inedita, criam um novo typo de producção, como succedeu recentemente com os volocipedes, e brevemente succederá com os automoveis aperfeiçoados.»

«Os antigos typos formam ainda a quasi totalidade dos negocios; e é sempre a quinquilheria, a joalharia falsa, as flores artificiaes, a papelaria, os instrumentos de optica e de cirurgia, a livraria scientifica e litteraria, as cores e tintas, as especialidades pharmaceuticas, as carruagens, os moveis de luxo, os tabacos fabricados, que Paris exporta para Portugal.»

Aprecia a exportação do papel, cartão, vestidos, artigos de moda, e a nossa fructa de meza e as lagostas frescas; dizendo que está decadente o negocio da laranja, que sofreu a concorrencia da Algeria, Tunisia e Malta, fazendo sentir que o valor está na fructa seca, como os figos, e afirma que «o vinho portuguez constitue uma materia prima que tem o seu centro de fabricação em Bordéus.»

«Emquanto aos nossos vinhos do Porto e da Madeira (inteiramente desconhecidos do povo, apenas provados pela classe media) são considerados geralmente em Paris como licores que se bebem ás quatro horas, acompanhando um lunch muito leve de biscoitos ou doces.»

«As confeitarias são com effeito o unico centro de consumo dos vinhos do Porto e da Madeira. Esses vinhos provem ou de Tarragona ou são fabricados em Hambourg e em Alte (Herault).»

«Em Paris, por vezes, para lhe avivar o sabor apenas se lhe junta uma pouca de quina. O vinho da Madeira mais usado é aquelle que se chama

Casa de Neuilly — A sala de jantar.

Madeira de Office, vinho composto com uva, passa e que se emprega na preparação de muitos pratos usuaes da cozinha franceza. De resto, os vinhos da Madeira e do Porto, considerados como licores, encontram, mesmo n'essa qualidade, uma concorrencia esmagadora nos vinhos licores do sul da França: o Bainjuls, o Frontignan, o Grenache, o Rancio, e ainda no vinho de Malaga, de que se faz em Paris um consumo consideravel como vinho de lunch.»

«A fructa em Paris, alem de um artigo de necessidade constitue um artigo de luxo. Não é só uma alimentação, é tambem um ornamento; e na decoração requintada das mezas, a riqueza dos fructos completa sempre o esplendor das flores.»

«Por isso poucas cidades consomem proporcionalmente mais fructa do que Paris, onde ella, alem de ser em todas as casas a sobremeza de verão, fornece ainda depois, sob a forma de compotas, conservas, marmeladas e geleas, a sobremeza de inverno.

E termina dando uma informação que nos honra:

«Que os commandantes de navios portuguezes não apresentam exigencias de frete superiores aos de outras nações; que os seus habitos de pontualidade e probidade levam muitos dos corretores a dar-lhes a preferencia; que a deserção de bordo de marinheiros portuguezes são extremamente raras; que os nossos marinheiros teem n'estes portos de França uma grande reputação de seriedade

e tranquilidade assim como os comandantes a teem de manter muito a ordem, disciplina e asseio nos seu navios.

(a) José Maria Eça de Queiroz

XIII

—A ultima viagem, a tragica viagem...

Havia tempos já, com rebates intermitentes, nevrose que o consumia, sensibilidade de esteta que o matava; havia mezes já, que a sua saude entrára num período mais critico, mais cruel, com previsões negras a sucar-lhe a mente, mas sempre esperançado numa vida que se esvaia. O dr. Bouchard, a quem Eça de Queiroz consultára, tinha-lhe recomendado muita cautela e repôso ; repôso, longe desse clima funesto para ele nos mezes intensos de neve; e diagnosticára : que estava afectado duma enterocolite. Este medico, que era então em Paris, uma das grandes celebridades não se tinha enganado. Eça de Queiroz fôra tocado pela morte, que estava com ele na sombra, e já todos notavam que o seu estado inspirava serios cuidados. Uma tristeza, uma profunda tristeza e uma doçura de creança envolvia aquela alma generosa e cheia de bondade.

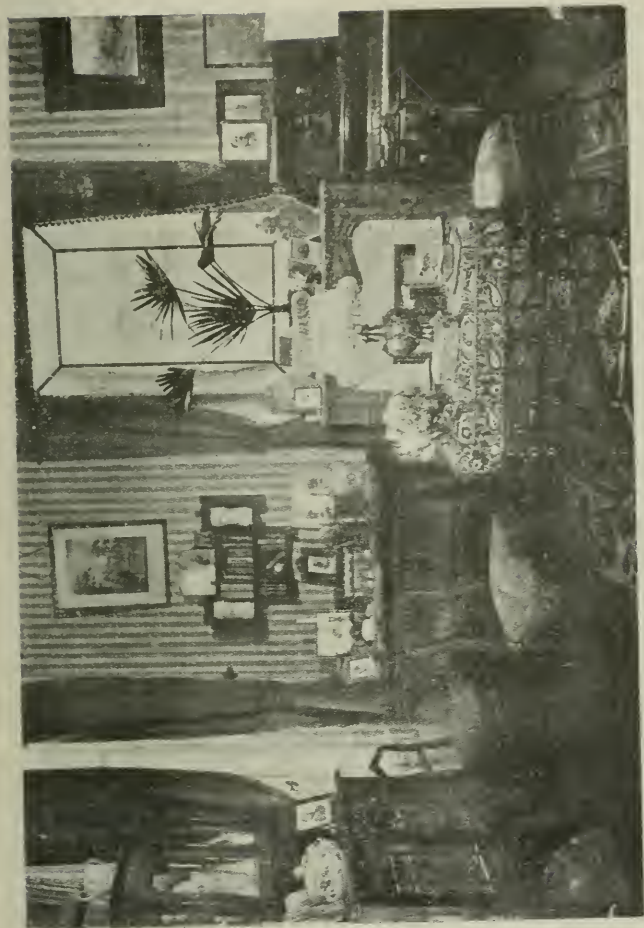
A sua força ia esmorecendo, pouco a pouco,

e desse admiravel espirito não restava, por vezes mais que um ser absorto, absorvido por alguma ideia longicua, como se presentimentos ocultos lhe revelassem a proxima partida para a Terra do Misterio de onde se não volta mais. Aquele clima de Paris, muito agudo em certas epocas, aquela *bise* gelada que muitas vezes o açoitou sem que se defendesse e lhe fugisse, tinha uma áção nefasta sobre o seu organismo debilitado, vivendo pelo cerebro emoções ineditas e que o mataram. Tanta gente lhe disse que se fosse até paragens de sol, tanta gente; e ele proprio o confessava, quanto lhe era prejudicial passar esse tempo nesse meio, mas o afastamento era-lhe tão dificil, em certas ocasiões: tanta questão pendente, tudo isso que lhe cumpria resolver e que girava em redor da sua inteligencia, e da sua direcção, impedia-o de sair do consulado, vir até ao seu paiz, até ao mediterraneo... Quando escrevia para Lisboa, em varias cartas confessava essa necessidade, comprovada com atestados medicos.

Quando a doença apertou mais, lembraram-lhe a Suissa.

Eça de Queiroz partiu com Ramalho Ortigão, seu irmão na luta e na arte, e por lá andou, sonhando nessa digressão, preocupado tambem com a doença do filho mais velho, mas o seu estado que melhorou em parte, não logrou o necessario lenitivo, porque...

Demos logar a uma carta de Ramalho:

«Os medicos diziam em Paris que a sua enfer-

Casa de Neuilly — A sala.

midade não tinha caracter grave e prescreviam-lhe apenas a simples mudança d'ar n'uma estação da montanha.

«Como elle se resolvesse afinal a sahir de Paris, ãbandonei o projecto da minha viagem á Belgica, para o acompanhar á Suissa, onde elle escolhera Gliou em Montreux, perto de Genebra para ali passar alguns dias.»

«Partimos de Paris no dia 28 de Junho em logares continuos no expresso do norte para Genebra. Elle muito enfraquecido, é certo, vinha alegre e dormiu bem. Em Genebra queixou-se apenas de alguma fadiga. Começou logo a comer com apetite. No dia immediato ao da nossa chegada, fizemos uma pequena excursão de carruagem ao Monte Salène. No dia seguinte partimos para Gliou, onde elle chegou tão abatido que me deu cuidado deixal-o só, como elle queria e destinára ficar... Deitou-se cedo, dormiu bem, acordou animado e bem disposto.»

«Fui n'essa manhã a Lausanne e ao voltar de tarde, encontrei-o na larga varanda do seu quarto, confortavelmente instalado n'uma poltrona, lendo um romance inglez, fumando um cigarro de papel e contemplando a paisagem, encantadoramente risonha, que tinha em frente de si, sobre os jardins... Disse-me ter passeado na floresta, ter almoçado com prazer, frutas do lago cozidas *au court bouillon* e ter lido os jornais de Paris. Tinha vestido um elegante costume do campo e posto uma

gravata de bretanha em listas azues e brancas. Dou-lhe estes detalhes pela expressão psycologica que elles merecem.»

Tudo isso foi passageiro porque Eça de Queiroz, volta a Paris, recaindo no mesmo abatimento e Ramalho segue para a Italia, sem pensar nessa despedida, que nunca mais se veriam e que era o ultimo adeus entre dois grandes amigos. A doença germinava sempre, consumia-o. E caso curioso: um dos ultimos documentos assinados pela sua mão e remetidos ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros trazem ao conhecimento do Ministro, a morte de Paul Crepy, que era nosso representante em Lille. Aquella mão pára ali de assinar o expediente. Noticias chegam: Eça de Queiroz vae mal. Mas como foi sempre um ser doente, sofrendo dos climas por onde esteve—já na sua estada em Inglaterra, no inverno, se deu tambem o mesmo caso—ninguem pensou que Portugal ia perder uma das suas mais legitimas figuras.

Aproximava-se o mez de agosto. Paris ardia em braza, sufucava. Eça de Queiroz ia pouco a pouco desaparecendo para a eternidade. Esse mal, que o dr. Bouchard diagnosticára, apezar de não lhe ter achado a gravidade que tinha, tomava posse dele com mais intensidade, nesse cortejo de insonias, febriculas, mal estar, tendo como lenitivo e enlevo, á sua cabeceira, uma esposa que o adorava e velou sempre com toda a sua alma pelo marido amado e os filhos, essas creanças que eram a sua adora-

ção e com quem brincava, como se fosse tambem uma creança, correndo com eles e trazendo-os nos braços como preciosidades do seu sangue.

Toda essa primeira quinzena de agosto é passada, entre altos e baixos, em que a esperança surge no medico que o trata e o desalento vem na insuficiencia de qualquer força scientifica que salvasse da abalada negra o artista divino.

A febre consome-o, aniquila-o, prosta-o; o fastio é mortal; é uma luta para que se obrigue a tomar o que lhe indicam e contudo é um doente docil, cheio de esperança. Nessa casa de Neuilly, outrora cheia de risos de crianças e de vozes infantis chamando por ele, passa agora uma dolorosa sombra, que ronda por ali, que se sentou á sua cabeceira e espera friamente a hora de tomar posse desse corpo. A morte tem fome e tudo ali vae sofrer na tarde que se avizinha, tragicamente, nervosamente; e o relogio marca minuto a minuto, a aproximação da calamidade, até que o mez chegando a meio, marca nessa minuscula folha de papel do calendario do seu gabinete, o dia negro, em que elle partirá na sua doçura infinita, rodeado desses seres que extremecia.

Estava mal; estava muito mal, e não conhecia a tragedia que outros seres analisavam á beira do seu leito. Tentava a vida; Viver! Como esse cerebro cheio de visões extranhas, sem ter ainda findado a sua obra, se revoltaria contra o abatimento do arcaboiço! Viver! tanto a produzir, e sonha o

seu gabinete, os seus livros, porque foi dos raros que se dedicou só a eles, na sua simplicidade. Então pede que lhe tragam o fato. Está disposto a vestir-se para sair. Sente-se com forças. Ah! esse amor do sol, esse culto pelas flores, esse sonho, como isso tudo se revelaria nessa hora que o matava e o ia levar para sempre. Está a morrer e julga-se com energia: é o cerebro que vive ainda: é a paixão duma Arte absorvente que o domina.

Luta ante o espectro que deve presentir e contra ele quer reagir sempre, num esforço, caindo mais desanimado, mais exausto. Depois uma alerta de animo; é a visita da saude nessa tentiva frustrada.

Pende para o Dr. Mello Vianna e diz-lhe:

— Isto vae-me parecendo grave, meu querido doutor. Creio que será doença para muito tempo; emquanto durar esta repugnancia pelos alimentos não espero melhorar — mas como havemos de vencer este terrivel symptoma?»

Vencer! restos duma tenacidade sobria, dum dominio que sempre teve. Esse aparelho já não trabalha. E' um relogio que está dando as ultimas horas, pendula a parar; mas um vento de reação, quer impelir a pendula, para que siga e esse esforço cansa-o mais, mata-o.

Chama-se o professor Laudouzy que vê o estado gravissimo do enfermo. Eça de Queiroz recebe-o cheio de esperança, tem o melhor dos seus sorrisos ante a celebridade medica, um pensamento de confiança, vem ainda, nessa vida que se apaga.

Dispõe-se, animadamente, a contar a sua doença juntando-lhe as interpretações que dava ao progresso do enfraquecimento do seu organismo. Pedem-lhe que abrevie a narração para não se cansar mais; admirando-lhe o medico a vivacidade ante a morte: a sua voz é suave, como aragem que passa, sussurro duma voz que foi forte. Os medicos lutam ainda, esperam que um sôro o venha salvar e todas as modificações feitas no tratamento, Eça de Queiroz aceita-as com um credito absoluto até que chega a hora, a sua ultima hora.

Ainda nesse dia de manhã, julgava que ia reviver, voltar ao trabalho, que se ia ver melhor. Amanhã! visão de um dia que nasce numa luz que se apaga. Tinha-se voltado para Souza Rosa que o fôra ver e dissera:

—Eu estou realmente bem doente, mas estou sendo tratado com inteligencia; o peor é que estou muito fraco; ha-de levar muito tempo.

Conforma-se. Pára como esperando que lhe digam o que pensam; que o animem.

E as suas palavras apagam-se num gemido, numa sonolencia mortal. Tres horas trez horas e meia. A tarde declina, todos escondem as lagrimas. Notam que vae deixar esse corpo, a alma luminosa, que o engrandecera. E docemente, suavemente, morre no seu sonho de vida, muito cozido com a roupa e nesse olhar, nesse ultimo olhar dirá tudo que a boca já não poude dizer á sua esposa e aos seus filhos. Ah, desde a vespera que esses corações es-

tão de luto; desde a vespera que passa nessa casa a rajada tormentosa da despedida: desde a vespera que se sente um vacuo, uma falta nessas salas que ele animava com todo o fulgor do seu espirito. Agora, prostrado nesse leito, muito magro, muito palido, olhar semi-cerrado, a sua figura macerada ilumina-se desse esplendor, que dá a imortalidade a certos seres superiores. Ha no poente que passa nesse rosto, nessa tarde de sol em que a luz é discreta, qualquer coisa que torna soberbo esse esteta; qualquer traço: misto de saudade e de ternura que não teve tempo de definir nessa abalada.

E partiu com o sol, docemente, suavemente, pelas Ave Marias e quando lhe deram a extrema-unção, já estava desmaiado, não a tinha elle recebido da propria Arte a quem se dedicava e que o tinha morto? E esse padre Lanfant fez descer sobre esse corpo inerte, a figura admiravel de Jesus Crucificado, dizendo uma oração, emquanto as lagrimas de todos que rezavam e estavam em volta, dele, o acompanhavam nessa despedida á terra, o ultimo adeus.

E do asilo ao lado, onde se abrigavam centenas de creanças, que entreolhavam ás vezes Eça de Queiroz á janela, ao saberem que estava a morrer esse artista, as mestras reuniram no jardim toda essa mocidade que desabrochava e fizeram que entoassem num côro juvenil, toda uma oração pela sua vida e as vozes das creanças erguiam-se no Espaço, iam até esse ser que morria, envolvendo-o

numa caricia, num perfume de almas saudando a alvorada, numa apoteose.

E partiu com o sol, por que logo em redor, por toda essa casa, passa uma mancha negra, nessa noite do Calvario, sem lenitivo para os corações que sangram. Quem sabe se os objectos, certos objectos, não poderão ter dôr; como esses seus livros, os seus amados livros, que as suas mãos delicadas folheavam nesse gabinete de trabalho, perto do fogão, sentiriam que essa mão nunca mais lhe daria as suas caricias; tudo isso que viveu dele, que extremeceu com ele, que palpitava na sua emoção, teria conhecido essa agonia; e como essa casa, cheia das suas lembranças, ia ficar deserta; como esse jardim, com as suas flores tão amadas; como essa pena que espalhou fulgores; esse papel disperso sobre a mesa e com a ultima pagina, que elle escrevera, a ultima; como esse arvoredo que pendia para as suas janelas e o espreitava longamente; como essa salinha onde o retrato de Oliveira Martins, que tambem partira, ornamentava um movel; como essa casa de jantar, sempre florida, e esse espelho que lhe reproduzira a figura tanta vez; como tudo isso, tudo, ia desaparecer, transformar-se, deixando uma saudade sobre um rozario de magoas. Não, áquela meza, nunca mais se sentaria o escritor, nunca mais se ouviria a sua voz naquelas salas, nunca mais haveria ali esses jantares animados pela sua graça.

Tudo tinha acabado, tudo. Findava nesse morto

um grande poema artistico, uma vida admiravel e exemplar, doce enlevo para os almas sedentas de ideal, e ante esse portico que se abria, passava no dia seguinte, a enterrar, não só o chefe dessa familia, o seu amigo, o seu guia, mas tambem o genio artistico de Portugal.

E morreu com o sol.—Parecia ainda mentira quando a nova correu. Extremecimento de horror, pezadelo mesmo, foi esse facto para muita alma. Era como uma destas noticias que se nega a imaginação a admitir! Como se podia aceitar que esse escultor maximo da forma, se fôra por caminhos ignorados, e estava ali, nesse leito, cheio de flores e tão longe já, tão longe...

E quem sabe? Misterio, que a sciencia ainda não desvendou, se essa alma não estaria ali, vendo a dôr espalhada como flores, a dôr alucinante, cruel, do ultimo adeus; a dôr que mata e dilacera, quando duas almas unidas, se separam e uma se vae embora para nunca mais voltar.

Ah! como devia ecoar por essa vivenda esse dobre de finados, nesse caixão que se fechava, sobre chumbo que corria, que o abafava para sempre como muralha! Estranho e fastidioso espétaculo e constantemente repetido!

E ao sair o portico dessa casa de Neuilly, para vir até nós, até á patria, que o esperava comovida, o arvoredo pendeu sobre o seu corpo, as flores pareciam rezar baixo na viração que passava, como pedindo para ele junto de Deus e ao fechar

essas portas, cerrava-se um poema de beleza, que não houve outro egual no meu paiz.

E por longos dias o mar embalou, esse eterno viajante, avido de sensações divinas, desde o porto francez e por vento calmo, ondas saltitantes, entoando alguma canção ignorada, trazendo-o até á sua terra florida e cheia das rosas que ele tanto amára, tendo a sauda-lo, inclinadas num preito afectuoso; á partida: a bandeira da França onde o seu espirito viveu; á chegada: a bandeira das quinas onde o seu coração se espelhava.

No dia 16 de agosto de 1900 recebia o Ministro dos Negocios Estrangeiros o seguinte telegrama: «Com o mais profundo pezar participo a V. Ex.ª que acaba de falecer o Snr. Eça de Queiroz *(a)* Rosa.

O telegrama urgente recebido quasi á noitinha, circulou imediatamente por Lisboa e produziu uma grande impressão.

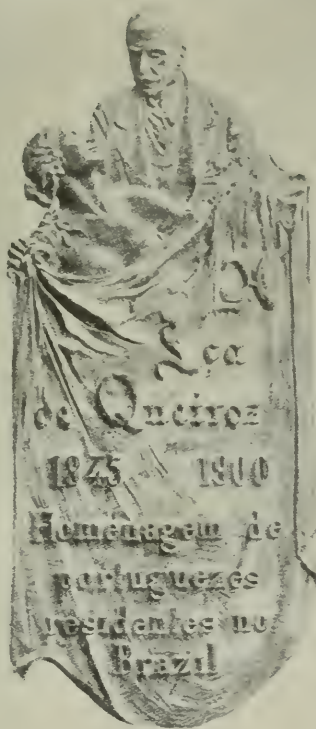
Pelos cafés, pelas livrarias, o nome do escritor passava de boca em boca, comentando-se, querendo-se saber noticias. Lembra-me que no jornal onde eu estava, como em outros jornaes, houve um trabalho grande: queria-se uma biografia completa; procurou-se Ramalho Ortigão que estava longe e outros amigos. A tinta correu nessa noite, em que se escreveram algumas paginas justas, mas tambem grandes barbaridades.

A vida contudo é cheia de secura: logo a seguir vem a necessidade de o substituir em Paris. Les morts vont vite: a maioria, este é um dos que ficará. O seu posto é logo ocupado: chama-se Domingos d'Oliveira que estava em veligiatura para que tome posse. Contudo o consulado de Paris nunca mais será, o que foi no seu tempo. Os ditos de espirito, a vivacidade admiravel do mestre não mais se renovará. A vida é assim e não pára na sua marcha vertiginosa: houve muitos consules, ministros, executando essas disposições que manda a lei, cumprindo instruções, mas como este, raros, foi ele o unico talvez.

E a seguir Souza Rosa comunica:

«Tenho a honra de participar a V. Ex.ª que acompanhei hontem até ao Havre os restos mortaes de Eça de Queiroz. No Havre o cadaver foi embarcado a bordo do transporte Africa, prestando-se-lhe na ocasião as honras devidas á sua categoria. O Africa devia ter partido para Lisbôa, hoje ás 11 da manhã.»

Foi quasi todo um mez que Lisbôa esperou com anciedade a chegada desse vapor onde vinha o artista. Os jornaes continuaram falando, dando alvitres, formando-se uma comissão de jornalistas para o receber. Pedia-se uma homenagem que fosse digna do homem que voltava á patria, fechado nesse caixão, deixando atraz de si um rasto de luz. Ah, é bem certo, não ha como a morte, para que muita gente conheça um escritor. Eça de

Eça
de Queiroz
1845 1900
Homenagem de
portuguezes
residentes no
Brazil

Queiroz que não fôra nunca até ao povo, começa a ser procurado nas livrarias por muito popular. Via-se este espétaculo na Livraria Bertrand, onde se venderam em meia duzia de dias, centenas de volumes do romancista, até que, em meados de setembro os jornaes anunciavam estar á vista o Africa trazendo os restos mortaes de Eça de Queiroz.

E a patria ia recebe-lo nos seus braços, comovidamente, afectuosamente...

Eça de Queiroz no jardim da sua residencia em Neuilly

(Fotografia do ilustre maestro *Francisco de Lacerda*)

XV

—O ultimo adeus.

Segunda feira 17 de Setembro de 1900: o povo espera o cortejo levando ao cemiterio do Alto de S. João o Esteta que se extinguira docemente, longe da patria e vivendo sempre dela na sua concentração e no seu afastamento do palacionismo; de negro muita gente que girava vendo as montras: muitos tiveram ocasião de vir fazer compras e assistir ao funeral. Ha por ahi, disperso e em grupos de palestra, povoleo e artistas e aqui e alem, em janelas e do arco triunfal da Rua Augusta pendem panos negros que se erguem como grandes braços, deixando traços sobre as ruas, como dando luto a Lisboa. Estabelecimentos varios, cheios de gente e animados: expoem muitos o retrato de Eça de Queiroz envolto de crepes e outros teem a bandeira portugueza com laços negros. Está bem: quem está de luto é Portugal. As livrarias poem taipaes, aproveitando a ocasião para encher as montras das obras do mestre: luto e mercantilismo.

Semelha um destes dias em que a multidão sae á rua em procura de sensações fortes: ha muito luxo que aproveita o momento para se mostrar, e o negro vae bem a tanta mulher! As janelas teem a animação dos dias festivos, fizeram-se convites, houve pedidos para consultorios e mesmo se armou tablados em lojas. Contudo, só em raros, a anciedade da má nova preocupa; do resto, desse exibicionismo, encontra-se em geral, a curiosidade de ver passar esse carro que leva á sua ultima morada um artista de Portugal.

Espera-se que se anuncie a saida do corpo, como se costuma anunciar qualquer festival. O sol está quente. Abafa-se. O Terreiro do Paço tem o aspecto da chegada dum rei—e não se enganaram —tal a multidão que se acerca do mar, num vaevem, procurando o Africa com os olhos. Cada um aventa sua historia e as mulheres do povo, sentadas nos degraus dos passeios, tiram os lenços, abrem os corpetes para respirarem melhor, abanando-se.

Passam vendedores de jornaes, deixando uma nota pitoresca, gritam *O Seculo! A Vanguarda! O Diario de Noticias!* e ao mesmo tempo, vendedores, acrescentam: «Cá está o retrato de Eça de Queiroz a vintem». Vendem muito. Quem nunca o viu, fixa os olhos nesses bilhetes, nessas folhas de papel, tarjadas de negro e com varios dizeres; e a meio destes pregões, o eterno grito: «Capilé ou copo com agua» «Cá estão pasteis» Erguendo a

vista, depara-se com os telhados dos ministerios cheios de gente, em grupos, fazendo pelo vestuario, ramos coloridos, com as cabeças que interrogam o mar. Tudo isto sussurra, vibra, fala, gesticula, emquanto em baixo a mesma vaga humana, tanto se aproxima do rio, como procura defeza do sol nas arcadas dos ministerios. E todo este povo esperava quem? Disse-o Ramalho: um simples escritor que, inteiramente recluso na religião da Arte se não entremeteu nunca nos conflitos seculares da sociedade a que pertenceu, nunca manipulou negocios, nem dirigiu emprezas, nem exerceu especie alguma de autoridade ou de poder sobre os homens do seu tempo. Não foi general, nem ministro d'estado nem deputado ás cortes, e nunca os poderes publicos, nem sociedades sábias ou recreativas lhe votaram a coroa civica de heroe, de martir ou de simples e incategorisado visconde: meramente um artista na mais extrema e estricta accepção da palavra.»

Influencia extraordinaria esta, que a imprensa tivera sobre Lisbôa e a fizera acordar desse marasmo de labutação fastidiosa e inutil e a fazia mover, a impelia até ali, sem talvez na maioria nunca o ter lido, para ir ver o enterro: e, de vez em quando, ha vozes que notam as figuras celebres que passam, os ministros e outras. Pendem para dentro das carruagens havendo sussurro ao aproximarem-se os representantes do rei e da rainha: «Olha lá vae o Hintze». Voz mais alta que desperta a curiosidade, porque tudo procura ver a pessoa

citada, analisando-a no seu vestuario, se vae triste ou alegre, tudo serve a este povo para se entreter em comentarios, emquanto o cortejo não chega.

No Arsenal, agora, a animação é enorme e ás portas estaca muita gente que não tem bilhete para passar. Oficiaes de marinha davam as ultimas ordens para aproximar a galeota que, rebocada pelo vapor Capitania, ia levar a bordo do Africa o Ministro da Marinha e esse grupo ancioso de artistas e jornalistas. O Africa, ao largo, quasi em frente de Cacilhas esperava as visitas, e em torno passavam barcos varios. Só ás 2 horas se fez o embarque, tomando logar muita gente.

Lembra-me de Brito Aranha, Magalhães Lima, Moreira d'Almeida e outros muitos que iam fazer a cronica para o jornal: eu era um deles.

De repente ouve-se o primeiro tiro de peça, e de bordo observa-se que o povo, no Terreiro do Paço, se aperta mais, contido a custo pela policia. Os navios continuam salvando. Todos compreenderam que chegou o momento esperado.

«É agora! É agora!»

Quando a galeota atraca ao Africa, a marinhagem faz guarda de honra ao portaló, apresentando armas. O primeiro a passar foi Teixeira de Souza, depois oficiaes de marinha ás ordens, depois a comissão e todos nós. Uma impressão tremenda passa no nosso espirito, uma comoção indefinivel, pois que ninguem troca uma palavra. Ao avançarem, já no Africa, todos se descobrem.

Um recolhimento imenso, intraduzivel, fere a sensibilidade. E ao descermos uma estreita escada, para um camarote esguio demais e pequeno para o vulto que guardava, encontramo-nos ante uma montanha de coroas cobrindo uma urna. Um momento de silencio. Os oficiais esperam ordens, sem perturbar esse minuto, como uma oração que sae de todos os labios, uma saudação envolta de tristeza e de saudade. Depois alguem consulta o ministro e a comissão, e á ordem de começar, a marinhagem vae pondo de parte as coroas da familia, dos escritores residentes em Paris, tanto ramo até que a urna é posta a descoberto. É enorme a urna, com argolas de prata e numa chapa lê-se: «Mr. Eça de Queiroz consul de Portugal à Paris.» Para que, consul de Portugal?! Devia trazer só um nome, esse cargo que ele representou com tanto brilho, nada dizia ali, nada significava. Nós iamos buscar a gloria, iamos espalhar flores sobre o mestre, o resto não era senão uma função publica.

«Pode-se partir?» pergunta o oficial. E á indicação que se leve a urna, avançam para ela, galhardos marinheiros portuguezes que a erguem nos seus braços. Parece que o caixão vae entrar no Ceu. Momento cheio de grandeza: aos hombros da marinhagem, Eça de Queiroz recebe a homenagem dos navegadores de Portugal, desta Patria que devassou os oceanos nas suas lindas caravelas; e a urna passa lentamente, ante esses homens curvados e ha lagrimas em muitos olhos. O resto

dos marinheiros está nas vergas e o Africa apresenta o corpo á multidão que continua inquirindo de terra o que se dá; ergue-o ante um povo, ante uma raça, a esse sol de Portugal que lhe tece a mais exuberante das aureolas.

E o corpo desce sobre o rebocador Trafaria: faina dificil e dura: o caixão peza muito, enterra-se nas carnes. Não admira. O vulto é de tal estructura que esse punhado de homens livres, lobos do mar, acostumados aos vendavaes, não tem suficiente força para o suster: só a Patria em pezo, e nos seus braços, poderá imortalisa-lo em bronze. Mas lá o descem, amparando-o cuidadosamente, colocando-o á proa do Trafaria. Alguem traz uma bandeira portugueza — como se tinham esquecido ao traze-lo de Paris de o cobrir com as nossas cores nacionaes.

Imprevidencia que chegava a ser um crime, pois que a raça orgulhar-se-ia de que o farrapo ilustre mostrasse ao mundo que ia ali sob o emblema de Portugal, uma figura que enobrecia a Historia. Agora ha pressa: colocam coroas a esmo, tudo vae para terra nesta hora em que a justiça ainda está longe de lhe dar o devido culto. Os navios salvam de novo. O Trafaria em marcha, vê-se rodeado de barcos varios: botes á vela, carregados de gente, escaleres a remos, guigas do Club naval; e de bordo dos navios de guerra veem-se binoculos assestados sobre o vapor que singra o Tejo em direcção ao Caes das Colunas.

Visto do mar, o Terreiro do Paço, as muralhas do Caes, a Alfandega, a estação, tudo produz um efeito curioso, onde esse povo, avido de comoções energicas, vinha ali prestar preito a esse homem que fugira sempre das multidões e que tinha horror da popularidade. Ah, se ele pudesse ver esse quadro, se não fosse ali fechado para sempre; se ele, que tinha horror á publicação dos seus retratos nos jornaes, afirmando mesmo que ao ver-se retratado, até adoecia—assistisse a essa chegada e visse o seu rosto, de mão em mão! E contudo a curiosidade era legitima no orgulho que por vezes temos de ser portuguezes, e os jornaes tinham semeado obra de louvor fazendo com que Eça de Queiroz fosse até operarios mostrando-lhe uma das suas glorias.

E o vapor vem suavemente, vagarosamente e ondas de espuma, batendo a bombordo e a estibordo, saltitavam como perolas, indo até á urna, como tecendo-lhe um diadema divino, que, sob o sol ardente, faiscava como centelhas de astros.

E logo de abordarmos ao Cais: esse silvo de vapor, esse sinal que feria como um apelo, fez-nos sair da nossa meditação, para o desembarque se fazer. Estavamos em terra.

Nova faina. Então avança gente do funeral e vae ser uma profanação. Não me lembra quem se entrepõe, creio que foi Magalhães Lima. «Os estudantes que lhe peguem aos hombros» Estendem-se muitos braços, todos os braços que o rodeiam. Brito Aranha, muito impressionado, murmura: «Eu

não posso». Ha ali muita mocidade, toda a nossa mocidade, para trazer o estranho cinzelador. E todos o querem levar até á tarimba armada que recebe o caixão. Primeira paragem: ordens desencontradas, toda uma misturada de gente em redor, centenas de assinaturas em folhas de papel que estão sobre uma meza coberta de negro junto á delegação da Alfandega, nomes humildes e de celebridades, tudo ali se junta, se confunde na mesma homenagem.

O padre avança para o corpo e lê umas orações, todos os assistentes ouvem com respeito esse velho que reza e que vae seguir no enterro. Agora vão levar o corpo para o carro! Ah nunca essa maravilhosa mão de Raphael Bordallo teve mais arte: transformou esse coche mortuario num monte de perfumadas cores; e, senão fosse esse jogo de flores que o grande desenhador distribuiu com gosto, que tristeza seria esse enterro. Hortencias e rosas e lucia lima em cachos pendem numa atitude de desolação e as flores teem por vezes poses coreograficas. E' um jardim guardando o genio e os festões envolvem o carro, encimado por uma coroa de louros, tendo ao centro um bouquet enorme entrecruzando-se as flores umas com as outras, como pares num minuete dum parque encantado. Em redor o carro desaparece sob um chuveiro de cores, que nesse sol fulgurante, mais brilham, mais sinceridade espalham e parecem chorar, nessa agua de que estão molhadas. As dalias, as rosas, os fetos, que se

abrem em frente, dão um leque grandioso, e até as rodas estão envolvidas nos mesmos ramos floridos de onde, aqui e alem, pendem farrapos negros. De vez em quando uma flor desfalece, esfolha-se como para atapetar o caminho do mestre. Quem poderia dizer que é a morte que se cobre nesse carro; cheio de tanto perfume, de tanto sol, como uma jarra enorme e se não fosse o cocheiro — esse mesmo surgindo entre arbustos—tudo diria uma montanha do Olimpo, o monte Salvat, onde se guardasse um Deus. Iamos partir. Os creados levam os cavalos á arreata e essas quatro parelhas põem-se em movimento avançando para o arco da Rua Augusta. Cada um procura o seu trem, numa confusão grande, com serias dificuldades de passar. Abre-se caminho, com dificuldade, e a policia vê-se em embaraços, para dar logar aos convidados, tal é a multidão que se encontra no precurso, que se empurra sem piedade, sem considerações, porque o proprio Hintze Ribeiro e Arroyo que estavam ali, viram-se maltratados á partida do carro.

Raphael Bordallo é que não estava contente ainda. Andava em volta da sua obra, dispondo ali, apertando mais longe, estudando o efeito, como se estivesse ante a sua jarra Beethoven: logo tudo vae seguindo: o prior de S. Julião na sua carruagem, representantes da familia real, e convidados e admiradores. E toda esta gente grada da minha terra tomou os seus carros e lá entraram pelo Arco da Rua Augusta, cujas sanefas negras acena-

vam violentamente. Toda a rua Augusta, vista da praça, tinha um aspecto cheio de animação. As janelas repletas de senhoras com ramos de flores nas mãos, esperam o carro para deixar tambem o seu tributo e os candieiros, a meia luz, dão uma nota funebre, envolvidos tambem em crepes; ás embocaduras, ha carros e gente em cima que se descobre; e em varias lojas, veem-se numerosos retratos de escritores: Camilo, Herculano, a par. Noto uns trabalhos em esmalte, numa das emontras, que são dignos de registo. São retratos coloridos. De um lado, o solitário de S. Miguel de Seide, Eça de Queiroz e tambem, não sei porque, Mousinho da Silveira. Passa a montanha florida e as petelas vão caindo sempre, deixando manchas vermelhas, como sangue derramado. A lentidão é grande e as quatro parelhas marcham devagar para as poderem acompanhar os creados. Ao chegarmos ao Rocio, o vae-vem aumenta. Muita gente subiu pela rua do ouro, para apreciar de novo a ornamentação do carro, que dá a volta, para passar ante o Teatro D. Maria II, que tem colgaduras negras e pendendo do alto, fachas, que dão um tom grandioso ao monumento. Então, numa doçura de violinos gementes, ouve-se a marcha funebre de Chopin. O coche pára e nesse silencio tragico, parece que o som dos violinos deixa notas de uma agonia pungente. E contudo, que fraca expressão de sentimento nacional! Como nessa praça — nesse tempo, o Rocio era uma bela praça — se sentiria bem uma grande

orquestra portuguesa, com varias bandas, com centenas de violinos e violoncelos, tendo a banda da guarda o primeiro logar, e executando a marcha funebre do Crepusculo dos Deuses. Era pobre, tão pobre. Aventei esta ideia ao director do jornal de que era colaborador que me respondeu ser impossivel, demorando muito tempo os ensaios. Santo Deus, tinham tido um mez, todo um mez.

Aqueles violinos gementes deram uma nota sumida do que devia ter sido essa apoteose. E seguimos. Ante o Teatro do Principe Real, tambem decorado, gente á janela, mas nada mais. Creio que nem flores houve nas mãos dessas artistas. E o carro segue mais depressa, os ramos pendem mais, como braços que se abrissem, com os solavancos que o carro vae dando. Em varios pontos o kodac trabalha: são os ilustradores no seu oficio, e o coche segue mais depressa.

Esperam-nos ao chegar ao Cemiterio do Alto de S. João muitas pessoas que veem apanhar o enterro e se meteram no electrico. Toda essa gente sabe que haverá discursos e quer-se aproximar da egreja. Trabalho baldado. A policia contem á força: a avalanche rompe. O coche estacou ante o portal. Aperto maior que o calor torna insuportavel. De nada serve alegarmos que temos bilhete de convite. Na confusão a policia está louca, não dando ouvidos a nada. É preciso que se meta gente a explicar. Dos ultimos trens, os convidados, ficam quasi á porta. Por mais que se queiram aproximar, é impossivel.

A primeira impressão, ao entrar no Cemiterio: é a capela que está armada em espaldar, de veludo e ouro, tendo num laço, duas grandes letras brancas *E. Q.* A eça está armada com um pano, onde o ouro usado e a prata já velha, dão uma nota de tristeza. Logo que o corpo entra no Cemiterio para se dirigir á egreja começa a faina dos turnos.

O Dr. Magalhães Lima procura em volta, chama, dá o logar: agora é Conde d'Arnoso, cujo rosto traduz uma grande emoção; mais alem o Conde de Sabugosa, muito pensativo; Luiz de Soveral, sempre na sua elegancia; Camelo Lampreya, a admiravel figura de João Rosa; esse amoravel D. João da Camara; Raphael Bordallo, estes entre tantos, que é impossivel fixar. Da capela segue para o jazigo onde vae falar um ministro e Brito Aranha. Ah, onde estão os oradores do meu paiz, que não vieram falar á beira desta campa?! Onde está Antonio Candido e tantos outros, e porque faltaram neste momento? Estes pensamentos são crueis. Era assim. A ceremonia acaba neste entardecer fulgurante. Abre-se a porta do jazigo: uma capela pequena e elegante e quando lhe vão a pegar, uma voz diz:

—Não pode ser! E' excusado!

—Não pode ser o quê? pergunta Brito Aranha.

—O caixão não entra.

—Como não entra!

—E' grande demais!

Um extremecimento passa em todos, comoção

indiscritivel. «O caixão não pode entrar» Ha um movimento em que ninguem sabe o que hade fazer. Que grande admiração para esta gente. Pensaram estes homens, estes artistas, estes jornalistas, estes escritores que Eça de Queiroz poderia ficar nesta pequenina capela?! Não, aquele vulto, pedia um portico de catedral para entrar; e, esse: era o dos Jeronimos.

Como tudo isso se convenceu que o meteria, como qualquer cidadão, num cantinho de jazigo, num vão qualquer? Puro engano.

—«E que fazer agora?

—Arrancar as argolas,cortar o caixão?»

O pensamento arripiou. Decidiu-se leva-lo para a egreja do Cemiterio; ao menos, ali, cabia mal, muito mal, mas cabia; era a maior capela nesse campo de mortos e ainda assim pequena para Eça de Queiroz.

Pôr de sol. Ele lá ficou, entre outros corpos, esse que foi o maior escritor do seu tempo, emquanto tudo debanda rapidamente.

O povo desapareceu, perdendo-se agora pelas tabernas proximas. Voltamos á cidade que já tirou os crepes, que já esqueceu na sua eterna ingratidão, como se pudesse esquecer este homem cujo nome enche de fulgor a Historia Literaria.

DA INFELICIDADE DA COMPOSIÇÃO, ERROS DA ESCRIPTURA E OUTRAS IMPERFEIÇÕES DA ESTAMPA, NÃO HA QUE DIZER-VOS: VÓS OS VEDES, : : : VÓS OS CASTIGAI : : :

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO